

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO ASSOCIADO EM  
EDUCAÇÃO FÍSICA – UEM/UEL

**GUILHERME MORAES BALBIM**

---

**VALIDAÇÃO PARA A POPULAÇÃO  
BRASILEIRA DA ESCALA DE  
DOMINÂNCIA TÉLICA (TDS) NO  
CONTEXTO ESPORTIVO**

---

Maringá  
2013

**GUILHERME MORAES BALBIM**

---

**VALIDAÇÃO PARA A POPULAÇÃO  
BRASILEIRA DA ESCALA DE DOMINÂNCIA  
TÉLICA (TDS) NO CONTEXTO ESPORTIVO**

---

Dissertação de Mestrado  
apresentada ao Programa de Pós-  
Graduação Associado em Educação  
Física – UEM/UEL, para obtenção do  
título de Mestre em Educação Física.

**Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lenamar Fiorese Vieira**

Maringá  
2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Biblioteca Central - UEM, Maringá, PR, Brasil)

B172v Balbim, Guilherme Moraes  
Validação para a população brasileira da Escala de Dominância Tética (TDS) no contexto esportivo / Guilherme Moraes Balbim. -- Maringá, 2013.  
125 f. : il., figs., tabs.

Orientador: Prof.a Dr.a Lenamar Fiorese Vieira.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências da Saúde, Departamento de Educação Física, Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física UEM/UEL, 2013.

1. Psicometria. 2. Teoria Reversa. 3. Telic Dominance Scale. I. Vieira, Lenamar Fiorese, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências da Saúde. Departamento de Educação Física. Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física UEM/UEL. III. Título.

CDD 21.ed. 796.01


ECSL-00685

**GUILHERME MORAES BALBIM**

**VALIDAÇÃO PARA A POPULAÇÃO  
BRASILEIRA DA ESCALA DE DOMINÂNCIA  
TÉLICA (TDS) NO CONTEXTO ESPORTIVO**


Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física – UEM/UEL, na área de concentração em Desempenho Humano e Atividade Física, para obtenção do título de Mestre.

APROVADA em 08 de fevereiro de 2013.



---

Prof. Dr. Ricardo Weigert Coelho



---

Prof. Dr. José Luiz Lopes Vieira



---

Profa. Dra. Lenamar Fiorese Vieira  
(Orientadora)

# Dedicatória

---

---

*Dedico este trabalho aos meus pais, minha avó e à memória de meu avô João, meu maior exemplo.*

# **Agradecimentos**

Ao finalizar esta dissertação, gostaria de agradecer àqueles que contribuíram para minha formação acadêmica na pós-graduação:

Ao Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física UEM/UEL, pela oportunidade de iniciar minha vida acadêmica e por todo apoio estrutural oferecido durante a realização do curso de pós-graduação.

Ao corpo docente Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física UEM/UEL, pelos conhecimentos que me foram oferecidos.

À banca examinadora, Prof. Dr. Ricardo Weigert Coelho e Prof. Dr. José Luiz Lopes Vieira, pelas correções e sugestões que contribuíram para a realização deste trabalho.

A minha orientadora Lenamar Fiorese Vieira, pela oportunidade de ingressar no mestrado, por todo aprendizado, incentivo e dedicação, que contribuíram de forma decisiva para meu amadurecimento científico, profissional e pessoal.

Aos sujeitos do estudo e aos respectivos técnicos e entidades que aceitaram participar do estudo.

À Capes pelo apoio ao desenvolvimento científico deste estudo e pelo auxílio financeiro recebido.

Ao grupo Pró-Esporte (CNPq/UEM), que desde minha graduação tem tido grande participação em meu crescimento científico e profissional.

Aos meus colegas de mestrado e doutorado, em especial ao Marcus, Regina e José Roberto pela companhia, ajuda, pelas conversas acadêmicas e/ou corriqueiras, pelas parcerias acadêmicas, viagens e momentos de diversão.

Aos meus amigos de infância Rafael, Thiago e Alan e aos conhecidos em Maringá, em especial ao André, Hugo, Felipe, Paulo Vitor, Michael e Rafael por inúmeros momentos agradáveis em situações diversificadas.

Em especial, a toda minha família, especialmente meu pai Nilson, minha mãe Maria Teresa, minha avó Terezinha e a memória de meu avô João, por todo apoio, incentivo e suporte em todos os momentos e decisões de minha vida.

E a Deus, por colocar pessoas tão especiais em minha vida e por sempre me iluminar.

BALBIM, Guilherme Moraes. **Validação para a população brasileira da escala de dominância télica (TDS) no contexto esportivo**. 2012. 126f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Ciências da Saúde. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2013.

## RESUMO

---

---

O objetivo do estudo foi validar para a língua portuguesa e para uma população brasileira o *Telic Dominance Scale* (TDS). Participaram do estudo quatro tradutores e três doutores em Psicologia do Esporte que estiveram envolvidos nos processos de tradução, adaptação e validação de conteúdo da versão para língua portuguesa do TDS. A amostra foi composta por 293 atletas de 15 municípios do estado do Paraná participantes da fase final dos Jogos Abertos do Paraná 2012 e 98 atletas do município de Jundiaí-SP participantes dos Jogos Abertos do Interior 2012, totalizando 391 atletas, 204 do gênero masculino e 187 do feminino, de 13 modalidades coletivas e individuais: basquetebol (90), handebol (87), atletismo (36), voleibol (31), futsal (29), natação (26), *taekwondo* (21), futebol de campo (19), ciclismo (17), tênis (13), ginástica rítmica (09), rúgbi (08) e vôlei de praia (05). O instrumento de validação foi o *Telic Dominance Scale* (TDS), composto por 42 itens contendo três opções de preferência para determinadas ações. Foi realizada a dupla tradução reversa (*back translation*), análise da validade de conteúdo, análise descritiva dos dados por meio de valores de média, desvio-padrão, mínimo e máximo. Foi verificada a consistência interna do TDS para língua portuguesa por meio do alfa de *Cronbach*, análise da estabilidade temporal (fidedignidade teste-reteste) por meio do coeficiente de correlação intraclasses e análise da validade de constructo por meio da análise fatorial confirmatória. Os resultados demonstraram que 12 itens do TDS foram excluídos da versão para língua portuguesa devido a valores insuficientes no coeficiente de validação de conteúdo; a consistência interna de duas dimensões do instrumento foi satisfatória ( $\alpha=0,75$  e  $\alpha=0,74$ ) e de uma dimensão foi abaixo do recomendável ( $\alpha=0,44$ ); demonstrou-se boa estabilidade temporal com coeficiente de correlação intraclasses oscilando entre  $r=0,90$  e  $r=0,98$ ; quanto à validade de constructo, 13 itens foram excluídos da versão para língua portuguesa do TDS por não apresentarem fiabilidade individual; de forma geral, os valores dos indicadores de ajuste absoluto, incremental e parcimonioso do modelo do TDS com 17 itens ( $X^2=216,26$ ,  $GL=117$ ,  $P=0,001$ ,  $X^2/gl=1,84$ ,  $GFI=0,94$ ,  $RMR=0,09$ ,  $RMSEA=0,04$ ,  $TLI=0,82$ ,  $NFI=0,81$ ,  $AGFI=0,92$ ,  $CFI=0,90$ ,  $ECVI=0,72$ ) expressaram a validade de constructo aceitável da versão para língua portuguesa. Conclui-se: a Escala de Dominância Télica (TDS), versão para língua portuguesa do *Telic Dominance Scale* (TDS) é válida e confiável para aplicação no contexto brasileiro.

**Palavras-Chave:** Psicometria. Teoria reversa. *Telic Dominance Scale*.



BALBIM, Guilherme Moraes. **Validation to brazilian population of telic dominance scale (TDS) in sport context**. 2012. 126f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Ciências da Saúde. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2013.

## ABSTRACT

---

---

The purpose of this study was to validate to portuguese language and brazilian population the Telic Dominance Scale (TDS). Participated four translators and three Phd in sports psychology who were involved in the processes of translation, adaptation and content validation to portuguese language of TDS. The sample was composed of 293 athletes of 15 cities of Paraná state participants of 2012 Parana's Open Games final phase and 98 athletes of Jundiaí-SP participants of 2012 Interior Open Games, with total sample of 391 athletes, 204 male and 187 female, of 13 team and individuals modalities: basketball (90), handball (87), athletics (36), volleyball (31), indoor football (29), swimming (26), taekwondo (21), football (19), cycling (17), tennis (13), rhythmic gymnastics (09), rugby (08) and beach volleyball (05). The validation instrument was the Telic Dominance Scale (TDS), composed of 42 items with three options for certain situations. It was used the back translation method, analysis of content validity, descriptive analysis of data by mean values (X), standard deviation (SD), minimum and maximum. Was verified TDS internal consistency for Portuguese language through Cronbach's alpha, temporal stability (test-retest reliability) by intraclass correlation coefficient and construct validity by the confirmatory factorial analysis. Results demonstrated that 12 items were excluded from the TDS portuguese version due insufficient values in validation content coefficient; the internal consistency of two dimensions of the instrument were satisfactory ( $\alpha = 0,75$  and  $\alpha = 0,74$ ), but one dimension was below the recommended ( $\alpha = 0,44$ ); showed good temporal stability by intraclass correlation coefficient ranging between  $r=0,90$  and  $r=0,98$ ; regarding construct validity, 13 items were excluded from TDS portuguese version because they did not present individual reliability; generally, the values of absolute, incremental and parsimonious model fit indicators of TDS with 17 items ( $X^2 = 216.26$ ,  $GL = 117$ ,  $P = 0.001$ ,  $X^2 / df = 1.84$ ,  $GFI = 0.94$ ,  $RMR = 0.09$ ,  $RMSEA = 0.04$ ,  $TLI = 0.82$ ,  $NFI = 0.81$ ,  $AGFI = 0.92$ ,  $CFI = 0.90$ ,  $ECVI = 0.72$ ) expressed acceptable construct validity of the portuguese version. Conclusion: the "Escala de Dominância Télica" (TDS), portuguese language version of Telic Dominance Scale (TDS) is valid and reliable for use in the brazilian context.

**Keywords:** Psychometry. Reversal theory. Telic Dominance Scale.

# LISTA DE FIGURAS

---

---

<b>Figura 1 -</b>	Estados metamotivacionais .....	09
<b>Figura 2 -</b>	Relação entre “sentir-se ativado” e tom hedônico para os estados téllico-paratéllico .....	12
<b>Figura 3 -</b>	Emoções somáticas geradas a partir de possíveis combinações dos estados téllico-paratéllico e negativismo-conformismo .....	13
<b>Figura 4 -</b>	Emoções transacionais geradas a partir de possíveis combinações dos estados maestria-simpatia e <i>autic-alloic</i> .....	14
<b>Figura 5 -</b>	Exemplo de modelo de análise fatorial confirmatória (AFC)	38
<b>Figura 6 -</b>	Coeficientes padronizados, intercorrelações entre fatores e erros associados a cada item no modelo de dois fatores (Seriidade do objetivo – SO; Orientação ao planejamento - OP) com 17 itens do TDS .....	66

## LISTA DE QUADROS

---

---

<b>Quadro 1</b> - Medidas para avaliar a qualidade de ajuste dos modelos estruturais na AFC .....	40
<b>Quadro 2</b> - Dimensões do <i>Telic Dominance Scale</i> .....	45
<b>Quadro 3</b> - Dimensões da Escala de Dominância Télica para a língua portuguesa com 17 itens .....	67

## LISTA DE TABELAS

---

---

<b>Tabela 1</b> - Opções de resposta correspondente ao estado metamotivacional télico para cada item do TDS .....	46
<b>Tabela 2</b> - Coeficiente de validação de conteúdo em relação a clareza de linguagem e pertinência prática dos 42 itens do TDS .....	54
<b>Tabela 3</b> - Frequência e percentual das modalidades esportivas por gênero da amostra do estudo .....	56
<b>Tabela 4</b> - Análise descritiva dos itens do TDS em relação à amostra de validação .....	58
<b>Tabela 5</b> - Análise descritiva das dimensões do TDS em relação à amostra de validação .....	59
<b>Tabela 6</b> - Consistência interna das dimensões do TDS e correlação item-dimensão .....	59
<b>Tabela 7</b> - Coeficiente de correlação intraclasse dos itens do TDS .....	61
<b>Tabela 8</b> - Coeficiente de correlação intraclasse das três dimensões do TDS ....	62
<b>Tabela 9</b> - Estimativas dos coeficientes padronizados do TDS .....	63
<b>Tabela 10</b> - Índices de ajustamento do modelo do TDS com 17 itens para a amostra de validação .....	64

# LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

---

---

<b>DEF</b>	Departamento de Educação Física
<b>CCS</b>	Centro de Ciências da Saúde
<b>CEFE</b>	Centro de Educação Física e Esporte
<b>UEM</b>	Universidade Estadual de Maringá
<b>UEL</b>	Universidade Estadual de Londrina
<b>TDS</b>	<i>Telic Dominance Scale</i>
<b>EDT</b>	Escala de Dominância Télica
<b>TCT</b>	Teoria Clássica dos Testes
<b>TRI</b>	Teoria de Resposta aos Itens
<b>CVC</b>	Coeficiente de Validação de Conteúdo
<b>CCI</b>	Coeficiente de Correlação Intraclasses
<b>AFE</b>	Análise Fatorial Exploratória
<b>AFC</b>	Análise Fatorial Confirmatória
<b>VEM</b>	Variância Extraída Média

# SUMÁRIO

---

---

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	14
1.1 <b>Caracterização do tema</b> .....	14
1.2 <b>Justificativa</b> .....	17
<b>2 OBJETIVOS</b> .....	19
2.1 <b>Objetivo Geral</b> .....	19
2.2 <b>Objetivos Específicos</b> .....	19
<b>3 REVISÃO DA LITERATURA</b> .....	20
3.1 <b>Teoria Reversa</b> .....	20
3.1.1 Os estados metamotivacionais .....	22
3.1.2 Instrumentos de medida da Teoria Reversa .....	29
3.1.3 Teoria Reversa e o esporte .....	31
3.2 <b>Psicometria e validação de instrumentos</b> .....	36
3.2.1 Psicometria.....	36
3.2.2 Validação de instrumentos .....	38
3.2.2.1 Validade de conteúdo .....	40
3.2.2.2 Validade de constructo .....	43
3.2.2.2.1 Estabilidade temporal (fidedignidade teste-reteste) .....	44
3.2.2.2.2 Dimensionalidade (Análise Fatorial Exploratória / Análise Fatorial Confirmatória) .....	45
3.2.2.2.3 Validade convergente e discriminante .....	54
3.2.2.2.4 Consistência interna .....	55
<b>4 MÉTODOS</b> .....	57
4.1 <b>Caracterização do estudo</b> .....	57
4.2 <b>Sujeitos</b> .....	57
4.3 <b>Instrumento de validação</b> .....	58
4.4 <b>Procedimentos para tradução e adaptação transcultural</b> .....	59
4.4.1 Formação de comitês .....	59
4.4.2 Dupla tradução reversa e independente .....	60
4.4.3 Análise teórica dos itens (validação de conteúdo) .....	60
4.4.5 Instrumento piloto .....	62

4.4.6 Aplicação e coleta .....	62
4.5 Análise dos dados .....	63
<b>5 RESULTADOS .....</b>	<b>65</b>
5.1 Validade de conteúdo do TDS .....	65
5.2 Perfil da amostra .....	68
5.3 Análise descritiva do TDS .....	70
5.4 Confiabilidade do TDS .....	72
5.5 Estabilidade temporal do TDS .....	73
5.6 Análise fatorial confirmatória do TDS .....	75
<b>6 DISCUSSÃO .....</b>	<b>81</b>
6.3 Análise descritiva do TDS .....	81
6.4 Confiabilidade do TDS .....	82
6.5 Estabilidade temporal do TDS .....	83
6.6 Análise fatorial confirmatória do TDS .....	85
<b>7 CONCLUSÃO .....</b>	<b>89</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>91</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>100</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>104</b>

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 Caracterização do tema

A busca pelo entendimento dos comportamentos humanos e suas relações com a prática esportiva tem sido foco de pesquisa da psicologia do esporte. Uma das temáticas mais exploradas desde a década de 1960 é a relação entre personalidade e esporte (BARA FILHO; RIBEIRO, 2005). Nesse sentido, as pesquisas em geral, são realizadas buscando determinar por meio do estudo dos traços de personalidade o perfil do atleta competitivo, as semelhanças e diferenças existentes entre atletas de diferentes níveis de *performance*, gênero, tipo de esporte, diferentes posições, bem como a comparação entre atletas e não-atletas (BARA FILHO; RIBEIRO, 2005).

Outra temática que tem sido foco de estudo da psicologia do esporte é a motivação, entretanto, Leidl (2009) aponta que considerando a riqueza dos conceitos da motivação, poucos pesquisadores têm dado o foco adequado em sua noção fundamental. O autor destaca que as pesquisas de motivação no esporte têm abordado questões menos ambíguas e mais explícitas, tendo como principais teorias utilizadas como suporte teórico aquelas relacionadas ao alcance de metas, motivação intrínseca, motivação extrínseca e atribuição.

Nesse sentido, Ingledew, Markland e Sheppard (2003) apontam que os pesquisadores têm tentado examinar as relações entre traços de personalidade e os motivos que levam as pessoas à prática de esportes e atividades físicas. Uma teoria utilizada para o estudo destas relações é a Teoria Reversa (APTER, 1982), que oferece uma estrutura geral para o entendimento do comportamento humano e suas experiências, tendo como base estudos fenomenológicos, psicométricos, experimentais e psicofisiológicos (APTER, MALLOWS, WILLIAMS, 1998). Esta teoria segundo Apter (2001, *apud* TATCHER et al., 2007) apresenta aplicações práticas em diversos contextos, como saúde, religião, educação, relacionamentos e esporte. Entretanto, não



existem instrumentos de medida na língua portuguesa que utilizem a Teoria Reversa (APTER, 1982) como base teórica para discussão das relações da personalidade com a motivação.

A utilização de questionários é um dos procedimentos metodológicos mais importantes para pesquisas na área da Psicologia do Esporte. No entanto, para que um questionário seja utilizado como um instrumento de medida psicológico em pesquisas, é fundamental que o mesmo seja validado para a população na qual será realizada a pesquisa (VALLERAND, 1989).

No Brasil, cada vez mais a utilização de instrumentos de medida para avaliação psicológica relacionada ao desempenho esportivo vem sendo utilizado para a realização de estudos. No entanto, na maioria das vezes, os pesquisadores têm produzido trabalhos com instrumentos estrangeiros, sem maiores preocupações com a avaliação da qualidade dos mesmos, validade interna e aplicabilidade para o contexto cultural brasileiro (PASQUALI, 1999).

Como a maior parte dos instrumentos de medida na área da Psicologia do Esporte é desenvolvida por pesquisadores de outros países, faz-se necessária a adaptação desses instrumentos da cultura do país de origem no qual foi criado para a cultura brasileira (PASQUALI, 2010), por meio dos procedimentos de tradução, validade e consistência interna (VALLERAND, 1989).

Comportamentos como a motivação, personalidade e emoções no contexto esportivo são constantemente estudadas, entretanto, não existem instrumentos na língua portuguesa que utilizem a Teoria Reversa (APTER, 1982) como base teórica para sua discussão. Para Apter (1981b), a teoria proporciona uma visão sistemática da variabilidade da natureza humana, das forças inatas e as estruturas que levam inevitavelmente à inconsistência do comportamento. A teoria apresenta como seus elementos principais que as necessidades psicológicas são formadas por pares opostos, ou seja, para toda necessidade psicológica existe outra que se opõe, estes chamados de estados metamotivacionais (APTER, MALLOWES, WILLIAMS, 1998). Estes estados são campos da mente que levam a pessoa a interpretar seus motivos de certa maneira em determinado tempo. Os pares tético-paratético e negativismo-

conformismo são os estados somáticos, os pares maestria-simpatia e autic-alloic são estados transacionais (FUJIYAMA, WILSON, KERR, 2005).

Para Kerr (1997) a dominância metamotivacional tem mostrado ser importante no contexto esportivo, sendo que cada par parece exercer papel crucial em diferentes modalidades e comportamentos. Summers e Stewart (1993) indicam que a dominância tética ou paratética desempenham papel na experiência de estresse e na preferência e participação em certos tipos de esportes. Os autores apontam que esportes explosivos (ex.: basquete, críquete) e esportes de resistência (corridas de longa de distância) tem sido associados com dominância tética e paratética, respectivamente, enquanto que esportes perigosos (páraquedismo e *motocross*) estão associados a aspectos da dominância paratética.

Pesquisas que envolvem a Teoria Reversa têm utilizado certos instrumentos para avaliar a dominância e o estado metamotivacional, como o *Telic Scale Measure* (TSM: SVEBAK; MURGATROYD, 1985), *Paratelic Dominance Scale* (PDS: COOK; GERKOVICH, 1993), *Motivation Style Profile* (MSP: APTER, MALLOWS, WILLIAMS, 1997) *Telic/Paratelic State Instrument* (T/PSI: O'CONNELL; CALHOUN, 2001). Entretanto, Kerr (1997) aponta um levantamento em que o instrumento mais utilizado era o *Telic Dominance Scale* (TDS). Estudos recentes têm utilizado o instrumento relacionando-os com diferentes contextos esportivos (KERR et al., 2006; JACKSON, SCHOMER, 2006; LEGRAND; BERTUCCI; THATCHER, 2009).

No entanto, após um extenso exame da literatura não foram encontrados estudos que avaliem a validade do TDS para o contexto brasileiro, o que demonstra a escassez de instrumentos que avaliam a dominância metamotivacional na população brasileira. O TDS foi foco de validação em países como a França (LOONIS et al., 2000), em que foi identificada boa inter-correlação entre os fatores, o alpha de *Cronbach* foi satisfatório, entretanto os autores apontaram validade imperfeita para a versão francesa. Porém, o estudo de validação foi feito com uma população de 72 sujeitos, muito abaixo do recomendável, dessa forma, é necessário a realização de estudos com população adequada para que a análise da validação para outros idiomas seja mais fidedigna.

Neste estudo o objetivo é realizar a validação lógica, por critérios, conteúdos e constructos para que seja possível a utilização deste instrumento em pesquisas no cenário científico e esportivo brasileiro, já que o uso de instrumento não validado compromete sua eficácia diagnóstica para outras culturas que não a de sua origem (VALLERAND, 1989). Em função das argumentações apresentadas e da carência de instrumentos validados para a língua portuguesa na área de psicologia do esporte, o presente projeto torna-se relevante para a comunidade científica da área.

## 1.2 Justificativa

As discussões em relação à dominância e aos estados metamotivacionais foram iniciadas na década de 1980 com os estudos de Apter (1981, 1982) a respeito da introdução das estruturas motivacionais fenomenológicas. Desde então, a temática tem sido focalizada sob ampla gama de tópicos e contextos, como saúde, religião, educação, relacionamentos e esportes (MALES et al., 2006).

Alguns estudos demonstraram como agem os pares metamotivacionais, em especial o tólico-paratólico, no contexto esportivo (FUJIYAMA; WILSON; KERR, 2005; KERR, 2006; TATCHER et al., 2007). Contudo, muitos aspectos e fatores como o envolvimento nos eventos, local e atividades também são apontados como influenciadores na mudança de um estado metamotivacional para outro (KERR; TACON, 1999; KERR et al., 2002). Além disso, alguns estudos apontaram para a presença de alguns estados metamotivacionais em detrimento a outros de acordo com a participação em atividades físicas (LINDNER; KERR, 2001).

Este estudo se justifica pela necessidade de traduzir e validar para a realidade brasileira um instrumento que possa conduzir a uma análise específica da dominância e estados metamotivacionais, a *Telic Dominance Scale* (TDS).

A TDS poderá contribuir diretamente para as pesquisas na área esportiva e da Psicologia do Esporte no Brasil, como instrumento nessas linhas de estudos. Tanto os atletas quanto os técnicos e dirigentes poderão se beneficiar do conhecimento dos

estados metamotivacionais, podendo atuar de maneira mais focada em diferentes características de acordo com a dominância e estado motivacional do indivíduo. Dessa forma, a busca pelo melhor desempenho e bons resultados pode ser facilitada, já que a intervenção pode ser realizada de forma específica de acordo com o estado metamotivacional mais presente.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1. Objetivo Geral**

Validar para a língua portuguesa e para população brasileira o *Telic Dominance Scale (TDS)* no contexto esportivo.

### **2.2. Objetivos Específicos**

- Realizar a tradução reversa e independente do *Telic Dominance Scale (TDS)* para a língua portuguesa;
- Verificar a validade de conteúdo dos itens do TDS para a língua portuguesa quanto à clareza de linguagem, pertinência prática e dimensão teórica;
- Identificar a consistência interna e estabilidade temporal da versão para língua portuguesa do TDS;
- Avaliar a validade fatorial confirmatória do TDS para língua portuguesa.

# **3 REVISÃO DA LITERATURA**

Para um melhor entendimento da teoria utilizada como suporte teórico para a construção do instrumento, a revisão de literatura está estruturada em dois capítulos. Inicialmente serão abordados os conceitos-chave necessários para a compreensão da teoria reversa (APTER, 1982) e suas aplicações no contexto esportivo. No segundo capítulo o foco será acerca de conceitos e aplicações da psicometria, adaptação e validação de instrumentos.

## **3.1 Teoria Reversa**

A teoria Reversa (APTER, 1982, 1989) é apontada por Kerr (1997) como uma teoria de personalidade, motivação e emoção que apresenta certas características únicas e inovadoras. Tais características apontadas por Kerr (1997) são: a) é uma teoria geral e aplicável a diversas áreas da investigação psicológica, fenomenologicamente baseada e preocupada com processos subjetivos, cognição e afeto, e a experiência da própria motivação; b) é estruturada no sentido que a experiência fenomenológica pode ser influenciada por certas estruturas e padrões; c) enxerga que o ser humano é inerentemente inconsistente em seu comportamento e busca discutir alternâncias ou reversões entre os pares de estados metamotivacionais que formam a base da personalidade humana e da motivação.

Apter (1989) demonstra que uma das diferenciações da teoria é a busca pela integração de dados de diferentes áreas da psicologia dentro de uma teoria geral unificada. Os primeiros estudos responsáveis pelo surgimento da teoria decorreram da observação do comportamento de crianças em clínicas de orientação na década de 1970 com questionamentos a respeito da teoria do nível de ativação ótimo, seguidos

pelos estudos relacionados a bi-estabilidade e a estrutura fenomenológica da teoria (1981a, 1981b).

Apter (1989) ainda aponta que a teoria desafia vários pressupostos básicos da psicologia, especialmente o da homeostase nas teorias de motivação e a ênfase na consistência do comportamento quando trata-se de personalidade. Nesse contexto, Cook et al. (1995) explicitam que a teoria reversa desafia a ideia de traços de personalidade e sugerem que as pessoas flutuam entre estados metamotivacionais. Além disso, Finfgeld et al. (2003) evidenciam que em geral, os teóricos rejeitam outros modelos de comportamento humano como o cognitivista, construtivismo social e comportamentalista.

As características inovadoras da teoria fizeram com que fosse utilizada em diversos campos do conhecimento, como na área da saúde em relação ao tabagismo (GERKOVICH et al., 1993, O'CONNELL et al., 2000) enfermagem, (FINFGELD, 2003) e fisioterapia (THATCHER et al., 2007), vícios (MILLER, 1985; ANDERSON; BROWN, 1987), inteligência (GIRAUDEAU et al., 2007), delinquência (BOWERS, 1985), violência (APTER, 1997) área empresarial (CARTER; DAVIES, 2004), música (MAKRIS; MULLET, 2009), e por fim, no contexto esportivo (KERR, 1987; BRAATHEN; SVEBACK, 1992; KERR, 1993; BLAYDONA; LINDNER; KERR, 2002; BINDARWISH; TENENBAUM, 2006; CROMER; TENENBAUM, 2009; KERR; MALES, 2010).

A teoria apresenta como um de seus elementos principais que as necessidades psicológicas são formadas por pares opostos, ou seja, para toda necessidade psicológica existe outra que se opõe, estes chamados de estados metamotivacionais (APTER, MALLOWS, WILLIAMS, 1997). Para Kerr (1997), estes estados são campos da mente responsáveis pela interpretação dos motivos individuais e estão relacionados a maneira como as pessoas experimentam seus motivos. Nesse sentido, esses estados são considerados “meta” ou estados de alta-ordem. Os pares de estados metamotivacionais alternativos coexistem separadamente, o que pode ser classificado como bi-estabilidade, termo adotado a partir da cibernética. Dessa forma, é proposta a existência de quatro pares ou díades de estados metamotivacionais que interagem

entre si e formam um sistema multiestável (APTER, 1982,1989, 2001; KERR, 1993, 1997).

### 3.1.1 Os estados metamotivacionais

Um dos pressupostos básicos para a compreensão da teoria reversa é o entendimento dos oito estados metamotivacionais que formam a estrutura multiestável da teoria reversa. Murgatroyd (1985) aponta que um dos motivos para a existência desses pares opostos é o uso da palavra “estado”, que é usada para descrever a pessoa naquele momento, podendo mudar rapidamente e ser influenciado por questões ambientais, transações interpessoais, processos cognitivos, mudanças biológicas e motivação. Os pares télico-paratélico e negativismo-conformismo são os estados somáticos, e estão relacionados diretamente com o nível de ativação; os pares maestria-simpatia e *autic-alloic* são estados transacionais, resultantes da relação com objetos ou outras pessoas (FUJIYAMA, WILSON, KERR, 2005).



**Figura 1** – Estados metamotivacionais (adaptado de Kerr, 1997, p.19).



O par tético-paratético é apontado por Lafreniere (1993) como relacionado principalmente ao nível de ativação e aos fins e metas de uma atividade. O estado tético (originário do grego *telos*, que significa “meta” ou “fim”) em que o indivíduo é tipicamente sério e orientado à meta, com tendência a envolver planejamento à frente e relacionado com o futuro. Nesse estado a pessoa geralmente tem preferência por experimentar baixos níveis de ativação. Enquanto que no estado paratético (do grego “ao lado” ou “junto”) a pessoa tem um comportamento espontâneo, impulsivo e orientado à sensação, com preferência de altos níveis de ativação. Nesse estado, as metas ao invés de serem sérias e numa perspectiva a longo-prazo são mais voltadas ao prazer da situação (APTER 1982, 1989, KERR, 1997).

O estado paratético apresenta uma característica especial, denominada de emoções *parapathics*, que formam um campo de proteção paratético (KERR, 1993; KERR, 1997; KERR; KOCK, 2002; KERR, MACKENZIE, 2012). Refere-se a emoções negativas ou não prazerosas que podem ser experimentadas como prazerosas dentro de um campo de proteção fenomenológico, isso ocorre devido a diferentes maneiras de interpretar os conteúdos da experiência em um momento em particular. Esse campo psicológico afeta principalmente a percepção de risco, fazendo com que fatores perigosos e ameaçadores de uma atividade se transformem em agradáveis e prazerosos.

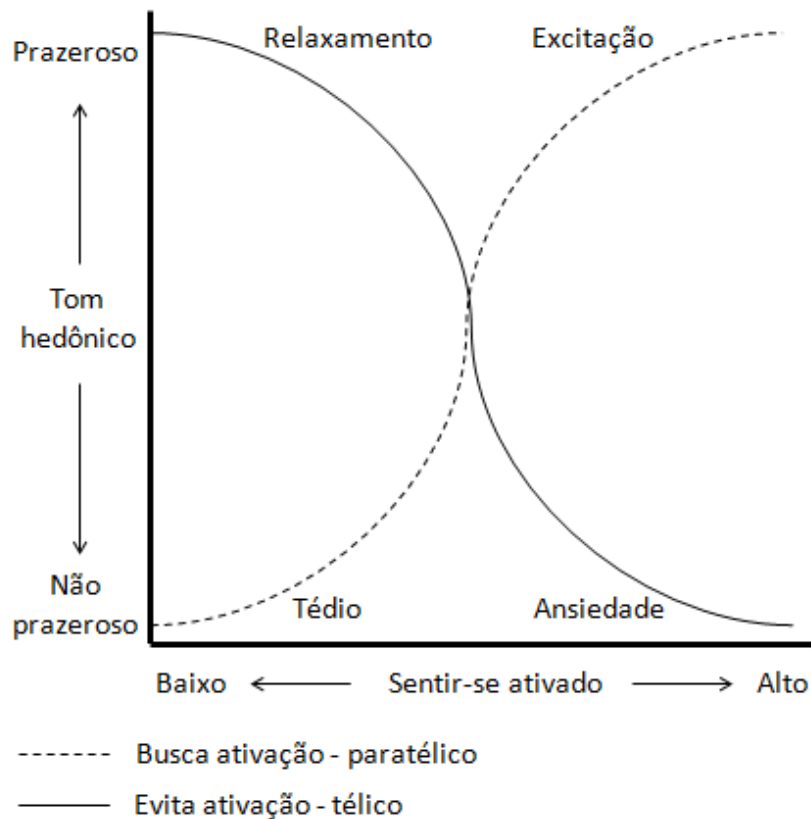
Um aspecto importante entre as díades metamotivacionais diz respeito a como a pessoa se enxerga seguindo pressões e exigências sociais, e estas características são encontradas no par negativismo-conformismo (LAFRENIERE, 1993). Se o sistema negativista esta operante a pessoa tende a ser revoltada, teimosa e desafiadora, com sentimentos de necessidade de quebrar regras ou reagir contra qualquer imposição externa. Por outro lado, pessoas no estado conformista são geralmente agradáveis e cooperativas, além de aceitarem facilmente regras ou requisições (KERR, 1997).

A teoria reversa também apresenta dois pares transacionais, que dizem respeito à experiências de emoções que surgem da relação com outras pessoas, situações e objetos, um dos pares é o maestria-simpatia. No estado de maestria o indivíduo está

preocupado em apresentar alta competitividade e foca suas emoções na resistência e força para manter-se no controle da situação. Em relação ao estado de simpatia, este se refere à empatia com os outros, como os sentimentos de harmonia ou unidade comum com os outros (KERR, 1997).

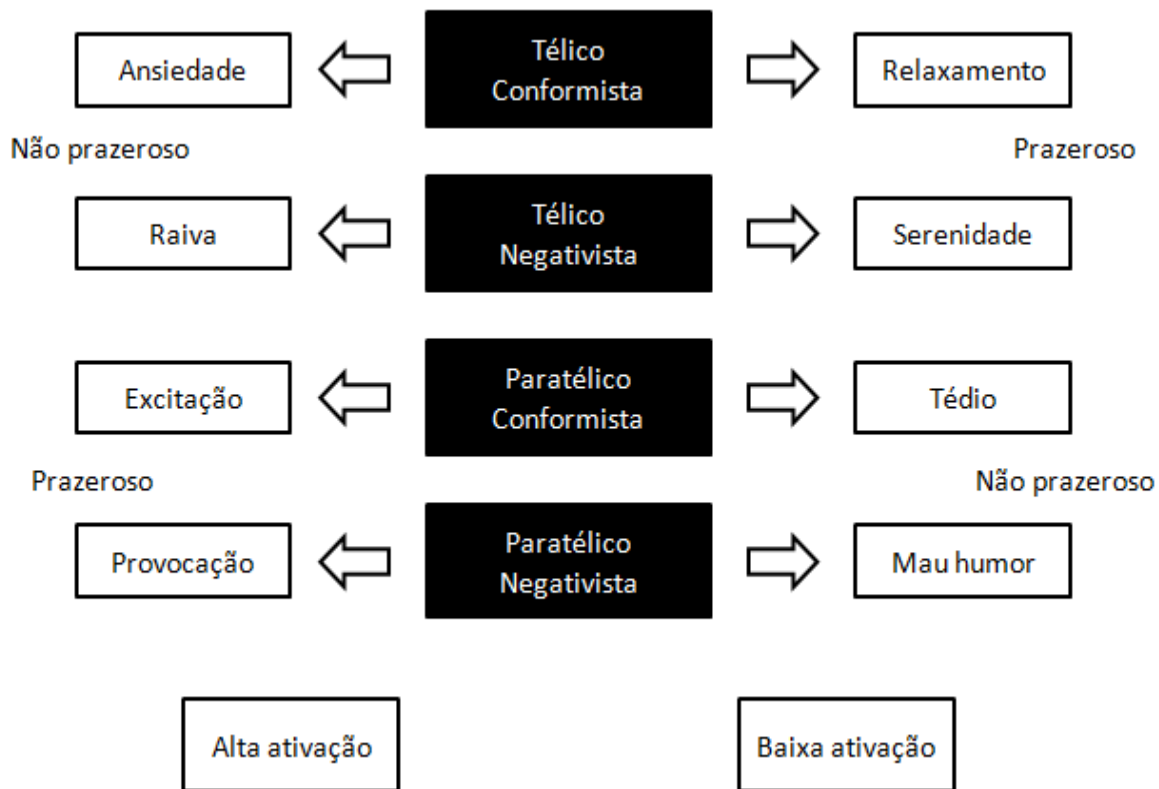
O outro par transacional proposto é o *autic-alloic*. No estado *autic* (do grego *auto* que está relacionado ao *self*, ao eu) as pessoas estão interessadas em ficar satisfeitas a partir do resultado de qualquer interação com outra pessoa. Quando o estado *alloic* (do grego *allo* que significa “outro”) está operante em qualquer interação, a pessoa está focada ao que acontece com as outras pessoas ou objetos, o prazer e satisfação são alcançados a partir de resultados com sucesso em relação ao que acontece com o outro (KERR, 1997).

Os dois pares de estados metamotivacionais somáticos apresentam uma relação específica com o que Apter (1982) classifica como “sentir-se ativado”, que está relacionado a ativação do indivíduo. O “sentir-se ativado” por sua vez se relaciona de forma bi-estável com o “tom hedônico” ou a experiência de prazer. Estas relações acontecem principalmente com o par télico-paratélico e a preferência é para baixo e alto sentimento de ativação, respectivamente, e “tom hedônico” positivo e sentimentos de relaxamento (télico) e excitação (paratélico) como resultado. Por outro lado, altos níveis de ativação no estado télico e baixos níveis de ativação no estado paratélico estão associados com tom hedônico negativo e sentimentos de ansiedade (télico) e tédio (paratélico). Estas relações podem ser observadas na Figura 2.



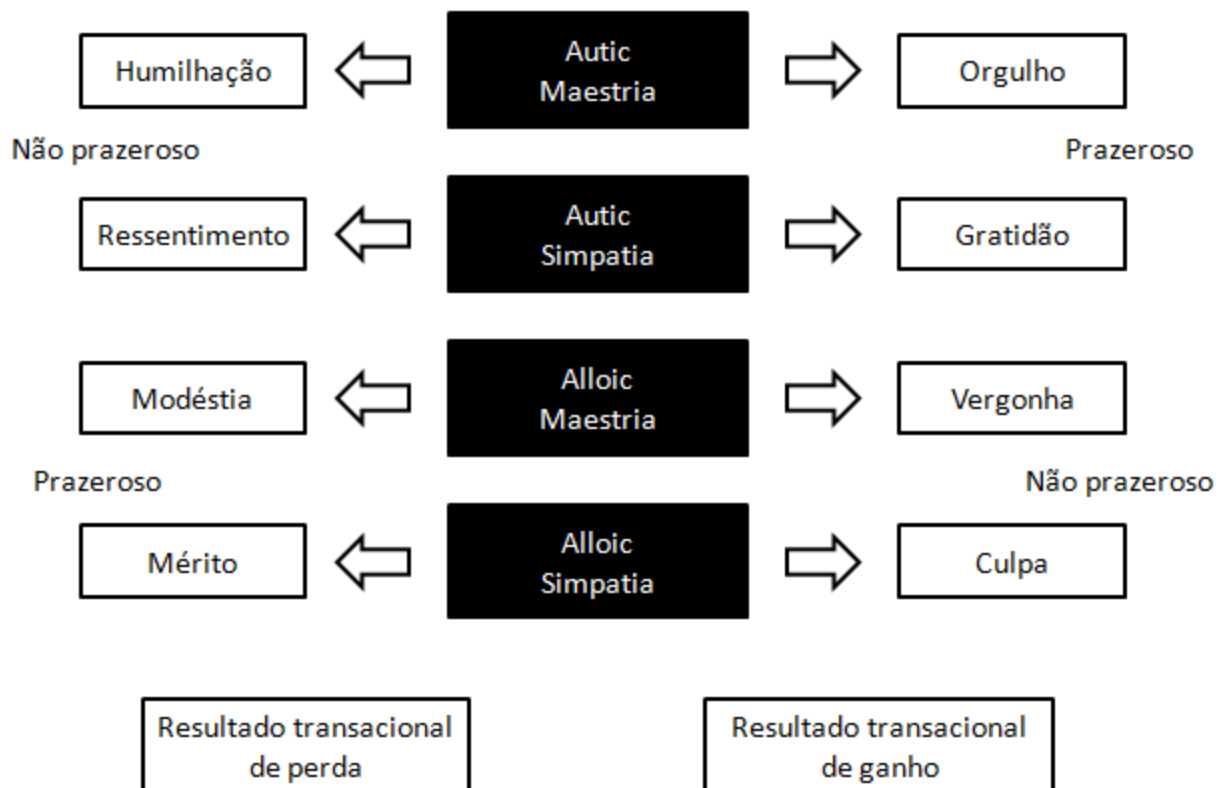
**Figura 2** – Relação entre “sentir-se ativado” e tom hedônico para os estados tético-paratético (adaptado de Kerr, 1997, p.91).

Em geral, incompatibilidade ou discrepâncias no nível de ativação de acordo com o estado metamotivacional podem provocar estresse no indivíduo (APTER, 1982; KERR, 1997). Entretanto, a relação entre o par tético-paratético e a ativação torna a forma de preferência, e sob certas condições, altos níveis de ativação no estado tético ou baixos níveis no paratético talvez sejam bem tolerados. Quando analisados em conjunto os dois pares de emoções somáticas (tético-paratético e negativismo-conformismo) com a relação de “sentir-se ativado” e tom hedônico, oito emoções somáticas surgem das várias combinações dos estado metamotivacionais: relaxamento, ansiedade, serenidade, raiva, excitação, tédio, provocação e mau humor (Figura 3).



**Figura 3** – Emoções somáticas geradas a partir de possíveis combinações dos estados télico-paratélico e negativismo-conformismo (adaptado de Kerr, 1997, p.19).

Assim como as emoções somáticas se combinam e formam oito possíveis emoções, os dois pares transacionais (*maestria-simpática* e *autic-alloic*) podem se combinar e formar outras oito possíveis emoções: humilhação, orgulho, ressentimento, gratidão, modéstia, vergonha, mérito, culpa. Porém, a relação não é com a ativação, e sim com resultados transacionais do relacionamento com outras pessoas, ambientes ou objetos (Figura 4).



**Figura 4** - Emoções transacionais geradas a partir de possíveis combinações dos estados maestria-simpatia e *autic-alloic* (adaptado de Kerr, 1997, p.20).

Alguns indivíduos têm a tendência ou predisposição de passar mais tempo em um ou outro estado dos pares metamotivacionais. Esta tendência de predominantemente estar em um estado metamotivacional em detrimento a outro é conhecida como dominância metamotivacional, e entendida como algo inato ao indivíduo (APTER, 1982; LAFRENIERE; CRAMER, 2006). A dominância como descrita talvez sugira alguma forma de consistência do comportamento, algo similar aos traços de personalidade, entretanto, a noção de dominância não é a mesma dos traços convencionais, porque não apresenta a mesma invariabilidade dos traços como a extroversão ou introversão (KERR, 1993). As pessoas tendem a modificar na quantidade de tempo que passam em cada estado, podendo existir diferentes tipos de dominância de acordo com algumas situações particulares (APTER, 2001; SHEPHERD; LEE; KERR, 2006).

Nesse sentido, Fujiyama, Wilson e Kerr (2005) indicam que as pessoas alternam ou revertem entre os pares de estados metamotivacionais durante a vida cotidiana, resultando em mudanças significativas nas perspectivas, motivações e experiências emocionais. As reversões são entendidas por Apter (1989) como processos involuntários que ocorrem quando os fatores para mudança são mais fortes do que aqueles que poderiam inibir a reversão. Entretanto, Potocky e Murgatroyd (1993) apontam que as pessoas às vezes podem em circunstâncias aumentar a possibilidade de uma reversão acontecer.

Pesquisadores (APTER, 1982, 1989; KERR, 1993, 1997; THATCHER; KERR; AMIES; DAY) propõe que as reversões entre dois estados metamotivacionais podem ser provocadas por três agentes indutores de reversão: contingência do ambiente, frustração ou saciedade. A contingência do ambiente ocorre quando alguma situação do ambiente é interpretada de maneira que alguma característica do indivíduo é alterada, impulsionando a reversão. Kerr (1993) apresenta um exemplo voltado ao esporte: uma pessoa está jogando *squash* com um colega que tem menos habilidade, mas está aproveitando a atividade de rebater as bolas e fazer o colega correr e o resultado não lhe importa tanto. Porém, durante o jogo, o colega começa a ficar agressivo, empurrando, mirando a bola no corpo e por fim a acerta com a raquete. Devido ao comportamento do colega (contingência do ambiente) irá ocorrer uma reversão de seu estado metamotivacional.

Em relação à frustração, este agente indutor ocorre quando as necessidades do indivíduo não estão sendo satisfeitas em um estado metamotivacional, o que intensifica a ocorrência de uma reversão. Kerr (1993) demonstra um exemplo prático: uma pessoa vai assistir ao jogo de seu time contra o principal rival, chega cedo ao estádio e se sente animado ao ver a torcida apoiando o time ao entrar no campo de jogo. O indivíduo está no estado paratético e com alto nível de ativação no início do jogo, mas seu time não está se desempenhando bem e o rival está vencendo, o árbitro está apitando contra seu time e o principal jogador se machuca. Como o fim do jogo está próximo e as chances de seu time são pequenas, a frustração faz com que ocorra uma reversão para o estado tético, experimentando ansiedade devido a alta ativação.

O último agente indutor, a saciedade, ocorre quando o indivíduo está há muito tempo no mesmo estado metamotivacional, o que aumenta a possibilidade de ocorrer a reversão para o estado oposto. Kerr (1993) apresenta um exemplo: um maratonista amador que faz suas sessões de treinos após o trabalho, mas segue um planejamento com variações decididas em conjunto com o treinador, o que faz o treino ter uma conotação séria e organizada, típico do estado télico. Porém, antes de um dos treinos houve uma discussão com o treinador sobre o programa de treinos da próxima semana; o atleta aquece e começa o treino normalmente, mas devido a discussão e por fazer tantos treinos da mesma forma, este dia o treino é feito de maneira casual, sem pressão e aproveitando o momento, ou seja, houve uma reversão para o estado paratélico.

As reversões e os agentes indutores apresentam grande importância para a saúde psicológica, já que Murgatroyd e Apter (1984) citam que uma pessoa que apresenta inconsistência no comportamento, no sentido de realizar reversões face a situações externas ou necessidades internas, pode ser considerada saudável. Dessa forma, é importante a discussão e compreensão dos estados metamotivacionais, de suas reversões e da teoria como um todo em diversos contextos.

### **3.1.2 Instrumentos de medida da Teoria Reversa**

A partir dos conhecimentos gerados pelo entendimento dos conceitos-chave da teoria reversa, surgiu a necessidade da construção de instrumentos de mensuração que contemplassem os constructos da teoria. Kerr (1997) aponta que alguns instrumentos foram desenvolvidos para avaliar formas de dominância metamotivacional. Estes incluem a *Telic Dominance Scale* (MURGATROYD et al., 1978), a *Telic State Measure* (SVEBACK; MURGATROYD, 1985) a *Paratelic Dominance Scale* (COOK; GERKOVICH, 1993), a *Negativism Dominance Scale* (McDERMOTT; APTER, 1988), *Motivational Style Profile* (APTER; MALLOWS; WILLIAMS, 1995) e a *Telic/Paratelic State Instrument* (O'CONNEL; CALHOUN, 2001).

A *Telic State Measure* (SVEBACK; MURGATROYD, 1985) avalia o estado télico momentâneo do indivíduo, é composto por 5 itens que avaliam a seriedade, orientação

ao planejamento, nível de ativação momentâneo, nível de ativação preferido e esforço despendido na atividade. Todos itens em uma escala de 1 a 6, em que baixos escores indicam dominância télica.

O instrumento *Paratelic Dominance Scale* (COOK; GERKOVICH, 1993) possui 30 itens de dominância télica e paratélica em formato de verdadeiro ou falso. Os itens estão distribuídos em nas subescalas de divertimento, espontaneidade e busca por ativação, sendo que altos valores refletem em dominância paratélica.

A *Negativism Dominance Scale* (McDERMOTT; APTER, 1988) é composta por 18 itens distribuídos em duas dimensões, o negativismo proativo e o negativismo reativo. Os itens apresentam 3 opções de resposta para determinadas situações de dominância negativista, quanto maior o valor em cada dimensão e no total o indivíduo apresenta estado metamotivacional dominante negativista.

O *Motivational Style Profile* (APTER; MALLOWS; WILLIAMS, 1995) consiste de 70 itens numa escala *Likert* de 6 pontos variando de nunca a sempre. O instrumento possui 10 subescalas: télico, paratélico, evita ativação-busca, ativação, negativismo, conformismo, *autic*-maestria, *alloic*-simpatia, *alloic*-maestria e *autic*-simpatia. A dominância de cada subescala é obtida pela subtração do segundo estado pelo primeiro.

A *Telic/Paratelic* é uma escala com 12 itens distribuídos em duas dimensões, Busca por ativação/Evita a ativação e Seriedade/Diversão. Cada item deve ser respondido em uma escala *Likert* de 1 a 6, sendo que um extremo corresponde ao estado télico e o outro ao paratélico. Os resultados são obtidos a partir da soma dos itens, primeiramente por dimensão e posteriormente pela soma de todas questões.

O primeiro e mais utilizado instrumento foi elaborado por Murgatroyd et al. (1978), a *Telic Dominance Scale*, que é composta por 42 itens que avaliam a dominância de ações télicas. Cada item se refere a uma dimensão da dominância télica: seriedade do objetivo, orientação ao planejamento e evitar ativação. Os itens têm 3 opções de resposta de preferência de uma determinada ação, sendo que cada item contém uma resposta de dominância télica. Quanto maior o valor demonstrado em cada



dimensão, maior é a dominância télica do indivíduo na respectiva característica. O valor total de dominância télica é encontrado através da soma das dimensões, sendo que valores altos são indicativos de dominância télica no comportamento.

A *Telic Dominance Scale* foi apontada em levantamento realizado por Kerr (1997) como o instrumento mais utilizado nas pesquisas a respeito da dominância télica. Estudos recentes têm utilizado o instrumento relacionando-os com diferentes contextos esportivos (KERR et al., 2006; JACKSON, SCHOMER, 2006; LEGRAND; BERTUCCI; THATCHER, 2009).

### **3.1.3 Teoria Reversa e o esporte**

A teoria reversa é apontada como uma teoria que busca compreender a personalidade, motivação e emoção a partir dos conceitos-chave de bi-estabilidade, multiestabilidade, estados metamotivacionais e reversões (KERR, 1997). Roberts (2001 *apud* GEISLER; LEITH, 2007) aponta que o entendimento da motivação no contexto esportivo em décadas de estudo tem focado em constructos como percepção de competência, locus de controle, fatores extrínsecos e intrínsecos e alcance de metas, entretanto, na atualidade a visão interacionista baseada nas relações entre experiências individuais, atividade e ambiente é mais utilizada (KERR et al., 2006). Entre as abordagens contemporâneas a teoria reversa é uma de possibilidades para a compreensão da motivação esportiva.

Na mesma linha de pensamento, mas sobre a relação entre personalidade e esporte, Kerr (1997) aponta que este tem sido um tema popular e às vezes controverso desde que os estudos em psicologia do esporte começaram. Estas controvérsias são principalmente a respeito do tipo de abordagem do estudo da personalidade: de traço, situacional ou interativa e qual desses é mais efetivo para compreender o comportamento humano. Nesse sentido, Vealey (1992) aponta a necessidade de abordagens multimétodos e multiteóricas para a compreensão da estrutura e processo da personalidade e suas relações com o esporte e exercício.

Dessa forma, Kerr (1997) discute que esta abordagem multimétodo e multiteórica para o estudo da personalidade no esporte existe na forma da teoria reversa. Entretanto, ao invés de ser multiteórica, a teoria reversa é uma só, mas com uma visão teórica multinível da personalidade. O autor assinala no nível macro a noção de instabilidade e os estados metamotivacionais, que se sobrepõe ao nível meso, em relação aos processos dos estados metamotivacionais que, por exemplo, ditam níveis preferenciais de ativação. Por fim, como nível micro encontra-se as 16 possíveis emoções que os indivíduos experimentam nas conexões com as várias combinações dos estados metamotivacionais.

Nessa perspectiva, Fujiyama, Wilson e Kerr (2005) explicitam que a utilização dessas abordagens no esporte podem propiciar novas percepções em como as mudanças emocionais são associadas com a participação e desempenho em diferentes níveis. A relação da teoria reversa com o esporte tem conseguido contribuições em confirmar constructos teóricos, e ao mesmo tempo, pode proporcionar melhor compreensão da dinâmica psicológica do envolvimento de atletas em contextos esportivos.

A teoria reversa vem sendo utilizada no contexto esportivo desde seu surgimento, os primeiros estudos eram relacionados à dominância metamotivacional, principalmente do par tético-paratético, em modalidades como futebol, ciclismo, atletismo, natação, hóquei, triatlon, beisebol, críquete e voleibol (KERR, 1987; KERR; VAN LIEDEN, 1987; COX; KERR, 1989; SVEBACK; KERR, 1989). Além dessas modalidades, vários estudos foram conduzidos relacionando a teoria reversa com a escolha pela prática de atividades esportivas perigosas (KERR; SVEBACK, 1989; KERR, 1991)

A respeito dos primeiros estudos em relação ao par tético-paratético os resultados apontaram que entre praticantes recreacionais, amadores e profissionais de ciclismo e futebol, estes apresentaram maiores valores que os atletas amadores e recreacionais na orientação ao planejamento e seriedade do objetivo, além do escore total de dominância tética (KERR, 1987). Kerr e Van Lieden (1987) encontraram que entre atletas masters de natação os valores de orientação ao planejamento, seriedade

do objetivo e dominância tética foram superiores aos de atletas amadores e recreacionais.

Resultados semelhantes foram encontrados por Sell (1991 *apud* KERR, 1997) entre atletas de triatlon com diferentes níveis de habilidade, profissionais apresentaram maiores valores em evitar ativação do que amadores, característica de dominância tética. Em relação ao triatlon, Sveback e Kerr (1989) demonstraram que este esporte tem orientação a dominância tética, o que pode ser explicado pelo fato de ocupar um papel principal na vida dos atletas.

O par tético-paratético também foi pesquisado por Cox e Kerr (1989) em atletas de squash durante um campeonato. Os resultados demonstraram que apesar de ganhadores e perdedores não apresentaram diferenças nos níveis “sentir-se ativado” ou nos níveis preferidos de ativação, ambos apresentaram diferenças nos níveis preferidos de ativação em diferentes momentos do campeonato, concluindo que os perdedores passaram por estresse e tensão devido a níveis inadequados de ativação.

Os estudos a respeito de dominância metamotivacional em praticantes de atividades de risco em comparação com praticantes de esportes convencionais (KERR; SVEBACK, 1989; KERR, 1991) demonstraram que adeptos de atividades de risco no verão e inverno buscam maiores níveis de ativação, característica paratética. Assim como praticantes de atividades de risco no inverno apresentaram menos seriedade de objetivos do que praticantes de esporte convencionais.

Após muitos estudos em relação a preferência esportiva e nível de habilidade, alguns estudos focaram na associação de reversões do par tético-paratético com o desempenho esportivo (HUDSON; WALKER, 2002). Entretanto, outras temáticas do contexto esportivo têm sido relacionadas com a teoria reversa, como lesões esportivas (COGAN; BROWN, 1999) dependência do exercício e transtornos alimentares (BLAYDONA; LINDNER; KERR, 2002), relações interpessoais (SHEPHERD; LEE; KERR, 2006), estresse (KERR et al., 2006), desempenho motor (CROMER; TENENBAUM, 2009), entre diferentes culturas (GEISLER; LEITH, 2007), agressão e violência (KERR, 2009) e experiências de derrota (KERR; MALES, 2010). Nota-se que

as pesquisas da teoria reversa no contexto esportivo buscam descobrir o papel dos níveis macro, meso e micro na influência do comportamento humano no esporte.

Hudson e Walker (2002) apontaram que jogadores de golfe sofreram reversões em seus estados metamotivacionais durante o campeonato devido aos três agentes indutores (contingência do ambiente, frustração e saciedade). Em relação a lesões esportivas, Cogan e Brown (1999) demonstraram que a dominância paratética e negativista se correlacionaram positivamente com maior número de lesões em praticantes de atividades de risco.

A teoria reversa foi relacionada com dependência de exercício físico transtornos alimentares em triatletas por Blaydona, Lindner e Kerr (2002), os resultados evidenciaram que atletas com transtornos alimentares apresentaram diferença significativa na dominância do estado de maestria. Buscando entender as relações entre estados metamotivacionais em diferentes culturas em um mesmo esporte, Geisler e Leith (2007) demonstraram que jogadores de futebol japoneses apresentaram maior dominância do estado tético, de simpatia e *alloic* do que canadenses e alemães.

Cromer e Tenenbaum (2009) pesquisaram o par tético-paratético em atividades classificadas como chatas e desafiadoras sob e sem pressão, e encontrou que indivíduos paratéticos exerceram ambas as atividades sob as duas condições de pressão com mais vigor e entusiasmo. Por fim, Kerr e Males (2010) investigaram a experiência de derrota em jogadores de lacrosse e identificaram que a resposta afetiva negativa às derrotas foram decorrentes de estados metamotivacionais inapropriados e reversões e emoções que não conduziam aos níveis ideais de desempenho.

Pesquisadores ainda tem investido atenção na relação da teoria com atividades de aventura, em relação aos motivos que levam a prática, sob a ótica dos estados metamotivacionais (KERR; MACKENZIE, 2012), além de uma relação sugerida por Mackenzie, Hodge e Boyes (2011) da teoria reversa com a teoria do fluxo (CSISKZENTMIHALYI, 1990). Além disso, Kerr (2009) sugere o estudo da agressão e violência no contexto esportivo utilizando-se principalmente das reversões.

As reversões entre um estado metamotivacional e outro ocorrem devido a algum tipo de agente indutor, entretanto, no contexto esportivo, Kerr (1993) aponta a

existência de problemas nos processos de reversões no desempenho, assim como reversões inapropriadas. Os problemas nas reversões no contexto esportivo podem ser causados principalmente: pela necessidade de lidar com dores e lesões, tomada de decisão errada, forma de reação ao sucesso ou fracasso de um oponente, discussão com árbitros, resultado desfavorável e por receber respostas desagradáveis dos observadores, técnicos, companheiros de time e oponentes. Estes problemas nas reversões podem desencadear em emoções negativas para o desempenho como ansiedade e relaxamento excessivo.

Nesse contexto, Walters, Apter e Svebak (1982) apontam que algumas pessoas fazem reversões mais facilmente ou frequentemente do que outras, variando também na habilidade de induzir situações que levem a reversões de estados metamotivacionais. Além disso, Apter (1982) aponta que os indivíduos podem indiretamente controlar suas próprias reversões realizando mudanças no ambiente. Isso pode ser alcançado segundo Kerr (1993) pelo desenvolvimento de rotinas eficazes em que os pensamentos dos atletas antes, durante e após jogos e competições permitam a indução ao estado metamotivacional desejado para o desempenho.

Entretanto, Kerr (1993) aponta no contexto esportivo a existência de dois tipos de reversões inapropriadas, as reversões socialmente e as temporalmente inapropriadas. As socialmente inapropriadas ocorrem quando o comportamento da pessoa satisfaz unicamente suas próprias necessidades em um estado metamotivacional, mesmo que o comportamento seja considerado socialmente inaceitável, como por exemplo, um jogador que se preocupa unicamente em machucar os adversários. Já as temporalmente inapropriadas ocorrem quando comportamentos futuros são afetados por reversões inapropriadas que buscam apenas o prazer instantâneo, como o vício no jogo, abuso de drogas, promiscuidade sexual ou a escolha por atividades esportivas de risco (KERR, 1993). Este tipo de reversão inapropriada pode ser observado também em indivíduos que passam tempo excessivo no estado tético ou paratético.

Esses tipos de distúrbios de reversões citados são descritos por Murgatroyd e Apter (1986) como sendo características psicológicas não saudáveis do indivíduo. A partir disso, Kerr (1993) desenvolveu o que denominou de características de um atleta

competitivo saudável na visão da teoria reversa: a) capacidade de frequentemente reverter entre estados metamotivacionais, mas demonstrando dominância em um estado; b) encontrar-se antes, durante ou após o desempenho competitivo em estados metamotivacionais apropriados para o ambiente competitivo e suas próprias necessidades, alcançando a satisfação; c) capacidade de alcançar a satisfação de seu estado metamotivacional operante sem criar estresse, perturbação ou impedir que os companheiros e adversários alcancem a satisfação de seus estados metamotivacionais.

Face ao exposto, percebe-se a importância do entendimento da teoria reversa no esporte, já que esta pode auxiliar no desenvolvimento de técnicas psicológicas que visam a satisfação e o melhor desempenho para o atleta. Nota-se que a aplicação da teoria reversa no contexto esportivo tem apresentado diferentes abordagens, mas apresenta como foco principal o estudo de estado metamotivacionais em diferentes contextos, tendo como foco principal o par tético-paratético, que é a dominância avaliada pelo instrumento a ser validado no presente estudo.

## **3.2 Psicometria e validação de instrumentos**

### **3.2.1 Psicometria**

Pesquisadores da área de psicologia do esporte ao desenvolver novos estudos se deparam com três possibilidades para realizar a avaliação do aspecto psicológico em questão: utilizar um instrumento já validado para a língua portuguesa, desenvolver um novo instrumento ou fazer adaptação e validação para o português de instrumentos já existentes em outras línguas. Para Fonseca e Brito (2005), caso ainda não exista um instrumento validado para mensurar o que se pretende, a terceira opção é a mais indicada, uma vez que os resultados entre culturas podem ser comparados, evita-se a excessiva proliferação de instrumentos sobre os mesmos construtos e as medidas tornam-se mais robustas.

O desenvolvimento de instrumentos de medida que visam mensurar aspectos psicológicos é conhecido como psicometria. A psicometria é apontada por Pasquali (2009) como a teoria e a técnica de medida dos processos mentais, aplicada principalmente na psicologia e na educação. Esta é fundamentada no método quantitativo, que tem como característica principal a representação do conhecimento da natureza com maior precisão do que a linguagem comum. Pasquali (2003) ainda aponta ser uma abordagem científica que mensura atributos psicológicos com o uso de escalas, testes e questionários sob condições controladas, utilizando-se de símbolos matemáticos (números).

Em relação a sua origem, esta ocorreu nos trabalhos do estatístico Spearman em 1904 seguindo os procedimentos fisicalistas de Galton em 1883 (PASQUALI, 2010). Nessa perspectiva, Pasquali (2010) apontam que a psicometria surgiu no campo das aptidões mentais, físicas e psicofísicas humanas. O autor indica a existência de duas orientações da psicometria: uma com preocupações psicopedagógicas e clínicas e outra que visava o desenvolvimento da própria teoria psicométrica. A primeira mais preocupada com problemas humanos e a segunda com a ciência “pura”. Porém, essa divisão teve seu fim nos anos 1940 com a influência decisiva da orientação de psicólogos da análise fatorial (PASQUALI, 2010).

Desde então, Pasquali (2003) aponta dois modelos vigentes de psicometria: a Teoria Clássica dos Testes (TCT) e a Teoria de Resposta aos Itens (TRI). A TCT se preocupa em buscar o resultado final total, isto é, a soma de todos as respostas dos itens, denominada de escore, procurando compreender o que este número representa para o sujeito. Já a TRI se interessa por cada item, busca saber qual é a probabilidade e quais são os fatores que afetam a probabilidade de cada item ser individualmente aceito ou rejeitado.

Entretanto, a construção de instrumentos de medida de aspectos psicológicos requer o cumprimento de diversas exigências como: definição funcional do constructo com base na literatura, especificação do objetivo, preparação de um roteiro básico e versão preliminar, estudo piloto, análise qualitativa e quantitativa, versões

experimentais, cálculos de índices numéricos, padronização do teste, elaboração de manual, e por fim, a publicação do instrumento (MEDEIROS, 1999).

Devido a complexidade e grandes exigências teóricas, Medeiros (1999) sugere que a construção de instrumentos seja realizada apenas por profissionais que tenham formação em ciências do comportamento, dominem a metodologia estatística e/ou as técnicas de construção de instrumentos de medida. Pasquali (2010) lembra que um instrumento deve ser devidamente testado em razão de que, seu uso, envolve situações nas quais se avaliam aspectos que podem interferir na vida do avaliado; a utilização de uma escala que não forneça parâmetros psicométricos confiáveis poderá prejudicar o diagnóstico de pessoas em diferentes contextos.

Diante disso, o pesquisador deve ter muita cautela ao optar pela construção de um instrumento. Assim, uma alternativa plausível é realizar uma busca na literatura de instrumentos já existentes que tenham sido construídos por estudiosos do constructo que se pretende investigar. Entretanto, grande parte dos principais estudiosos e instrumentos de psicologia do esporte são de outros países, e em geral de língua inglesa. Assim, torna-se necessário que o instrumento seja adaptado e validade para a língua portuguesa e para a população brasileira, processo que também requer uma série de exigências. Este processo será descrito mais detalhadamente nos próximos tópicos e na metodologia do estudo.

### **3.2.2 Validação de instrumentos**

No Brasil, é crescente a utilização de instrumentos de avaliação psicológica e de desempenho. Porém, em alguns casos, os pesquisadores utilizam instrumentos estrangeiros, sem maiores preocupações com a avaliação da qualidade dos mesmos e aplicabilidade para o contexto cultural brasileiro (PASQUALI, 1999, 2010).

Apesar disso, a utilização de instrumentos de medida validados seguindo os padrões criteriosos e reconhecidos cientificamente tem crescido na área de pesquisa da educação física e psicologia do esporte. Entretanto, ainda existe uma ampla gama de



instrumentos estrangeiros que não passaram por todas etapas do processo de tradução e validação para serem utilizados no Brasil. Os conhecimentos das técnicas de validação ainda são recentes no país, pesquisadores da psicologia do esporte tem feito grandes esforços para a realização desse processo.

Pasquali (2009) elucida que a validade de instrumentos constitui um parâmetro da medida tipicamente discutido no contexto das ciências psicossociais. A razão disto está no fato de que a validade diz respeito ao aspecto da medida ser congruente com a propriedade medida dos objetos e não com a exatidão com que a mensuração é feita. O autor ainda aponta que nos manuais de psicometria, costuma-se definir a validade de um teste dizendo que este é válido se de fato mede o que supostamente deve medir.

No caso concreto dos questionários é por meio dos itens (as variáveis manifestas ou observáveis) que se medem os atributos psicológicos (variáveis latentes, não observáveis) se fazem inferências sobre comportamentos, sendo fundamental que os instrumentos sejam objetivos e/ou precisos de modo que avaliem realmente aquilo que se quer medir (FACHEL; CAMEY, 2003). Diante disso, os psicometristas recorrem a uma série de técnicas para viabilizar a demonstração da validade dos seus instrumentos. Fundamentalmente, estas técnicas podem ser reduzidas a três grandes classes: técnicas que visam a validade de construto, validade de conteúdo e validade de critério (PASQUALI, 2009).

Entretanto, além da necessidade de verificar essas três grandes classes de validade citadas acima, são necessários procedimentos anteriores a avaliação destes. Nesse sentido, uma das metodologias mais utilizadas para a adaptação e validação transcultural de instrumentos é a proposta por Vallerand (1989). O autor sistematizou 7 etapas para a adaptação transcultural de questionários psicológicos: 1) Preparação da versão preliminar, utilizando a técnica tradução/retroversão com a utilização de 2 tradutores e 2 retroversores; 2) Avaliação da versão preliminar e preparação da versão experimental para verificar se a versão retrovertida reflete de forma precisa a versão original. O autor sugere um comitê de avaliação com 3 a 5 pessoas (do qual devem fazer parte 2 tradutores e os investigadores); 3) Estudo piloto da versão experimental, aplicado a uma amostra da população à qual se destina. O número de pessoas não é

importante uma vez que não será aplicada nenhuma técnica estatística; 4) Avaliação da validade concorrente e de conteúdo. Caso exista um instrumento concorrente já validado devem ser aplicadas, em simultâneo, ambas as versões do questionário; 5) Avaliação da confiabilidade dos fatores, utilizando análise da estabilidade temporal (teste-reteste) com um intervalo mínimo de 4 semanas e por meio da análise da consistência interna (alfa de *Cronbach*); 6) Avaliação da validade de constructo para verificar se o instrumento traduzido mede (na nova cultura) o construto teórico que supostamente deveria medir por meio da análise fatorial; 7) Estabelecimento de normas de aplicação, correção e interpretação dos resultados para que o sujeito possa ser comparado com um grupo de referência apropriado.

A seguir serão abordadas a validade de conteúdo e constructo, técnicas que foram utilizadas na validação da TDS. As etapas que as antecedem serão abordadas com maior profundidade na metodologia do estudo.

### **3.2.2.1. Validade conteúdo**

A validade de conteúdo é uma técnica fundamental para o desenvolvimento e para a adaptação de instrumentos de medida. Esta também é chamada de validade lógica, e está relacionada com o grau de adequação dos itens em relação à dimensão do comportamento medido pelo instrumento. Busca mensurar em que medida o conteúdo do instrumento (itens) avalia os aspectos mais relevantes do constructo (MESSICK, 1980). Desse modo, a validade de conteúdo traduz o grau em que os itens do instrumento são representativos do atributo que se pretende avaliar e em que medida as dimensões do construto estão bem representadas.

Pasquali (2001) cita que esta validade envolve um exame do conteúdo do teste para verificar se abrange uma amostra representativa do domínio de comportamento a ser medido. Por fim, Haynes, Richard e Kubany (1995) consideram que a validade de conteúdo visa determinar o grau em que os itens do instrumento são relevantes e representativos do constructo em questão.

Nesta perspectiva, Hernández-Nieto (2002) propõe a avaliação da validade de conteúdo por meio da análise da clareza de linguagem e da pertinência prática em uma escala *Likert* de 5 pontos, variando de “pouquíssima clareza/pertinência” (1) a “muitíssima clareza/pertinência”, além da dimensão avaliada pelo item. A clareza da linguagem avalia se a linguagem dos itens está clara e é perguntado aos juízes: você acha que estes itens são claros o suficiente? Em que extensão? A pertinência prática avalia a relevância do item para a vida diária. É perguntado aos juízes: você acha que estes itens são pertinentes? Em que extensão?

A dimensão teórica avalia a relevância do item para uma das dimensões teóricas que o instrumento mede. É perguntado aos juízes: a que dimensão teórica você acha que estes itens pertencem? De acordo com a base teórica utilizada, os itens estão agrupados em três dimensões: Seriedade do objetivo (SO), Orientação ao planejamento (OP) e Evitar ativação (EA).

O cálculo da clareza da linguagem e da pertinência prática são realizados pelo Coeficiente de Validade de Conteúdo para cada item do instrumento ( $CVC_i$ ) e para o instrumento como um todo ( $CVC_t$ ). Pasquali (2010) cita que a clareza de linguagem considera a linguagem utilizada nos itens, tendo em vista as características da população. A pertinência prática considera se o item foi elaborado de forma a avaliar o conceito de interesse em uma determinada população.

A validade de conteúdo é calculada com base nas respostas de um comitê de juízes independentes doutores na área, sendo recomendado no mínimo três e no máximo cinco juízes avaliadores (HERNÁNDEZ-NIETO, 2002). Entretanto, o número de juízes avaliadores não é um consenso na literatura, Lynn (1986) recomenda um mínimo de cinco e um máximo de dez pessoas participando desse processo. Já Haynes, Richard e Kubany (1995) sugerem de seis a vinte sujeitos, sendo composto por um mínimo de três indivíduos em cada grupo de profissionais selecionados para participar. Porém, para que seja realizado o cálculo do CVC é indicada a utilização dos parâmetros propostos por Hernández-Nieto (2002).

O cálculo do CVC é realizado inicialmente com o cálculo da média das notas dos juízes:

$$M_x = \frac{\sum_{i=1}^J x_i}{J}$$

Onde  $\sum x_i$  representa a soma das notas dos juízes e  $J$  representa o número de juízes que avaliaram o item.

Com base nessa média calcula-se o CVC inicial para cada item ( $CVC_i$ ), além do cálculo do erro, para descontar possíveis vieses dos juízes avaliadores para cada item.

$$CVC_i = \frac{M_x}{V_{m\acute{a}x}}$$

Onde  $V_{m\acute{a}x}$  representa o valor máximo que o item poderia receber.

É indicado também a realização do cálculo do erro ( $Pe_i$ ), para descontar possíveis vieses dos juízes avaliadores, para cada item:

$$Pe_i = \left(\frac{1}{J}\right)^J$$

Após isso têm-se o CVC final de cada item ( $CVC_c$ ) que é resultado da subtração do  $CVC_i$  pelos erros:

$$CVC_c = CVC_i - Pe_i$$

Para o cálculo do CVC total do questionário ( $CVC_t$ ), para cada uma das características (clareza de linguagem e pertinência prática), utiliza-se:

$$CVC_t = Mcvc_i - Mpe_i$$

Onde  $Mcvc_i$  representa a média dos coeficientes de validade de conteúdo dos itens do questionário e  $Mpe_i$ , a média dos erros dos itens do questionário.

Após a realização dos cálculos, Hernández-Nieto (2002) recomenda que sejam considerados aceitáveis as questões que tiveram  $CVC_c > 0,8$ . Com relação à clareza de linguagem, caso o item apresente valores inferiores a 0,8, Hernández-Nieto (2002) indica que a linguagem seja reformulada para melhor entendimento do item pela população-alvo. Em relação à pertinência prática, itens com valores de CVC inferiores a

0,8 devem ser descartados, já que não são considerados pertinentes para a realidade da população-alvo.

Em relação a análise da dimensão teórica, busca-se a concordância entre os juízes avaliadores. Por se tratar de uma variável categórica Pasquali (2010) salienta que se deve utilizar o coeficiente Kappa. Esta etapa é uma poderosa ferramenta para auxiliar na previsão e na compreensão das posteriores análises fatoriais. De acordo com Nunally (1978), valores de Kappa entre 0,4 e 0,59 demonstram uma concordância moderada entre os juízes. Valores entre 0,6 e 0,79 revelam uma concordância substancial entre os juízes, sendo que entre 0,8 e 1,0, a concordância é quase perfeita.

Após a análise das sugestões dos juízes e eventual realização de nova avaliação de conteúdo, o instrumento está pronto para ser aplicado em um estudo piloto com aproximadamente 50 sujeitos da população alvo (HILL; HILL, 2000) para análise, determinação das dificuldades de compreensão e interpretação. Feita a análise do estudo piloto a versão final do instrumento está pronta para aplicação na população e para posterior análise estatística dos dados, mais especificamente pela validade de constructo.

### **3.2.2.2 Validade de constructo**

Para a compreensão da validade de constructo, primeiramente é necessário ter uma compreensão do significado de constructo, que Viana (1983) demonstra ser traços, aptidões ou características supostamente existentes e abstraídos de uma variedade de comportamentos que tenham significado psicológico. A verificação da validade de constructo, sua lógica e metodologia foram amplamente estudadas e propostas por Cronbach e Meehl (1955 *apud* PASQUALI, 2010), e é de particular importância sempre que um instrumento busca medir um atributo ou qualidade das pessoas (VIANA, 1983).

Em função disso, um dos problemas mais difíceis e árduos que um investigador enfrenta na validação de um instrumento é relacionado com a validade de constructo. Segundo Pasquali (2001) esta é uma das mais importantes validades a ser considerada

nos instrumentos, porque indica o quanto um teste mensura adequadamente, o constructo ao qual se propõe medir. Para Vallerand (1989) este tipo de validade analisa se o instrumento de pesquisa permite medir adequadamente o constructo, se é suficientemente sensível para demonstrar os efeitos da construção teórica.

Nessa perspectiva, Pasquali (2001) sugere o uso de diferentes técnicas para analisar e garantir a validade de construto de um instrumento, já que a convergência de resultados das diversas técnicas utilizadas garante a validade do instrumento. O autor cita como principais duas formas de abordagem da validade de constructo: a análise da representação comportamental do constructo e a análise por hipóteses. A validade por meio da análise da representação comportamental do constructo é realizada por meio da análise fatorial e por medidas de confiabilidade: a consistência interna e a estabilidade temporal da medida. Já a análise por hipóteses é efetivada pela validade convergente e discriminante

A confiabilidade pode ser entendida como o grau em que sua repetida aplicação ao mesmo sujeito produz resultados semelhantes (COZBY, 2003). Caso isso não aconteça o instrumento de medida não terá a característica de fidedignidade e seus resultados não serão confiáveis. Martins (2006) demonstra que uma medida fidedigna é consistente e precisa porque fornece uma medida estável da variável.

A seguir são abordadas com maior profundidade as medidas de estabilidade temporal, dimensionalidade (análise fatorial exploratória e análise fatorial confirmatória), validade convergente e discriminante e por fim, a consistência interna.

#### **3.2.2.2.1. Estabilidade temporal (fidedignidade teste-reteste)**

O cálculo da estabilidade temporal da medida deve ser realizado por meio de uma análise teste-reteste das respostas aos itens do questionário, ou seja, aplicação nos mesmos sujeitos em dois momentos distintos em condições de aplicação semelhantes. Diversas medidas de correlação entre os dois momentos podem ser utilizadas, dependendo da natureza da escala de medida ou nível de mensuração.

Entretanto, pelo instrumento do presente estudo ter uma conotação de variável do tipo intervalar, o cálculo da estabilidade temporal é realizado pelo coeficiente de correlação de Pearson ou, de preferência, pelo coeficiente de correlação intraclasse (MAROCO, 2010).

O coeficiente de correlação intraclasse (CCI) é uma das ferramentas estatísticas mais utilizadas para a mensuração de confiabilidade de medidas (SHORUT; FLEISS, 1979). O CCI é uma medida de correlação derivada a partir da ANOVA para estimar fidedignidade. Em linhas gerais, é dado pela razão da variância entre grupos e a variância total. O CCI é utilizado em vez do coeficiente de correlação de Pearson porque a amostra pode ser univariada, ter mais de dois grupos e ser sensível à diferença entre médias e variâncias dos grupos. Para o presente estudo, o CCI é calculado a partir do resultado das duas aplicações.

De acordo com Noar (2003), embora em psicologia seja muito improvável que se obtenham correlações muito altas, quanto mais alto for o coeficiente de correlação maior será a estabilidade temporal. Os valores referidos na literatura indicam o valor de 0,60 como satisfatório (VALLERAND, 1989). Em relação ao intervalo entre as duas aplicações, Martins (2006) indica que períodos longos são suscetíveis à aquisição de novas aprendizagens, enquanto que períodos curtos podem ter o efeito da memória afetando a confiabilidade desta medida. Assim sendo, pode-se considerar mais adequado um intervalo entre duas a quatro semanas (VALLERAND, 1989). Em relação ao número de sujeitos necessários para a avaliação da fidedignidade teste-reteste, tomando em consideração a técnica estatística utilizada, propõe-se, pelo menos 30 sujeitos (HILL, HILL, 2000; MAROCO, 2007).

#### **3.2.2.2. Dimensionalidade (Análise Fatorial Exploratória / Análise Fatorial Confirmatória)**

A dimensionalidade está relacionada com a homogeneidade dos itens, sendo que a unidimensionalidade é uma suposição inerente e essencial para escalas múltiplas (NETEMEYER; BEARDEN; SHARMA, 2003). Isso significa que os itens que

representam um único conceito devem estar associados fortemente um com o outro. A dimensionalidade do instrumento é definida por meio da análise fatorial, determinando quantos fatores este está medindo, assim como os itens correspondentes a cada fator (PASQUALI, 1999).

A análise fatorial é um método estatístico multivariado que tem como objetivo principal a identificação e compreensão da estrutura subjacente a uma matriz de dados, além da redução e resumo de um conjunto de dados (HAIR et al., 2005). Esta análise permite analisar a estrutura das interrelações entre um grande grupo de variáveis (escores de testes, itens de testes), por meio da matriz de correlação ou variância e covariância, definindo um conjunto de dimensões latentes comuns chamadas fatores. Essas variáveis não são observadas diretamente e supostamente contém a informação essencial do conjunto original de variáveis (itens). As dimensões latentes, quando interpretadas e compreendidas, descrevem os dados com um número menor de conceitos do que as variáveis originais (itens). Dessa forma, um número reduzido de fatores dará conta de aproximadamente o mesmo conjunto de informações das variáveis originalmente coletadas (HAIR et al., 2005).

As técnicas de análise fatorial para Hair et al. (2005) podem atingir seus objetivos a partir de duas perspectivas: a exploratória (AFE) e a confirmatória (AFC). A principal utilização da AFE é quando os investigadores inicialmente não têm qualquer suposição acerca da natureza da estrutura fatorial dos dados. Porém, também é bastante comum numa fase preliminar da validação de instrumentos, mesmo quando existem indicações sobre os fatores, fornecidas por um modelo teórico. Por outro lado, a AFC é utilizada quando o pesquisador já tem ideias definidas sobre a real estrutura dos dados, apoiado em suporte teórico ou pesquisas anteriores (HAIR et al., 2005).

De acordo com Maroco (2007) é necessário a existência de correlação elevada entre as variáveis para que a AFE tenha utilidade na estimação dos fatores comuns. Os métodos de utilização mais gerais são a “medida da adequação da amostragem de Kaiser-Meyer-Olkin (teste KMO)” e o “teste de esfericidade de Bartlett (teste de Bartlett)”. É recomendado que o valor do teste KMO seja superior a 0,6 e o teste de Bartlett esteja associado a valor de  $P$  significativo.



Após a especificação das variáveis e a análise das correlações dos grupos de dados a análise fatorial pode ser aplicada para a identificação da estrutura latente das variáveis. Dessa forma, Brown (2006) indica alguns procedimentos que devem ser tomados: 1) seleção do método de extração de fatores (análise dos fatores comuns ou análise dos componentes principais); 2) seleção do número de fatores apropriado para representar a estrutura latente dos dados; 3) seleção do método de rotação para interpretação da estrutura fatorial.

Em relação aos métodos de extração a principal diferença é que análise dos componentes principais tem como objetivo principal a análise da variância total (a comum, a específica e a do erro), enquanto que análise dos fatores comuns tem como objetivo principal analisar apenas a variância comum em um conjunto de variáveis para compreender ou explicar as correlações entre estes (HAIR et al., 2005). Os autores indicam que a análise dos componentes principais é indicada para reduzir os dados a um número mínimo de fatores e a análise dos fatores comuns para identificar constructos latentes num conjunto de variáveis (quando já existe alguma especificação teórica definida). Ambos os métodos produzem resultados em muitas situações idênticos, entretanto, Hair et al. (2005) apontam que diversas complicações dos fatores comuns têm levado a maior utilização da análise dos componentes principais.

O próximo passo é a decisão da quantidade de fatores que devem ser extraídos, entretanto, Kahn (2006) e Hair et al. (2005) evidenciam inúmeras orientações e recomendações para tomar esta decisão. Os mais utilizados são: critério de raiz latente ou autovalores (*eigenvalues*), percentagem da variância explicada pelos fatores e critério do teste *scree plot*. Estas medidas são associadas a outros critérios como: comunalidades, cargas ou pesos fatoriais, cargas ou pesos fatoriais cruzados, confiabilidade interna e retenção de fatores com pelo menos três itens.

Hair et al. (2005) demonstram que o critério de raiz latente ou autovalores é o mais utilizado, e o raciocínio a ser seguido é que qualquer fator individual deve explicar a variância de pelo menos uma variável, sendo que cada uma contribui com o valor 1 do autovalor total. Assim, fatores que apresentam autovalor maior que 1 são considerados significantes, formando uma dimensão latente. Kahn (2006) comenta que

este critério normalmente é utilizado em conjunto com o teste *scree plot* (gráfico do cotovelo), que é determinado a partir do gráfico das raízes latentes em relação ao número de fatores em sua ordem de extração. O autor aponta que deve-se observar qual o número de fatores acima da “dobra do cotovelo”, apesar da sua natureza subjetiva.

O critério de percentagem da variância explicada pelos fatores é uma abordagem baseada no percentual cumulativo especificado da variância total extraída pelos fatores. Embora não exista uma regra absoluta sobre esta questão, o objetivo é que a extração dos fatores assegure uma quantidade elevada da variância dos itens (HAIR et al., 2005). Os autores indicam que soluções fatoriais que explicam 60% da variância dos dados são consideradas satisfatórias. Além disso, Brown (2006) apresenta uma regra de grande importância devido a questões e estimação em fases posteriores de validação de instrumentos, que é retenção de fatores com pelo menos três itens.

Após a seleção do número de fatores extraídos, deve ser realizada a interpretação das comunalidades, dos pesos fatoriais, pesos fatoriais cruzados e da confiabilidade interna dos fatores. As comunalidades estão relacionadas a variância total de uma variável, mais especificamente à variância comum, que é a compartilhada com outras variáveis (FIELD, 2005), ou seja, a quantia de variância explicada pela solução fatorial. Hair et al. (2005) aponta que valores acima de 0,50 indicam que uma boa parte da variância dos resultados de cada item é explicada pela solução fatorial. Entretanto, a hipótese de eliminação dos itens só deve ser considerada com valores abaixo de 0,40 (WORTHINGTON; WHITTAKER, 2006).

No que se refere à carga fatorial, esta é o meio de interpretar o papel que cada variável tem na definição de cada fator, é a correlação entre ambos (HAIR et al., 2005). As cargas fatoriais representam a correspondência entre a variável e o fator, sendo que cargas maiores fazem a variável representativa do fator. Uma carga fatorial com valor de 0,30 é considerado relevante e o mínimo para que possa ser interpretado (HAIR, et al., 2005; KAHN, 2006; WORTHINGTON; WHITTAKER, 2006). Cargas fatoriais acima de 0,70 são consideradas indicativos de uma estrutura muito bem definida, já que fator

explica pelo menos 50% da variância do item (carga fatorial elevado ao quadrado) (HAIR et al., 2005).

Ainda em relação às cargas fatoriais, deve-se levar em consideração a inexistência de itens com cargas fatoriais relevantes (acima de 0,30) em mais que um fator. Se isso acontecer e se a diferença entre eles não for igual ou superior a 0,15, deve ocorrer a eliminação do item (WORTHINGTON; WHITTAKER, 2006).

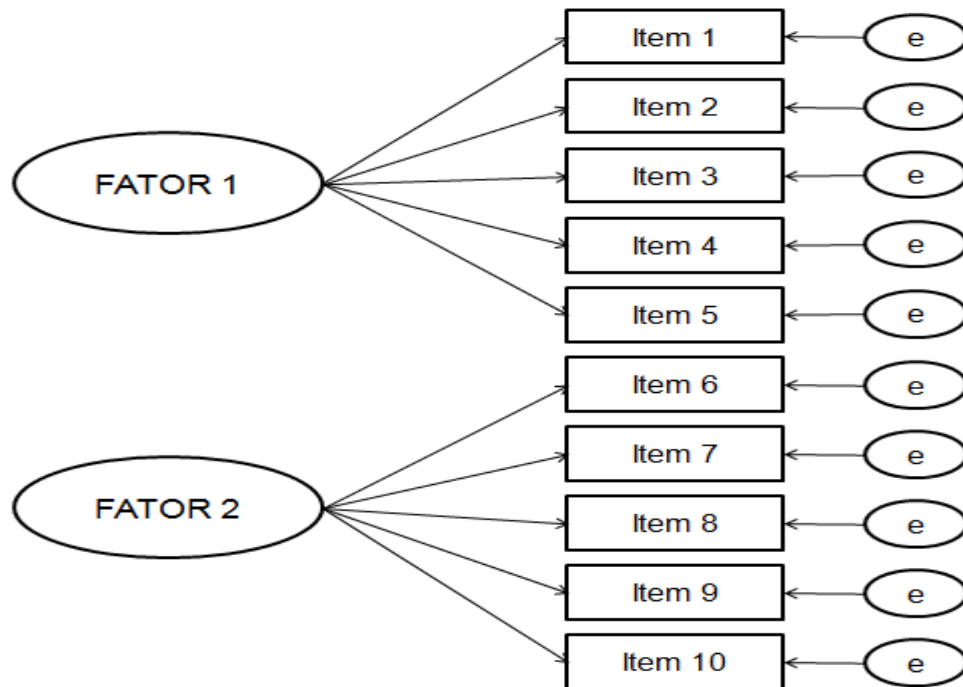
Entretanto, os resultados iniciais da AFE normalmente produzem uma estrutura que não é facilmente interpretável, por isso, a rotação dos fatores é a ferramenta mais importante para a interpretação dos resultados, porque produz uma solução fatorial mais clara e objetiva, que maximiza os pesos fatoriais dos itens (HAIR, et al., 2005; KAHN, 2006, BROWN, 2006). Os autores indicam que a decisão pelo tipo de rotação a se adotar deve ser tomada em função da correlação esperada entre os fatores, a partir do suporte teórico. Se é esperado que os fatores não se correlacionem, utiliza-se a rotação ortogonal, mas se é esperado que os fatores se correlacionem entre si, deve-se optar rotação oblíqua.

Existem diferentes tipos de rotações ortogonais e oblíquas. As ortogonais são: Quartimax, Varimax e Equimax, sendo que a mais utilizada é a Varimax. As oblíquas são: Oblimin, Promax, Orthoblique, Dquart e Doblmin, sendo que a melhor opção é a Promax (HAIR et al., 2005). Entretanto, apesar dos resultados serem ligeiramente diferenciados em função do tipo de rotação, normalmente essas diferenças não são excessivas (KAHN, 2006). No presente estudo será utilizada a rotação oblíqua Promax.

Por fim, é importante fazer referência ao número de sujeitos necessários para realizar a AFE, autores citam que a taxa de 10 indivíduos para cada item do instrumento é o número recomendado (HAIR et al., 2005; KAHN, 2006; WORTHINGTON; WHITTAKER, 2006). Após a realização da AFE é necessário a aplicação de um estágio de validação, que geralmente é realizado por meio da análise fatorial confirmatória (AFC). Segundo Gosling e Gonçalves (2003), o modelo não explicitamente especificado na AFE, sendo interessante que esta seja precedida pela AFC, para que se teste as variáveis latentes e as relações entre elas.

A AFC é uma técnica de modelação generalizada para testar a validade de modelos teóricos que definem a forma como diferentes variáveis latentes ou constructos são operacionalizados e como estes estão relacionados entre si (MAROCO, 2010). Kahn (2006) aponta que normalmente, utiliza-se a AFC para confirmar se a estrutura do modelo se ajusta bem ou não aos dados. Ao contrário do que acontece na AFE em que não existem hipóteses sobre o número de fatores, na AFC, o modelo (fatores, itens correspondentes e erros de medida) é definido e especificado. Em resumo, a AFC mede a adequabilidade do instrumento ao modelo conceitual na amostra do estudo, além de supor que a correlação entre um grupo de variáveis ocorre porque estas variáveis estão relacionadas a um fator.

Mueller (1996) destaca ainda que a AFC tem como premissa básica que as variáveis observadas (itens) são indicadores imperfeitos dos constructos latentes (fatores). Dessa forma, se mais de um indicador é utilizado para medir um constructo específico, a AFC permite ao pesquisador agrupá-los em maneiras pré-especificadas, a fim de avaliar em que extensão o conjunto de dados aparentemente confirma a estrutura prevista. Os relacionamentos entre esses dois tipos de variável são especificados por meio de diagramas de caminho, em que os fatores são representados por elipses, e os itens, por retângulos, além disso, associados aos itens estão indicados erros de mensuração por meio de círculos com setas (Figura 5).



**Figura 5** – Exemplo de modelo de análise fatorial confirmatória (AFC).

Inicialmente, a AFC exige que o modelo seja identificado e especificado em refletivo ou normativo. No modelo refletivo as variáveis latentes (fatores) manifestam-se por meio das variáveis manifestas (itens), além da necessidade dos itens em cada fator estar fortemente e positivamente correlacionados. No modelo normativo, os fatores são formados pelos itens, isto é, não existe uma verdadeira variável latente, além disso, os itens podem estar ou não correlacionados (MAROCO, 2010). O autor evidencia que cada item é indicador de medida de um único fator e não pode estar associado a nenhum outro e tem um erro associado que deve ser independente. No caso da AFC para a validação de instrumentos, os modelos normativos são mais utilizados.

Após a escolha do modelo, é necessário definir o método de estimação, Maroco (2010) elenca uma série de métodos: máxima verossimilhança (*Maximum Likelihood*, ML); mínimos quadrados não-ponderados (*Unweighted Least Squares*, ULS), mínimos quadrados generalizados (GLS), distribuição assintótica livre (*Asymptotically Distribution Free*, ADF), mínimos quadrados sem escala (*Scale Free Least Squares*). O método mais utilizado e indicado é o de máxima verossimilhança, que tem como principal objetivo encontrar as estimativas dos parâmetros como se fossem a verdadeira

população. No método ML assume-se que os dados tem uma distribuição normal multivariada, o coeficiente de Mardia (KAHN, 2006). Se o coeficiente Mardia normalizado for superior a 5.0 é indicativo que os dados não têm uma distribuição normal multivariada, sendo a correção mais comum a utilização do teste estatístico robusto do  $\chi^2$ , o chamado *Satorra-Bentler Scaled  $\chi^2$*  (S-B $\chi^2$ ).

Após a escolha do método de estimação, é necessário realizar a avaliação global do modelo. Maroco (2010) elenca três possíveis estratégias para avaliar a qualidade do ajustamento: 1) teste de significância pelo teste do qui-quadrado; 2) índices de qualidade de ajustamento; 3) Análise de resíduos, estimativa de parâmetros e confiabilidade individual de indicadores.

O teste de significância pelo qui-quadrado raramente é utilizado como sendo o único devido algumas fragilidades encontradas ao longo do tempo (BROWN, 2006). Assim, Hair et al. (2005) aponta que este deve ser utilizado com outros índices de qualidade de ajustamento: a) absoluto, que objetiva verificar o ajuste global do modelo; b) incremental, para a comparação entre o modelo proposto e outro especificado pelo pesquisador; c) parcimonioso, que relaciona o ajuste do modelo com o número de coeficientes estimados exigidos para atingir esse nível de ajuste, verifica se o modelo é simples, mas com grande capacidade explicativa.

O Quadro 1 demonstra as medidas de qualidade de ajuste absoluto, incremental e parcimonioso mais utilizadas (BROWN, 2006; HAIR et al., 2005; KAHN, 2006; WORTHINGTON; WHITTAKER, 2006).

<b>Medida de ajuste absoluto</b>	<b>Definição</b>	<b>Valores esperados</b>
Qui-quadrado ( $\chi^2$ )	É a principal medida para o grau de ajuste global do modelo, sendo a única medida estatística. Valores altos significam que as matrizes de dados observadas e estimada diferem consideravelmente. Busca-se níveis não significativos. Mesmo se for encontrada não significância estatística, isso não garante que o modelo correto foi encontrado. Nota-se que o qui-quadrado é sensível ao tamanho da amostra, especialmente para superiores a 200.	Ideal que não seja significativo.
GFI (Índice de qualidade de ajuste)	Representa o grau geral de ajuste (os resíduos quadrados de dados de previsão comparado com reais), mas não é ajustada para os graus de liberdade.	Valores maiores que 0,90.
RMR (Raiz do resíduo quadrático médio)	É uma média dos resíduos entre as matrizes de dados coletados e a estimada.	Não há níveis aceitáveis preestabelecidos, mas quanto menores os valores, melhor.
RMSEA (Raiz quadrada média dos quadrados dos erros de aproximação)	Semelhante à RMSR, diferindo no sentido que a discrepância das matrizes é medida em relação a população, e não a amostra.	Valores que variem de 0,05 a 0,08 são aceitáveis.
<b>Medida de ajuste incremental</b>	<b>Definição</b>	<b>Valores esperados</b>
TLI ou NNFI (Índice de Tucker-Lewis)	Combina uma medida de parcimônia em um índice comparativo entre os modelos proposto e nulo.	Valores maiores ou iguais a 0,90.
NFI (Índice de ajuste normalizado)	Compara o modelo proposto ao modelo nulo.	Valores maiores ou iguais a 0,90.
AGFI (Índice ajustado de qualidade do ajuste)	É uma extensão do GFI, ajustada através dos graus de liberdade do modelo proposto pelos graus de liberdade do modelo nulo.	Valores maiores ou iguais a 0,90.
<b>Medida de ajuste parcimonioso</b>	<b>Definição</b>	<b>Valores esperados</b>
PGFI (Índice de qualidade de ajuste parcimonioso)	Esse índice modifica o GFI, ajustando-o sob o aspecto de parcimônia do modelo.	Valores maiores indicam melhor ajuste.
Qui-quadrado normalizado ( $\chi^2/DF$ )	Razão entre o qui-quadrado e os graus de liberdade.	Limite inferior: 1,0. Limite superior: 2,0/3,0 ou 5,0

Quadro 1 - Medidas para avaliar a qualidade de ajuste dos modelos estruturais na AFC (Adaptado de HAIR et al., 2005, p.488).

De acordo com Maroco (2010), o modelo pode ter um bom ajustamento global, mas ainda assim apresentar um mau ajustamento local. Para fazer o diagnóstico de possíveis problemas locais do modelo, o autor cita que se deve avaliar os resíduos estandardizados do modelo e utilizar medidas multivariadas, como a distância de *Mahalanobis*, em que valores maiores a +4 ou -4 representam grau de erro inaceitável.

Além disso, é necessário avaliar os erros-padrão assintóticos dos parâmetros do modelo e a sua significância, sendo que erros-padrão superiores a duas vezes a estimativa do parâmetro indicam problemas de multicolinearidade. Por fim, Maroco (2010) destaca a necessidade de avaliar a confiabilidade individual dos itens, dando indicativos da relevância dos itens nos modelos de medida.

É importante salientar que a análise dos índices supracitados pode levar a reespecificações do modelo proposto, ou seja, a realização de algumas alterações no modelo inicial. Porém, Hair et al. (2005) citam que é importante saber que estas reespecificações têm impacto no suporte teórico, logo, se as modificações forem menores, a integridade teórica do modelo pode não ser afetada.

### **3.2.2.2.3. Validade convergente e discriminante**

Estes dois tipos de validade fazem parte da validade de constructo de um instrumento. A validade convergente verifica se os itens de um constructo específico (fator ou dimensão) compartilham uma alta proporção de sua variância em comum, ou seja, se a variação desses itens é explicada essencialmente pelo fator. Essa validade é calculada para cada fator dentro de uma escala com vários fatores. Fornell e Larcker (1981) propõem que a medida da validade convergente seja realizada por meio da variância extraída média (VEM) pelo fator (variância extraída = soma do quadrado das cargas fatoriais padronizadas / soma do quadrado das cargas + soma erros de mensuração). Estes valores são obtidos por meio da análise fatorial confirmatória. Em relação a valores aceitáveis, Maroco (2010) pondera que os valores de VEM para cada fator devem ser  $\geq 0,5$ .



A validade discriminante é o grau em que dois conceitos similares são distintos, Hair et al. (2005) apontam que o teste desta validade é realizado por meio da correlação entre diferentes instrumentos de medida conceitualmente distintos. O autor aponta que a correlação deve ser baixa, demonstrando que é diferente de outro conceito diferente. Entretanto, existem outros métodos para o cálculo da validade discriminante, dentre estes, optou-se pelo proposto por Fornell e Larcker (1981).

O método de Fornell e Larcker (1981) propõe que a variância extraída para cada dimensão deve ser maior que o quadrado da correlação entre a dimensão e qualquer outra dimensão, o que caracteriza a variância compartilhada. A validade discriminante é confirmada se para cada dimensão do instrumento, a variância extraída for maior que a variância compartilhada. Caso contrário, a maior parte da variância da dimensão está compartilhada com outras dimensões, não podendo ser atribuída à validade discriminante. Ou seja, para que exista validade discriminante entre as dimensões do constructo deve-se certificar se as escalas desenvolvidas para mensurar as diferentes dimensões estão de fato mensurando as dimensões a que se propõem (GARVER; MENTZER, 1999).

#### **3.2.2.2.4. Consistência interna**

A mensuração da confiabilidade pela consistência interna consiste em verificar o grau pelo qual as variáveis observáveis do constructo estão medindo a mesma coisa, ou seja, o grau pelo qual um grupo de variáveis observáveis está medindo um determinado constructo (HAYES, 1998). Bem (2004) e Martins (2006) apontam que a confiabilidade é o nível em que a medida está isenta de erros aleatórios e está relacionada à estimação do grau de consistências entre as múltiplas medidas da variável (HAIR et al., 2005). Neste contexto, uma das técnicas mais utilizadas para estimar a consistência de uma escala inteira é o alfa de Cronbach, que mede a homogeneidade dos componentes da escala.

No cálculo do alfa de Cronbach é obtido um valor da consistência interna para cada fator (variável latente) da escala, se o valor de alfa for 1 o fator apresenta

consistência interna perfeita. No entanto, valores de alfa muito elevados podem indicar certa redundância entre os itens do questionário (VALLERAND, 1989). Geralmente adota-se como referência os seguintes intervalos de valores: inaceitável,  $\alpha < 0.60$ ; fraca,  $\alpha = 0.60-0.69$ ; razoável,  $\alpha = 0.70-0.79$ ; boa,  $\alpha = 0.80-0.89$ ; excelente,  $\alpha > 0.89$ .

Após a análise de todos os parâmetros de validade supracitados pode-se afirmar se o instrumento apresenta ou não validade para a população a que o instrumento se propõe validar.

# **4 MÉTODOS**

---

---

## **4.1 Caracterização do estudo**

O presente estudo teve um caráter descritivo com características psicométricas, uma vez que o objetivo principal foi observar, registrar e analisar fenômenos, entretanto, sem interferir ou influenciar os mesmos (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2007).

## **4.2 Sujeitos**

Participaram deste estudo sete profissionais (4 tradutores e 3 doutores em Psicologia do Esporte) que estiveram envolvidos nos processos de tradução, adaptação e validação de conteúdo da versão para língua portuguesa da *Telic Dominance Scale* (TDS). Foram convidados a participar do estudo atletas de 15 municípios participantes da fase final dos Jogos Abertos do Paraná 2012 que ocorreram no município de Maringá-PR. Totalizando 293 atletas do gênero masculino e feminino. Também foram convidadas a participar do estudo equipes do município de Jundiaí-SP participantes dos Jogos Abertos do Interior 2012 totalizando 98 atletas adultos de ambos os gênero. Assim, a amostra final do estudo foi de 391 atletas, 204 do gênero masculino e 187 do feminino, de 13 modalidades coletivas e individuais: basquetebol (90), handebol (87), atletismo (36), voleibol (31), futsal (29), natação (26), taekwondo (21), futebol de campo (19), ciclismo (17), tênis (13), ginástica rítmica (09), rúgbi (08) e vôlei de praia (05). Para participar do estudo os atletas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE A).

### 4.3 Instrumento de validação

O instrumento original utilizado foi o “*Telic Dominance Scale*” (TDS) elaborado e validado por Murgatroyd et al. (1978) (ANEXO 1). O questionário é composto por 42 itens que avaliam a dominância de ações télicas. Cada item se refere a uma dimensão da dominância télica (MURGATROYD et al., 1978): Seriedade do objetivo, Orientação ao planejamento e Evitar ativação (Quadro 1). Os itens têm três opções de resposta de preferência de uma determinada ação, sendo que cada item contém uma resposta de dominância télica (Tabela 1). O método de obtenção dos resultados por meio da soma de 1 ponto para os itens de dominância télica e 0,5 ponto para quando não há certeza foram propostos pelos autores do instrumento original (MURGATROYD et al., 1978). Quanto maior o valor demonstrado em cada dimensão, maior é a dominância télica do indivíduo.

<b>Dimensão</b>	<b>Itens</b>	<b>Descrição</b>
Seriedade do objetivo (SO)	13, 14, 16, 17, 22, 23, 24, 28, 29, 31, 33, 37, 38, 39	Frequência com que o sujeito enxerga ele próprio como estando engajado em atividades com uma proposta primária de alcançar alguma meta além da atividade em si.
Orientação ao planejamento (OP)	1, 2, 4, 6, 7, 8, 10, 20, 25, 26, 27, 32, 41, 42	Frequência com que o sujeito enxerga ele próprio como estando engajado em atividades que requerem um planejamento anterior e orientação para o futuro, ao invés de atividades que não são planejadas, espontâneas ou orientadas por “aqui e agora”.
Evitar ativação (EA)	3, 5, 9, 11, 12, 15, 18, 19, 21, 30, 34, 35, 36, 40	Frequência com que o sujeito enxerga ele próprio como estando engajado em atividades que são esperadas a diminuição da excitação.

**Quadro 2** - Dimensões da *Telic Dominance Scale* (TDS).

**Tabela 1** – Opções de resposta correspondente ao estado metamotivacional tético para cada item do TDS.

Dimensão	Opção de resposta tética	
	a)	b)
Seriedade do objetivo (SO)	17, 28, 31, 39	13,14,16, 22, 23, 24, 29, 33, 38
Orientação ao planejamento (OP)	1, 2, 6, 7, 8, 10, 25, 26, 41, 42	4, 20, 27, 32
Evitar ativação (EA)	9, 11, 12, 18, 19, 21, 34, 35, 36	3, 5, 15, 30, 40

a) Opção de resposta tética “a”; b) Opção de resposta tética “b”

#### 4.4 Procedimentos para tradução e adaptação transcultural

Pelo fato do instrumento psicométrico a ser validado (TDS) ser originalmente elaborado na língua e cultura inglesa, tornou-se necessário a realização do processo de tradução e adaptação transcultural para a validação para a língua portuguesa. Para tanto, inicialmente foi solicitado a um dos autores do instrumento original, Michael Apter a autorização para a tradução e validação do TDS para a língua portuguesa (APÊNDICE B).

##### 4.4.1 Formação de comitês

Inicialmente foram contatados dois tradutores para realizarem a tradução do instrumento, em seguida outros dois tradutores para a realização da tradução reversa do instrumento, e por fim três doutores em Psicologia do Esporte para avaliar a clareza e pertinência dos itens do TDS para língua portuguesa e realidade brasileira. O trabalho realizado pelos tradutores foi inicialmente individualizado e posteriormente em comitê.

#### **4.4.2 Dupla tradução reversa e independente**

Primeiramente, dois tradutores foram contratados para traduzir para o português o TDS original, cada um deles de forma independente, sem o conhecimento de que outro tradutor estaria realizando o mesmo trabalho. Em um segundo momento, foram contratados dois outros tradutores para traduzir novamente para o inglês, as versões traduzidas em português, de forma independente.

Após a tradução reversa, realizou-se a avaliação e a modificação das versões preliminares. As duas traduções para a língua inglesa foram comparadas com a versão original do instrumento, neste momento, foi discutida a semântica das questões e foram realizadas as mudanças que se julgaram necessárias. As duas versões na língua portuguesa foram revisadas e correções em relação aos termos técnicos utilizados na tradução e adequação dos itens para a compreensão pelo público alvo foi o foco das discussões do comitê de tradutores. As versões, em língua portuguesa, foram unificadas resultando na versão em português do instrumento (APÊNDICE C). Segundo Pasquali (2010) este processo de tradução diminuiu as chances dos vieses de um só pesquisador fazer a tradução.

#### **4.4.3 Análise teórica dos itens (validação de conteúdo)**

Três professores universitários doutores da área de Psicologia do Esporte foram convidados a participar como juízes avaliadores a fim de verificar a adequação da linguagem, pertinência prática e avaliação da dimensão teórica dos itens do TDS. Para este cálculo de validação de conteúdo, foi utilizado o Coeficiente de Validade do Conteúdo (CVC) para a clareza da linguagem e para a pertinência prática como proposto por Hernández-Nieto (2002). Adotou-se um CVC superior a 0,80, que são considerados os mais adequados pela rigorosidade, indicando índices altamente aceitáveis de validade de conteúdo. Para a avaliação da dimensão teórica, foi utilizado

o cálculo do índice de concordância entre avaliadores, o coeficiente *Kappa* (PASQUALI, 2010).

Para estas análises foram enviadas a cada juiz independente uma planilha contendo a avaliação da pertinência prática e da clareza de linguagem em uma escala *Likert* de 5 pontos, além da análise da dimensão teórica dos itens do TDS (APÊNDICE D). A escala *Likert* permite investigar a consistência no julgamento das competentes opiniões especializadas dos juízes-avaliadores quanto aos aspectos relativos aos itens do instrumento, oscilando entre “pouquíssima pertinência/clareza” (1) até “muitíssima pertinência/clareza” (5). Quanto ao aspecto “Clareza”, os juízes julgaram se cada uma das questões traduzidas apresentou linguagem suficientemente clara para ser entendida pela população que responderá o questionário. Quanto ao aspecto “Pertinência”, os juízes responderam em que nível julgavam que cada um dos itens do TDS era pertinente quando relacionadas à Teoria Reversa e a população em estudo. Já para a análise das dimensões teóricas, os juízes avaliaram a relevância do item para cada uma das dimensões teóricas que o instrumento mede (Seriiedade do objetivo – SO; Orientação ao planejamento - OP; Evitar ativação - EA).

Os cálculos do CVC foram realizados a partir das proposições de Hernández-Nieto (2002). Iniciou-se com o cálculo da média das notas dos juízes:

$$M_x = \frac{\sum_{i=1}^J x_i}{J}$$

Em que  $\sum x_i$  representa a soma das notas dos juízes e J representa o número de juízes que avaliaram o item.

Com base nessa média calculou-se o CVC inicial para cada item ( $CVC_i$ ), além do cálculo do erro, para descontar possíveis vieses dos juízes avaliadores para cada item.

$$CVC_i = \frac{M_x}{V_{máx}}$$

Em que  $V_{máx}$  representa o valor máximo que o item poderia receber.

Foi realizado também o cálculo do erro ( $Pe_i$ ), para descontar possíveis vieses dos juízes avaliadores, para cada item:

$$Pe_i = \left(\frac{1}{J}\right)^J$$

Após isso obtém-se o CVC final de cada item ( $CVC_c$ ), resultado da subtração do  $CVC_i$  pelos erros:

$$CVC_c = CVC_i - Pe_i$$

Para o cálculo do CVC total do questionário ( $CVC_t$ ), para cada uma das características (clareza de linguagem e pertinência prática), utilizou-se:

$$CVC_t = Mcvc_i - Mpe_i$$

Em que  $Mcvc_i$  representa a média dos coeficientes de validade de conteúdo dos itens do questionário e  $Mpe_i$ , a média dos erros dos itens do questionário.

#### **4.4.5 Instrumento piloto**

Após o término do processo de tradução e validação de conteúdo, realizou-se um estudo piloto com 50 atletas que representaram o município de Maringá nos Jogos Abertos do Paraná 2012. O estudo piloto objetivou aferir o grau de entendimento dos itens do instrumento traduzido; verificar a compreensão das instruções de preenchimento e da utilização da escala de resposta; apontar possíveis falhas durante a aplicação do questionário; verificar o tempo médio que um atleta demora em responder todos os itens; e sugerir instruções mais eficazes para a coleta de dados.

#### **4.4.6 Aplicação e coleta**

Inicialmente foi realizado contato com a Secretaria de Esporte do Paraná afim de que a coleta com os municípios participantes da fase final dos Jogos Abertos do



Paraná 2012 fosse autorizada (APÊNDICE E). Nesse contato inicial, o pesquisador expôs o tema e os objetivos da pesquisa. Em um segundo momento, o contato foi realizado com a Secretaria Adjunta de Esportes do Município de Jundiaí-SP, buscando autorização para a realização da pesquisa com os atletas que representam o município (APÊNDICE F). Após a obtenção das autorizações para realização da coleta de dados, o estudo foi submetido e aprovado ao Comitê Permanente de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá sob parecer número 78593/2012 (APÊNDICE G).

A aplicação do TDS foi realizada nos locais de jogos, em alojamentos ou nos locais de treinamento dos atletas. Cada atleta respondeu ao instrumento individualmente, em um tempo médio de aproximadamente 30 minutos. Com a finalidade de se obter os dados necessários para avaliação da estabilidade temporal, 98 atletas do município de Jundiaí foram avaliados em dois momentos distintos (inicial e retestagem) com intervalo de 7 a 14 dias após a testagem inicial, nesses casos nos locais de treinamento dos atletas.

#### **4.5 Análise dos dados**

Os dados obtidos foram analisados com o auxílio dos softwares SPSS (versão 15.0 para Windows) e IBM AMOS (versão 18.0 para Windows). Inicialmente foi realizada a análise descritiva dos dados por meio de valores de média ( $\bar{x}$ ), desvio-padrão (DP), mínimo e máximo. Em um segundo momento foi verificada a consistência interna do instrumento para língua portuguesa por meio do alfa de *Cronbach*, adotando  $\alpha=0,70$  como o mínimo aceitável (HAIR et al., 1998). Em seguida foi realizou-se a análise da estabilidade temporal (fidedignidade teste-reteste) através do coeficiente de correlação intraclassas adotando-se 0,70 como o mínimo aceitável (ALLWORTH; PASSMORE, 2008).

Por fim foi realizada a Análise Fatorial Confirmatória (AFC) com o objetivo de medir a adequabilidade do instrumento ao modelo conceitual na amostra do estudo, as

medidas utilizadas para verificar a adequação do modelo aos dados foram as que, em geral, mais freqüentemente têm sido aconselhadas para esse tipo de análise na literatura internacional (HAIR et al., 2005; KAHN, 2006; WORTHINGTON; WHITTAKER, 2006) referente à validação de instrumentos: índices de ajuste absoluto, incremental e parcimonioso. O modelo em análise levou em consideração que cada item deve medir apenas um fator com coeficiente padronizado mínimo de 0,30, (HAIR et al., 2005; KAHN, 2006)

Os índices de ajuste absoluto utilizados no estudo foram: qui-quadrado ( $\chi^2$ ), GFI (Índice de qualidade de ajuste), RMR (Raiz do resíduo quadrático médio), RMSEA (Raiz quadrada média dos quadrados dos erros de aproximação). Quanto aos índices de ajuste incremental foram considerados: TLI (Índice de Tucker-Lewis), NFI (Índice de ajuste normalizado), AGFI (Índice ajustado de qualidade do ajuste), PGFI (Índice de qualidade de ajuste parcimonioso) e Qui-quadrado normalizado ( $\chi^2/DF$ ).

# 5 RESULTADOS

---

---

Os resultados serão apresentados em diferentes momentos. Inicialmente será abordada a validade de conteúdo do TDS por meio da análise dos Coeficientes de validação de conteúdo (CVC) de clareza da linguagem e pertinência prática, além da concordância dos avaliadores quanto às dimensões teóricas do instrumento por meio do coeficiente *Kappa*. Em um segundo momento, serão apresentados dados do perfil amostra de validação considerando as modalidades disputadas, idade, nível de escolaridade e nível técnico. Em seguida será realizada a análise descritiva do TDS, bem como a análise da confiabilidade do instrumento por meio do alfa de *Cronbach* e da estabilidade teste-reteste pelo coeficiente de correlação intraclassas. Por fim, as propriedades psicométricas do TDS serão verificadas pela análise fatorial confirmatória (AFC) e da interpretação das medidas de ajuste absoluto, incremental e parcimonioso.

## 5.1 Validade de conteúdo do TDS

A validação de conteúdo de um instrumento abrange três aspectos básicos: a clareza da linguagem, pertinência prática e análise da dimensão teórica. Os dois primeiros são obtidos por meio do cálculo do coeficiente de validação de conteúdo (CVC) e o último por meio do coeficiente *Kappa*.

Em relação aos níveis aceitáveis do CVC, Hernández-Nieto (2002) recomenda que os itens do instrumento devem apresentar um valor mínimo de 0,80. Com relação à clareza de linguagem, caso o item apresente valores inferiores a 0,80, a linguagem deve ser reformulada para melhor entendimento da questão pela população-alvo de atletas. Quanto à pertinência prática, itens com valores de CVC inferiores a 0,80 devem ser descartados, por não serem considerados pertinentes para a realidade da população-alvo.

Nota-se (Tabela 2) que os itens 1, 4, 9, 11, 13, 15, 21, 31 e 40 apresentaram  $CVC_c$  de clareza da linguagem abaixo do ponto de corte de 0,80. Face a estes resultados, a linguagem dos itens 4, 11 e 31 foi reformulada a fim de melhorar o entendimento. Por outro lado, os itens 1, 9, 13, 15, 21 e 40 não sofreram alterações devido ao fato de também apresentarem  $CVC_c$  abaixo de 0,80 na pertinência prática, sendo excluídos do instrumento. O coeficiente de validação de conteúdo total ( $CVC_t$ ) do instrumento com 42 itens foi de 0,78 para a clareza da linguagem e 0,82 para pertinência prática.

**Tabela 2** – Coeficiente de validação de conteúdo em relação a clareza de linguagem e pertinência prática dos 42 itens do TDS.

Item	CVC <sub>c</sub>	
	Clareza da linguagem	Pertinência prática
<b>1</b>	<b>0,69</b>	<b>0,49</b>
2	0,92	0,96
3	0,96	0,96
4	<b>0,76</b>	0,82
<b>5</b>	0,84	<b>0,76</b>
6	0,96	0,96
7	0,80	0,96
<b>8</b>	0,88	<b>0,76</b>
<b>9</b>	<b>0,72</b>	<b>0,76</b>
10	0,96	0,96
11	<b>0,76</b>	0,82
12	0,88	0,96
<b>13</b>	<b>0,68</b>	<b>0,76</b>
14	0,88	0,83
<b>15</b>	<b>0,68</b>	<b>0,76</b>
16	0,96	0,96
17	0,86	0,96
<b>18</b>	0,80	<b>0,76</b>
19	0,82	0,82
20	0,96	0,96
<b>21</b>	<b>0,60</b>	<b>0,62</b>
<b>22</b>	0,86	<b>0,76</b>
23	0,88	0,82
24	0,84	0,96
25	0,84	0,96
26	0,96	0,96
<b>27</b>	0,84	<b>0,69</b>
28	0,96	0,96
29	0,92	0,89
30	0,96	0,96
31	<b>0,72</b>	0,82
32	0,96	0,82
33	0,82	0,82
34	0,96	0,96
35	0,88	0,96
<b>36</b>	0,80	<b>0,56</b>
37	0,86	0,96
38	0,88	0,96
39	0,86	0,96
<b>40</b>	<b>0,68</b>	<b>0,76</b>
41	0,84	0,89
42	0,84	0,89

Em relação à pertinência prática, os itens 1, 5, 8, 9, 13, 15, 18, 21, 22, 27, 36 e 40 foram descartados da versão para a língua portuguesa do TDS por apresentarem CVC<sub>c</sub> inferior a 0,80, demonstrando que estes itens não são adequados para a amostra avaliada (Tabela 2).

Todos os demais itens apresentaram CVC<sub>c</sub> de clareza da linguagem e pertinência prática acima de 0,80. Após as exclusões dos itens supracitados e da readequação da linguagem, o instrumento demonstrou coeficiente de validação de conteúdo geral (CVC<sub>t</sub>) para clareza de linguagem de 0,88 e para pertinência prática de 0,92.

Dessa maneira, dos 42 itens do instrumento original, 12 foram retirados da versão para língua portuguesa (1, 5, 8, 9, 13, 15, 18, 21, 22, 27, 36 e 40). Assim, permaneceram para aplicação na amostra de validação 30 itens, que foram reordenados e renumerados.

Além da análise do CVC de clareza da linguagem e pertinência prática, realizou-se também a análise da dimensão teórica (classificações dos itens nas respectivas dimensões) por meio do índice de concordância entre os juízes avaliadores (coeficiente *Kappa*) na versão com 30 itens. De acordo com Nunally (1978), valores de *Kappa* entre 0,40 e 0,59 demonstram concordância moderada entre os juízes. Valores entre 0,60 e 0,79 revelam concordância substancial e entre 0,80 e 1,0, a concordância é quase perfeita.

O coeficiente *Kappa* geral do instrumento foi de 0,67, o que revela concordância substancial dos avaliadores em relação a classificação dos itens em suas determinadas dimensões.

## 5.2 Perfil da amostra

Verificou-se que a amostra teve média de idade de  $21,54 \pm 2,65$  anos e  $9,02 \pm 5,13$  anos de tempo de prática esportiva. Em relação ao gênero, a média de idade dos homens foi de  $21,64 \pm 5,79$  anos e  $8,99 \pm 5,39$  anos de tempo de prática; as mulheres apresentaram média de  $21,43 \pm 5,51$  anos e  $9,05 \pm 4,85$  anos de tempo de prática. Esta faixa etária corresponde ao limite inferior da faixa etária da validação do instrumento original (MURGATROYD et al. 1978) que foi entre 21 e 60 anos. A tabela 3 apresenta a distribuição de frequência dos atletas por gênero e modalidade esportiva.

**Tabela 3** – Frequência e percentual das modalidades esportivas por gênero da amostra do estudo.

Modalidade	Gênero		Total
	Masculino (n=204) n (%)	Feminino (n=187) n (%)	
Basquete	51 (13,0%)	39 (10,0%)	90 (23,0%)
Handebol	22 (5,7%)	65 (16,6%)	87 (22,3%)
Atletismo	16 (4,1%)	20 (5,1%)	36 (9,2%)
Voleibol	13 (3,3%)	18 (4,6%)	31 (7,9%)
Futsal	29 (7,4%)	0 (0,0%)	29 (7,4%)
Natação	17 (4,3%)	09 (2,3%)	26 (6,6%)
Taekwondo	14 (3,6%)	07 (1,8%)	21 (5,4%)
Futebol	19 (4,9%)	0 (0,0%)	19 (4,9%)
Ciclismo	08 (2,0%)	09 (2,3%)	17 (4,3%)
Tênis	05 (1,3%)	08 (2,0%)	13 (3,3%)
Ginástica Rítmica	0 (0,0%)	09 (2,3%)	09 (2,3%)
Rúgbi	08 (2,0%)	0 (0,0%)	08 (2,0%)
Vôlei de praia	02 (0,6%)	03 (0,7%)	05 (1,3%)
<b>Total</b>	<b>204 (52,2%)</b>	<b>187 (47,8%)</b>	<b>391 (100%)</b>

Observa-se (Tabela 3) que a amostra foi composta por 391 atletas, com 204 (52,2%) homens e 187 (47,8%) mulheres de 13 modalidades esportivas coletivas e individuais. A modalidade com maior número de participantes foi o basquete, sendo 51 homens (13,0%) e 39 mulheres (10,0%), seguidas do handebol, com 22 homens (5,7%) e 65 mulheres (16,6%); atletismo, com 16 homens (4,1%) e 20 mulheres (5,1%); voleibol, com 13 homens (3,3%) e 18 mulheres (4,6%); futsal, com 29 homens (7,4%); natação, com 17 homens (4,3%) e 9 mulheres (2,3%); taekwondo, com 14 homens (3,6%) e 7 mulheres (1,8%); futebol, com 19 homens (4,9%); ciclismo com 8 homens (2,0%) e 9 mulheres (9,3%); tênis, com 5 homens (1,3%) e 8 mulheres (2,0%); ginástica rítmica, com 9 mulheres (2,3%); rúgbi, com 8 homens (2,0%); vôlei de praia, com 2 homens (0,6%) e 3 mulheres (0,7%).

Em relação ao nível de escolaridade da amostra, 3,58% (n=14) cursou o ensino fundamental completo; 67,52% (n=264) o ensino médio completo e 28,90% (n=113) o ensino superior completo. Entretanto, é de se destacar que a média de idade da amostra foi de 21,54 anos, sendo esta uma idade universitária, dessa forma muitos atletas ainda estavam cursando o ensino superior.

Quanto ao nível técnico identificou-se que 67,77% (n=265) dos atletas participavam de competições seu município em competições estaduais; 19,18% (n=75) representaram o estado em competições nacionais e 13,04% (n=51) já representaram ou representam o país em competições internacionais.

### **5.3 Análise descritiva do TDS**

A análise descritiva do TDS demonstrou que os atletas utilizaram as três opções de respostas existentes nas 30 questões do TDS. A média das respostas oscilou entre  $0,12 \pm 0,31$  e  $0,91 \pm 0,25$  nos itens 22 e 7, respectivamente (Tabela 4).



**Tabela 4** – Análise descritiva dos itens do TDS em relação à amostra de validação.

<b>Item</b>	<b>Média (<math>\bar{x}</math>)</b>	<b>Desvio-padrão (SD)</b>	<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>
1	0,85	0,28	0,0	1,0
2	0,64	0,46	0,0	1,0
3	0,83	0,36	0,0	1,0
4	0,16	0,35	0,0	1,0
5	0,66	0,46	0,0	1,0
6	0,71	0,40	0,0	1,0
7	0,91	0,25	0,0	1,0
8	0,32	0,45	0,0	1,0
9	0,35	0,45	0,0	1,0
10	0,22	0,38	0,0	1,0
11	0,63	0,45	0,0	1,0
12	0,78	0,36	0,0	1,0
13	0,60	0,46	0,0	1,0
14	0,19	0,37	0,0	1,0
15	0,38	0,47	0,0	1,0
16	0,48	0,49	0,0	1,0
17	0,86	0,33	0,0	1,0
18	0,72	0,41	0,0	1,0
19	0,56	0,44	0,0	1,0
20	0,49	0,48	0,0	1,0
21	0,83	0,35	0,0	1,0
22	0,12	0,31	0,0	1,0
23	0,53	0,46	0,0	1,0
24	0,22	0,40	0,0	1,0
25	0,60	0,47	0,0	1,0
26	0,69	0,44	0,0	1,0
27	0,73	0,41	0,0	1,0
28	0,80	0,38	0,0	1,0
29	0,69	0,45	0,0	1,0
30	0,47	0,49	0,0	1,0

A tabela 5 apresenta a análise descritiva das dimensões do TDS levando em consideração a estrutura proposta pelo instrumento original. Identificou-se que os resultados da dimensão Seriedade do objetivo obteve média de  $6,65 \pm 2,18$  em uma escala possível de 12 pontos, a dimensão Orientação ao planejamento teve média de  $6,45 \pm 1,87$  em uma escala possível de 11 pontos, e a dimensão Evitar a ativação demonstrou média de  $3,99 \pm 1,25$  em uma escala possível de 7 pontos.

**Tabela 5** - Análise descritiva das dimensões do TDS em relação à amostra de validação.

<b>Dimensão do TDS</b>	$\bar{x}$	DP	Mínimo	Máximo	Escala
Seriedade do objetivo (SO)	6,65	2,18	1,00	12,00	0-12
Orientação ao planejamento (OP)	6,45	1,87	0,00	11,00	0-11
Evitar a ativação (EA)	3,99	1,25	0,50	7,00	0-7
Total TDS	17,08	4,15	5,00	27,00	0-30

#### 5.4 Confiabilidade do TDS

A mensuração da confiabilidade buscou verificar o grau pelo qual um grupo de variáveis observáveis está medindo um determinado constructo. Esta medida foi realizada por meio do alfa de *Cronbach*, que apresentou um índice geral do instrumento de 0,73. A partir dos valores de referência de Hair et al. (1998), que apontam 0,70 como o mínimo aceitável, o instrumento apresentou confiabilidade aceitável e razoável. Entretanto, por se tratar de um instrumento multidimensional, é de suma importância o cálculo da confiabilidade de cada dimensão de forma separada, além da correlação item-fator (Tabela 6).

**Tabela 6** – Consistência interna das dimensões do TDS e correlação item-dimensão.

<b>Dimensões do TDS</b>	<b>Item</b>	<b><math>\alpha</math></b>	<b>Correlação Item-Dimensão</b>
Seriedade do Objetivo	9, 10, 11, 14, 15, 18,19, 21, 23, 26, 27, 28	0,75	0,61/0,65/0,67/0,36/0,69/0,38/0,66/0,32/0,61/0,66/0,63/0,62
Orientação ao Planejamento	1, 3, 4, 5, 6, 13, 16, 17, 22, 29,30	0,74	0,63/0,65/0,31/0,62/0,35/0,63/0,67/0,61/0,42/0,74/0,71
Evitar a ativação	2, 7, 8, 12, 20, 24, 25	0,44	0,43/0,36/0,47/0,34/0,57/0,27/0,56

Observa-se (Tabela 6) que o alfa de *Cronbach* das dimensões oscilou de 0,44 à 0,75. Assim, percebe-se que o TDS apresentou consistência interna satisfatória nas dimensões de Seriedade do objetivo e Orientação ao planejamento, entretanto, a dimensão Evitar a ativação demonstrou consistência interna abaixo de valores aceitáveis, evidenciando que esta dimensão apresenta problemas psicométricos e na homogeneidade dos componentes da escala.

Nota-se que a correlação item-fator do TDS obteve correlações fracas, moderadas e fortes, oscilando entre 0,27 e 0,74. Os valores demonstram que existem itens com baixa correlação com seus respectivos fatores, principalmente na dimensão Evitar a ativação, sugerindo novamente a existência de itens problemáticos no instrumento.

### **5.5 Estabilidade temporal do TDS**

A fim de identificar a estabilidade teste-reteste do instrumento, utilizou-se do coeficiente de correlação intraclasse. Quanto aos valores indicados pela literatura como aceitáveis, Vallerand (1989) aponta um mínimo de 0,60 como satisfatório, entretanto, outros autores apontam 0,70 como o mínimo aceitável (ALLWORTH; PASSMORE, 2008).

**Tabela 7 – Coeficiente de correlação intraclasse dos itens do TDS.**

<b>Item</b>	<b>r</b>	<b>Intervalo de confiança (95%)</b>
1	0,97	0,95-0,99
2	0,96	0,93-0,97
3	0,96	0,94-0,97
4	0,95	0,93-0,97
5	0,98	0,97-0,99
6	0,95	0,93-0,97
7	0,94	0,92-0,96
8	0,93	0,90-0,95
9	0,97	0,96-0,99
10	0,98	0,97-0,98
11	0,97	0,95-0,98
12	0,97	0,96-0,98
13	0,97	0,96-0,98
14	0,98	0,97-0,99
15	0,95	0,92-0,96
16	0,95	0,93-0,97
17	0,92	0,88-0,95
18	0,96	0,94-0,97
19	0,94	0,92-0,96
20	0,96	0,94-0,97
21	0,97	0,96-0,98
22	0,94	0,92-0,96
23	0,96	0,94-0,97
24	0,98	0,97-0,99
25	0,90	0,85-0,93
26	0,98	0,97-0,99
27	0,90	0,85-0,93
28	0,94	0,90-0,96
29	0,95	0,93-0,97
30	0,98	0,96-0,98
<b>Média</b>	<b>0,95</b>	

Nota-se (Tabela 7) que os valores do coeficiente de correlação intraclasse apresentaram-se acima de 0,90, todos acima do mínimo 0,70 proposto por Allworth e Passmore (2008). Destaca-se que por se tratar de uma escala com apenas três opções de resposta é esperado que exista boa estabilidade teste-reteste.

Devido à natureza multidimensional do instrumento, torna-se indispensável a realização do cálculo da estabilidade temporal de cada dimensão (Tabela 8).

**Tabela 8** - Coeficiente de correlação intraclasse das três dimensões do TDS.

<b>Dimensão do TDS</b>	<b>R</b>	<b>Intervalo de confiança (95%)</b>
Seriedade do objetivo (SO)	0,98	0,98-0,99
Orientação ao planejamento (OP)	0,97	0,96-0,98
Evitar a ativação (EA)	0,94	0,91-0,96

Verifica-se (Tabela 8) que as dimensões do TDS apresentaram coeficiente de correlação intraclasse entre 0,94 e 0,98, demonstrando boa estabilidade teste-reteste para amostra de validação. Após a confirmação da estabilidade temporal do instrumento, é necessária a realização da análise fatorial confirmatória da versão para a língua portuguesa, visando avaliar se a estrutura fatorial de três dimensões do instrumento realmente avalia o constructo “Dominância télica”.

## 5.6 Análise Fatorial Confirmatória do TDS

Antes de realizar a validade fatorial confirmatória, uma análise preliminar foi realizada a fim de verificar a adequação dos dados à análise. Refere-se a verificação da existência de casos *outliers*, levando em consideração que a inexistência destes casos é um pressuposto para esta análise (HAIR et al., 2005). A análise preliminar não demonstrou a existência de *outliers*, permitindo o uso da análise fatorial confirmatória. Verificou-se e confirmou-se a normalidade dos dados, que é um dos pressupostos para a realização da análise fatorial confirmatória.

O modelo do TDS testado pela análise fatorial confirmatória foi semelhante ao original, contendo 30 itens devido à exclusão de 12 itens no processo de validação de conteúdo, estes concentrados em três fatores (Seriedade do objetivo, Orientação ao planejamento e Evitar a ativação). O modelo em análise leva em conta que cada item deve medir apenas um fator com coeficiente padronizado mínimo de 0,30 (HAIR et al., 2005; KAHN, 2006), levando em consideração a indicação de que este é o aceitável em função da amostra ser maior que 350 (HAIR et al., 2005). Assim, faz-se necessário

calcular os parâmetros individuais de cada item do instrumento para verificar se realmente pertencem a um determinado fator. A tabela 9 apresenta as estimativas dos coeficientes padronizados do TDS.

**Tabela 9** - Estimativas dos coeficientes padronizados do TDS.

Item	SO	OP	EA
1		0,31	
2			<b>0,27</b>
3		0,31	
4		<b>-0,05</b>	
5		0,46	
6		<b>0,23</b>	
7			<b>0,11</b>
8			<b>0,19</b>
9	0,41		
10	0,34		
11	0,52		
12			<b>0,26</b>
13		0,33	
14	<b>0,22</b>		
15	0,33		
16		0,31	
17		0,36	
18	<b>0,20</b>		
19	0,43		
20			<b>0,13</b>
21	<b>0,11</b>		
22		<b>0,16</b>	
23	0,31		
24			<b>-0,19</b>
25			<b>0,29</b>
26	0,43		
27	0,40		
28	0,35		
29		0,50	
30		0,49	

Nota: SO – Seriedade do objetivo; OP – Orientação ao planejamento; EA – Evitar a ativação

Percebe-se (Tabela 9) pela análise dos coeficientes padronizados (cargas fatoriais) que os itens 2, 4, 6, 7, 8, 12, 14, 18, 20, 21, 22, 24 e 25 não saturaram nos respectivos fatores como postulado pelo instrumento original. Dessa forma, estes itens foram retirados da análise, visto que as cargas fatoriais foram inferiores 0,30. A

exclusão destes itens teve outra consequência, que foi a exclusão da dimensão Evitar a ativação, devido ao fato de todos os itens desta dimensão apresentarem valores de coeficientes padronizados inferiores ao recomendável. Esses valores reforçam o que já havia sido observado na análise da consistência interna da dimensão, que também foi abaixo do aceitável. Os demais itens saturaram em seus fatores com valores superiores a 0,30 ( $p < 0,05$ ).

Partindo-se do pressuposto da existência de correlação entre as dimensões do construto avaliado para a amostra (MURGATROYD et al., 1978), a adequação do modelo fatorial confirmatório foi testada com o uso do método de estimação *Maximum Likelihood* (Máxima Verossimilhança), que é o recomendado para grandes amostras como a do presente estudo. Dessa forma, o modelo do TDS foi testado por meio dos índices de ajuste absoluto, incremental e parcimonioso, supracitados na revisão de literatura do presente estudo. Estes índices têm como finalidade o bom ajustamento do modelo aos dados. A Tabela 10 apresenta os índices gerados pela análise fatorial confirmatória.

**Tabela 10** - Índices de ajustamento do modelo do TDS com 17 itens para a amostra de validação.

<b>Índices TDS</b>	<b>Valor</b>
$X^2$	216,26
GL	117
$P$	0,000
$X^2$ normalizado ( $X^2/gl$ )	1,84
GFI	0,94
RMR	0,09
RMSEA	0,04
TLI	0,82
NFI	0,81
AGFI	0,92
CFI	0,90
ECVI	0,72

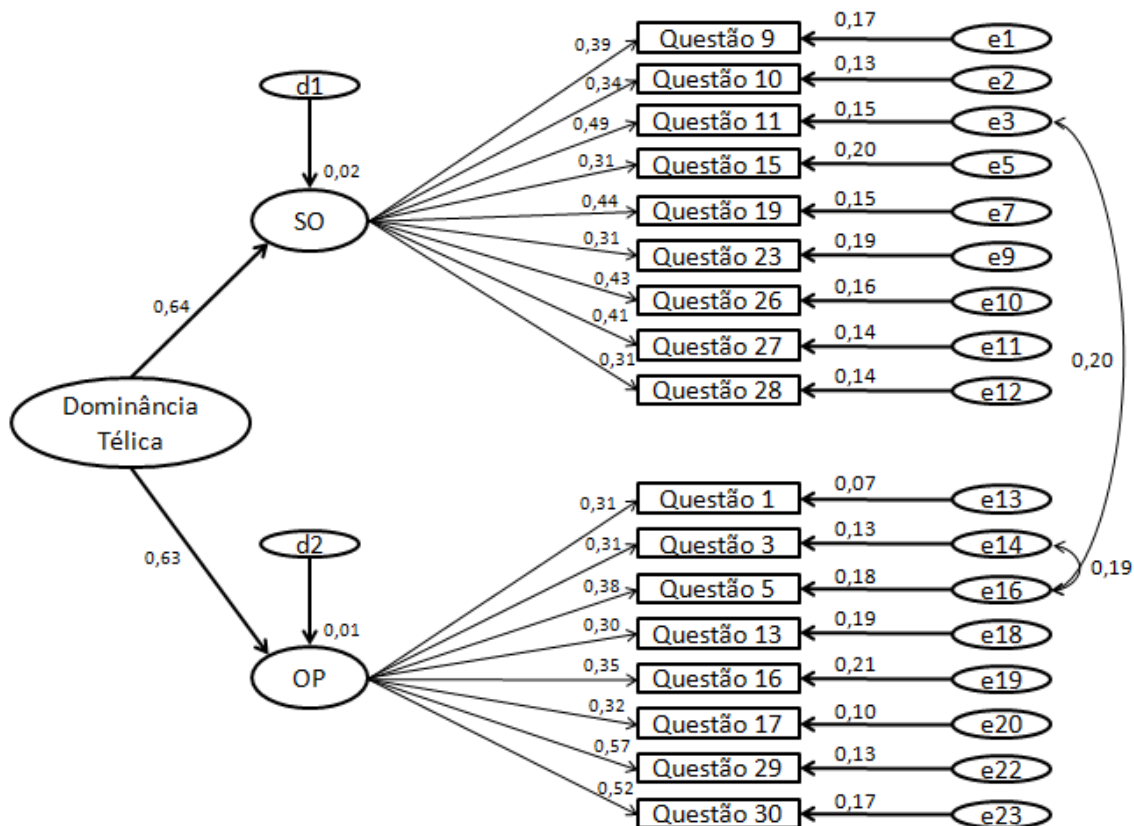
Nota.  $X^2$  = Qui-Quadrado; GL = graus de liberdade;  $X^2/gl$  = Qui-Quadrado normalizado; GFI = Índice de Qualidade do Ajuste; RMR = Raiz Quadrada da Média dos Resíduos ao Quadrado; RMSEA = Raiz do Erro Quadrático Médio de Aproximação; TLI = Índice Tucker-Lewis; NFI = Índice de Ajuste Normalizado; AGFI = Índice de Qualidade de Ajuste Calibrado; CFI = Índice de Ajuste Comparativo; ECVI = Índice de validação cruzada esperada.

Verifica-se (Tabela 10) que a estrutura fatorial com dois fatores do TDS em relação ao ajustamento global demonstrou  $X^2 = 216,26$  significativo com  $p < 0,001$ . O

valor do qui-quadrado significativo é indicado como sendo não satisfatório, porém, Hair et al. (2005) e Kahn (2006) sugerem fragilidades deste, como influência de grandes amostras neste índice, o que pode levar a rejeição de bons modelos, assim, prosseguiu-se com a análise do modelo. Em relação aos outros índices de ajuste absoluto utilizados no estudo, observa-se que os valores do RMR = 0,09; RMSEA = 0,04 ECVI = 0,72 e do GFI = 0,94 obtiveram valores dentro dos aceitáveis pela literatura. Quanto às medidas de ajuste incremental, nota-se que os valores do TLI = 0,82 e NFI = 0,81 se apresentaram pouco abaixo dos valores recomendados de pelo menos 0,90, valor este que foi excedido pelo AGFI = 0,92.

Os valores das medidas de ajuste parcimonioso ( $X^2$  normalizado = 1,84; CFI = 0,90) obtiveram valores dentro dos aceitáveis pela literatura. No caso do  $X^2$  normalizado, dentro do limite inferior de 1,0 e superior de 5,0; para o CFI com o nível mínimo recomendado de 0,90 (HAIR et al., 2005). Estes valores referem-se ao novo modelo proposto para o TDS em função das exclusões durante a validação de conteúdo e pelo fato de não saturarem com os valores mínimos aceitáveis em seus respectivos fatores. A Figura 5 apresenta as estimativas do modelo proposto.





**Figura 6** – Coeficientes padronizados, intercorrelações entre fatores e erros associados a cada item no modelo de dois fatores (Seriiedade do objetivo – SO; Orientação ao planejamento - OP) com 17 itens do TDS.

Verifica-se (Figura 6) que as cargas fatoriais demonstraram valores moderados entre 0,31 e 0,57. Os erros de mensuração associados a cada item evidenciaram valores baixos, entre 0,07 e 0,21. Além disso, o modelo explicitou correlação entre os erros de mensuração de alguns itens (3 e 16; 14 e 16). A partir das cargas fatoriais e dos erros calculou-se a validade convergente por meio da variância média extraída (VEM) de cada dimensão, considerando que valores acima de 0,50 são indicadores de validade convergente adequada (FORNELL; LARCKER, 1981). Os valores de VEM das dimensões foram: SO = 0,50 e OP = 0,49. As dimensões apresentaram valores idênticos ou pouco abaixo do limite proposto. Além disso, o fator de segunda ordem dominância télica apresentou VEM = 0,52.

O modelo fatorial encontrado no presente estudo difere em relação ao original, que apresentou 12 itens excluídos no processo de validação de conteúdo e 13 ao

decorrer da análise fatorial confirmatória, por não saturarem em seu respectivo fator com valor superior a 0,30. Dessa forma, a numeração e reordenação dos itens em suas duas dimensões foram corrigidos para finalizar o processo de validação do TDS para a população brasileira (APÊNDICE H) (Quadro 3).

<b>Dimensões</b>	<b>Descrição</b>	<b>Itens</b>
Seriedade do Objetivo (SO)	Frequência com que o sujeito enxerga ele próprio como estando engajado em atividades com uma proposta primária de alcançar alguma meta além da atividade em si.	4, 5, 6, 8, 11, 12, 13, 14, 15
Orientação ao planejamento (OP)	Frequência com que o sujeito enxerga ele próprio como estando engajado em atividades que requerem um planejamento anterior e orientação para o futuro, ao invés de atividades que não são planejadas, espontâneas ou orientadas por “aqui e agora”.	1, 2, 3, 7, 9, 10, 16, 17

**Quadro 3** – Dimensões da Escala de Dominância Télica validada para a língua portuguesa com 17 itens.

Os resultados apresentados pela análise fatorial confirmatória demonstraram dimensionalidade aceitável da versão para a língua portuguesa do TDS. Esta trata-se de uma validação inicial do instrumento, assim, para a validação neste contexto, identificando que o TDS possui propriedades psicométricas adequadas.

# 6 DISCUSSÃO

---

---

## 6.1 Análise Descritiva do TDS

Em relação à análise descritiva, percebeu-se que as 30 variáveis observadas (itens) apresentaram distribuição normal, assim como o estudo da validação do instrumento original (MURGATROYD et al., 1978). Em geral, os estudos que utilizam o TDS apresentam distribuição normal dos dados, como nos estudos de Svebak e Murgatroyd (1985), Martin et al. (1987), Svebak e Kerr (1989), Cogan e Brown (1999), Loonis et al. (2000), Kerr et al. (2006).

A média das respostas dos itens oscilou de 0,12 à 0,91 (Tabela 4, p.58), demonstrando a existência de itens que em geral apontam para a direção télica, enquanto outros apontam para a direção paratética de dominância do comportamento. Em relação à análise descritiva das dimensões do instrumento (Tabela 5, p.59), foram demonstrados valores localizados próximos à metade do possível de ser alcançado, o que demonstra que entre as treze modalidades estudadas na amostra de validação do instrumento não há dominância de comportamento télico ou paratético quanto à seriedade do objetivo, orientação ao planejamento e evitar a ativação. Nota-se também que o valor total do instrumento apresentou valor mediano em relação à escala máxima possível de 30 pontos, evidenciando que as modalidades individuais e coletivas sem separação por grupo ou por características não explicitam dominância télica ou paratética.

Entretanto, Kerr et al. (2006) apontam que estudos no contexto esportivo têm demonstrado uma das principais questões da teoria, que se relaciona à dominância télica ou paratética em diferentes tipos de esporte. Essa relação se dá na preferência de pessoas com dominância télica por esportes de resistência, caracterizados principalmente pela repetição e monotonia, como maratonas, ciclismo e remo. Enquanto

que indivíduos com dominância paratética têm preferência por esportes explosivos, caracterizados pela impulsividade na ação.

## 6.2 Confiabilidade do TDS

A confiabilidade de uma medida se refere à capacidade desta de ser consistente, ou seja, se é capaz de reproduzir resultados semelhantes em outras aplicações em populações similares. Além disso, a confiabilidade é uma estimativa de como os dados poderiam se comportar (MAROCO; GARCIA-MARQUES, 2006). Como já citado, o índice mais utilizado para este objetivo é o alfa de *Cronbach*, que foi calculado para o instrumento em geral e por se tratar de um instrumento multidimensional, também foi calculado para cada uma das dimensões.

Observa-se (Tabela 6, p.59) que os valores de alfa de *Cronbach* geral ( $\alpha=0,73$ ) e das dimensões Seriedade do objetivo ( $\alpha=0,75$ ) e Orientação ao planejamento ( $\alpha=0,74$ ) atingiram nível razoável de confiabilidade. Isso demonstra que os itens constitutivos das dimensões apresentaram precisão de medida aceitável. O mesmo não ocorreu na dimensão evitar a ativação ( $\alpha=0,44$ ), que utilizando os critérios de Nunnally e Bernstein (1994) não atingiu o valor mínimo aceitável de 0,70, demonstrando que os itens que fazem parte desta dimensão apresentaram problemas de precisão em sua medida.

A confiabilidade da versão para o contexto esportivo brasileiro em geral vai ao encontro de outros estudos que utilizaram o TDS e realizaram o cálculo do alfa de *Cronbach* em amostra inglesa (MURGATROYD et al., 1978; JACKSON; SCHOMER, 2006, LEGRAND; BERTUCCI; THATCHER, 2009). O valor para a dimensão evitar a ativação foi de encontro aos outros estudos e corrobora com a validação para a língua francesa (LOONIS et al., 2000), que também não alcançou níveis aceitáveis de consistência interna para esta dimensão.

Em relação ao instrumento original (MURGATROYD et al., 1978), os valores do alfa de *Cronbach* apresentaram nas dimensões de Seriedade do objetivo  $\alpha = 0,69$  e Orientação ao planejamento  $\alpha = 0,65$ . Percebe-se que a confiabilidade dessas duas

dimensões foram maiores no presente estudo do que no original. Entretanto, a dimensão Evitar ativação no instrumento original apresentou o maior valor de  $\alpha = 0,73$ , o que vai de encontro com o presente estudo. Isto pode ocorrer devido a questões culturais dos itens desta dimensão, a qual já havia sido diminuída de 12 para 7 itens devido a exclusões por baixo coeficiente de validação de conteúdo na pertinência prática.

Sendo a análise da consistência interna parte fundamental da validação de instrumentos de medida, os resultados indicam que na versão para língua portuguesa, a dimensão Evitar ativação apresenta itens problemáticos em relação a precisão da medida. Isso se confirma na análise da correlação item-fator (Tabela 6, p.59) em que foram observadas correlações fracas com o fator (itens 7, 12 e 24). Os itens das outras dimensões apresentaram em geral valores acima de 0,60, que são aceitáveis, já que Maroco (2010) postula que valores acima de 0,50 são satisfatórios. À exceção dos itens 4, 6, 14, 18, 21 das dimensões seriedade do objetivo e orientação ao planejamento que apresentaram correlações inferiores a 0,50. É importante destacar que estes itens com baixa correlação com o fator podem apresentar problemas na análise fatorial confirmatória.

### **6.3 Estabilidade temporal do TDS**

A fidedignidade diz respeito ao grau de estabilidade pelo qual o resultado de um sujeito, ao responder a um instrumento, permanece relativamente consistente após sua aplicação repetida, ou seja, produz sempre um resultado semelhante para o mesmo sujeito (SCHUTZ; PARK, 2004). A estabilidade teste-reteste foi calculada por meio do coeficiente de correlação intraclasse (CCI), uma das ferramentas estatísticas mais utilizadas para a mensuração de confiabilidade de medidas (SHORUT; FLEISS, 1979). Os autores apontam que O CCI é mais utilizado em detrimento do coeficiente de correlação de Pearson porque a amostra pode ser univariada, ter mais de dois grupos e ser sensível à diferença entre médias e variâncias dos grupos.

Os resultados evidenciaram (Tabela 7, p.61) que todos os itens apresentaram coeficiente de correlação intraclasses superiores a 0,90. Estes são índices satisfatórios, já que o mínimo aceitável proposto por Vallerand (1989) é  $r > 0,60$ , entretanto outros autores mais conservadores sugerem valores maiores como  $r > 0,70$  (NUNNALLY, 1978) ou  $r > 0,80$  (PASQUALI, 1999). Entretanto, não foi possível estabelecer uma comparação com a validação para língua francesa, que não utilizou nenhuma medida de fidedignidade temporal. Assim, o presente estudo torna-se pioneiro em realizar esta medida na validação do TDS.

Em relação ao instrumento original (MURGATROYD et al., 1978), os autores utilizaram uma técnica diferente para aferir a estabilidade temporal do instrumento. Nesta técnica, a amostra foi dividida em quatro grupos, em que foi aplicado o reteste em quatro diferentes momentos, após 6h da primeira aplicação, após 6 semanas, 6 meses e 12 meses. Os resultados evidenciaram valores de fidedignidade acima 0,90 no teste-reteste após 6h, próximos a 0,80 nas dimensões de Orientação ao planejamento e Evitar ativação e 0,60 em Seriedade do objetivo após 6 semanas. Após 6 meses os valores foram próximos de 0,70 em Orientação ao planejamento e Evitar ativação e 0,60 em Seriedade do objetivo, assim como no teste-reteste após 12 meses.

Por se tratar de uma técnica diferente da utilizada no presente estudo, fazer comparação de valores com valores de CCI do presente estudo (Tabela 8) torna-se irrelevante. Porém, os autores apontam que estes resultados são altamente satisfatórios, assim como os resultados da fidedignidade da versão para língua portuguesa do TDS, que encontraram-se todos com valores de CCI acima de 0,90 (Tabela 7, p.61).

Por se tratar de um instrumento multidimensional, o coeficiente de correlação intraclasses também foi calculado para cada dimensão do TDS (Tabela 8, p.62). Os valores variaram entre 0,94 e 0,98 e também demonstraram boa estabilidade temporal. Estes resultados corroboram com a estabilidade temporal observada na versão original do instrumento (MURGATROYD et al., 1978). Dessa forma, após as duas aplicações do TDS, pode-se afirmar a existência de estabilidade temporal satisfatória na versão brasileira, mesmo adotando-se critérios mais rigorosos.

## 6.5 Análise Fatorial Confirmatória do TDS

A análise fatorial confirmatória está relacionada à dimensionalidade do instrumento, sendo parte fundamental para análise da validade de uma escala, devido principalmente ao fato de ser uma verificação científica e estatística da hipótese da representação dos itens frente ao modelo teórico (PASQUALI, 2010). Em outras palavras, busca testar a validade de modelos teóricos que definem a forma como diferentes variáveis latentes são operacionalizadas e como estes estão relacionados entre si e com as variáveis observadas (MAROCO, 2010).

Esta técnica é centrada na teoria subjacente ao instrumento, dessa forma, pode-se analisar estatisticamente de forma adequada a validade do modelo teórico (MUELLER, 1996). Nesse sentido, Kelloway (1998 *apud* FREIRE DA SILVA, 2006) cita que a análise fatorial confirmatória permite a operacionalização de um modelo de medida, e é particularmente apropriada quando existe um debate sobre a estrutura fatorial de uma escala ou medida, como é o caso do presente estudo.

Em relação aos dados do TDS analisados constatou-se que a solução inicial com 30 itens e 3 dimensões não apresentou validade fatorial satisfatória, devido aos parâmetros individuais dos itens 2, 4, 6, 7, 8, 12, 14, 18, 20, 21, 22, 24 e 25 (Tabela 9, p.63) não terem saturado com seus respectivos fatores com a carga fatorial mínima indicada pela literatura de 0,30 (HAIR et al., 2005). Dessa forma, optou-se pela exclusão destes itens, visando com que o instrumento apresentasse validade fatorial adequada de acordo com os índices propostos na literatura.

Levando em consideração a necessidade de exclusão destes itens, a dimensão de evitar ativação foi extinta do instrumento, assim, a estrutura fatorial da versão brasileira do TDS apresenta dois fatores (Figura 6, p.66). Acredita-se que a exclusão desta dimensão está diretamente relacionada à população-alvo do estudo, que trata-se de atletas, os quais necessitam de um estado mínimo de ativação para a prática esportiva, havendo uma relação próxima dos níveis de ativação com o desempenho (RUBIO, 1999). Perkins, Wilson e Kerr (2001) indicam apoiados na teoria Reversa que

altos níveis de ativação positiva podem elevar o desempenho atlético, dessa forma, não há a busca por evitar a ativação no contexto esportivo.

A respeito do modelo do TDS com duas dimensões, Hyland, Sherry e Thacker (1988) demonstraram que a solução do modelo com dois fatores apresentou resultados semelhantes a de três fatores. Os autores comentam que o primeiro fator (Seriedade do objetivo) apresentou os melhores resultados, podendo ser devido a este os valores positivos da validade fatorial do TDS.

Além disso, Hyland, Sherry e Thacker (1988) chegaram a conclusão que o TDS realmente mensura a dominância tética, entretanto, existem muitos itens que não são relacionados ao constructo e apontam que o instrumento ideal deveria conter 24 itens. Dos 18 itens que os autores apontaram que seriam desnecessários no instrumento, no presente estudo 9 foram excluídos a partir dos baixos índices de validade conteúdo de pertinência prática e 4 foram retirados da versão para língua portuguesa devido aos baixos coeficientes padronizados na AFC. Sendo assim, dos 18 itens citados por Hyland, Sherry e Thacker (1988) como desnecessários, 13 foram excluídos no presente estudo.

Após a exclusão dos itens supracitados encontrou-se um modelo que apresentou em geral índices aceitáveis (Tabela 10, p.64). Observa-se que o valor do qui-quadrado foi alto ( $X^2=216,26$ ) e significativo ( $p<0,001$ ), sugerindo um fraco ajuste do modelo, já que valores altos e significativos demonstram que as matrizes de dados observadas e estimadas se diferem consideravelmente, entretanto, é comum ocorrer em amostras muito grandes (HAIR et al., 2005). Os autores apontam que o qui-quadrado é sensível ao tamanho da amostra, especialmente para superiores a 200, como é o caso do presente estudo.

Assim, para análise do ajuste absoluto do modelo, é necessário a interpretação de outros índices apontados na literatura (HAIR et al., 2005; KAHN, 2006; WORTHINGTON; WHITTAKER, 2006). O valor do GFI = 0,94 excede o mínimo indicado de 0,90 (HAIR et al., 2005); o valor de 0,04 do RMSEA é suficiente para considerar a adequação do modelo, já que valores abaixo de 0,06 são considerados por Hu e Bentler (1999) como adequados; o RMR = 0,09 também obteve valor aceitável, já



que recomenda-se que este seja o mais baixo possível. É observada adequabilidade também em relação ao ECVI = 0,72, que tem como valores satisfatórios índices mais baixo possíveis, não existindo um valor de corte ideal (HAIR et al., 2005). Assim, nota-se que os índices demonstraram ajuste global satisfatório do modelo.

Em relação às medidas de ajuste incremental, observa-se (Tabela 10, p.64) que os índices do TLI = 0,82 e NFI = 0,81 estão pouco abaixo do indicado de 0,90. Entretanto este valor foi excedido no AGFI = 0,92, demonstrando que o modelo quando comparado com outro nulo apresentou ajuste próximo do ideal. Os valores supracitados demonstram que a qualidade do ajuste do modelo proposto poderia ser melhorado se fossem realizadas outras alterações. Mesmo com o modelo proposto não alcançando todos os valores de corte propostos pela literatura para o ajuste incremental, optou-se por não modificar mais o modelo visando não alterar ainda mais o modelo teórico proposto pela literatura, apoiados por Marsh et al. (2004) que indicam que os valores de corte dos índices de ajustamento são linhas orientadoras gerais e não necessariamente regras definitivas.

Por fim, observa-se (Tabela 10, p.64) que os índices de ajuste parcimonioso ( $X^2$  normalizado = 1,84; CFI = 0,90) estiveram todos dentro dos níveis indicados pela literatura,  $X^2$  normalizado entre 1,0 e 5,0 e CFI acima de 0,90 (HAIR et al., 2005). Assim, o modelo pode ser considerado simples e com boa capacidade explicativa.

Esses múltiplos índices foram utilizados devido ao fato de cada índice apresentar diferentes forças e fraquezas na avaliação da adequação do modelo fatorial confirmatório (BIDDLE et al., 2001). Pode-se notar que os índices de ajuste do presente estudo estão em sua maioria de acordo com os valores de corte indicados na literatura, evidenciando a adequação geral do modelo em dois fatores (Figura 6, p.66) e a validade fatorial confirmatória satisfatória (Tabela 10, p.64).

Observa-se (Figura 6, p.66) que embora o modelo tenha apresentado validade convergente, verificou-se correlações entre os erros de mensuração de alguns itens (3 e 16; 14 e 16), entretanto, Hair et al. (2005) apontam que se a relação entre os erros dos itens forem fracas, a validade fatorial do modelo pode não ser afetada. Principalmente em relação à correlação do erro 14 e 16, que pertencem ao mesmo

fator, é algo comum de ocorrer em AFC. Quanto à correlação do erro 3 e 16, que são de diferentes fatores, após esta ser realizada, os índices de ajuste do modelo apresentaram melhoras, demonstrando a necessidade de correlacioná-los mesmo pertencendo a diferentes dimensões, porém, como o valor foi baixo optou-se por manter os itens no modelo final.

O presente estudo é pioneiro em realizar este tipo de análise no TDS, justificando assim alguns problemas encontrados no ajuste do modelo, sendo assim uma validação inicial. Os resultados da validação da *Telic Dominance Scale* permitiram evidenciar qualidades psicométricas aceitáveis, levando em consideração as exclusões devido a análise de conteúdo e aos critérios estabelecidos pela literatura na análise fatorial confirmatória (NUNALLY; BERNSTEIN, 1994).

# 7 CONCLUSÃO

---

---

Com base nos resultados observados, a versão para língua portuguesa do *Telic Dominance Scale* (TDS) teve alterações iniciais após análise da validade de conteúdo quanto a clareza de linguagem e pertinência prática. Houve redução de 12 itens, assim, o instrumento para língua portuguesa inicialmente passou a conter 30 itens.

O instrumento apresentou consistência interna geral adequada, com índices aceitáveis para as dimensões de Seriedade do objetivo e Orientação ao planejamento. Entretanto, a dimensão Evitar ativação demonstrou confiabilidade abaixo dos níveis apontados como adequados. Em relação à estabilidade temporal, observou-se valores satisfatórios do coeficiente de correlação intraclassas em todos os itens e nas três dimensões.

A versão para língua portuguesa do TDS apresentou validade de constructo adequada após a modificação do modelo original, que passou a conter duas dimensões (Seriedade do objetivo e Orientação ao planejamento) e 17 itens devido à exclusão de 13 itens após análise dos coeficientes padronizados em relação aos respectivos fatores. A exclusão da dimensão Evitar ativação deveu-se principalmente ao fato da população-alvo de atletas necessitar de níveis mínimos de ativação para a prática esportiva.

Com esta formatação, o modelo apresentou bom ajustamento global, bons índices de ajuste parcimonioso, demonstrando ser um modelo simples e explicativo. Quanto ao ajuste incremental, notou-se que o modelo quando comparado com outro nulo apresentou ajuste próximo do ideal. Dessa forma, é importante salientar que o instrumento final é composto por 17 itens respeitando os critérios de fiabilidade individual.

Os indicativos de confiabilidade, estabilidade temporal e validade fatorial observados no estudo, demonstraram que a análise da dominância télica por meio da Escala de Dominância Télica (TDS) é válida e confiável considerando o modelo

proposto no presente estudo. Face ao exposto, os resultados obtidos por meio da TDS pode fornecer à técnicos e psicólogos do esporte um panorama da dominância metamotivacional na personalidade e motivação de atletas, visando o desenvolvimento de técnicas que auxiliem os indivíduos a explorarem as potencialidades de suas dominâncias de comportamento e motivação.

O presente estudo é de uma primeira validação do instrumento relacionado à teoria reversa para a língua portuguesa (Brasil), sendo indicada a realização de outros estudos em outras regiões do Brasil. É importante destacar que o estudo apresenta algumas limitações, considerando que foram avaliados atletas de dois estados, estando limitado a amostras semelhantes a deste estudo.

# REFERÊNCIAS

---



---

ALLWORTH, E.; PASSMORE, J. Using psychometrics and psychological tools in coaching. In: PASSMORE, J. (Ed.), **Psychometrics in Coaching**: using psychological and psychometric tools for development. London: Kogan Page, 2008.

ANDERSON, G.; BROWN, R.I.F. Some applications of reversal theory to the explanation of gambling and gambling addictions. **Journal of Gambling Behaviour**, 3, 179-189, 1987.

APTER, M. J. On the concept of bistability. **International Journal of General Systems**, v.6, p.225-232, 1981a.

APTER, M.J. The possibility of a structural phenomenology: The case of reversal theory. **Journal of Phenomenological Psychology**, v.12, p.173-187, 1981b.

APTER, M.J. **The Experience of Motivation**: The Theory of Psychological Reversals. London and New York: Academic Press, 1982.

APTER, M. J. Reversal theory: A new approach to motivation, emotion, and personality. **Anuario de Psicologia**, 42, 19-29, 1989.

APTER, M.J. **Reversal Theory: Motivation, Emotion and Personality**. London and New York: Routledge, 1989.

APTER, M.J. The experience of being violent. **Eighth International Conference on Reversal Theory**, University of East London, England, 1997.

APTER, M.J. **Motivational styles in everyday life**. Washington: American Psychological Association, 2001.

APTER, M. J.; MALLOWS, R.; WILLIAMS, S. The development of the Motivational Style Profile. **Personality and Individual Differences**, v.24, p.7-18, 1998.

BARA FILHO, M.G.; RIBEIRO, L.C.S. Personalidade e esporte: uma revisão. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v.13, n.2, p.101-110, 2005.

BEM, A. **Confiabilidade e validade estatísticas da avaliação docente pelo discente**: proposta metodológica e estudo de caso. 2004. Tese (Doutorado em Engenharia de produção). Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção da Universidade de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

BIDDLE, S.J.H.; HANRAHAO, S.J.; SELLARS, C. N. Attributions: Past, present, and future. In: SINGER, R.N.; HAUSENBLAS, H.A.; JANELLIC, C.M. (Eds.), **Handbook of sport psychology**, (2nd ed). New York: Wiley, 2001.

BINDARWISH, J.; TENENBAUM, G. Metamotivational and contextual effects on performance, self-efficacy, and shifts in affective states. **Psychology of Sport and Exercise**, v.7, p.41–56, 2006.

BLAYDONA, M.J.; LINDNER, K.J.; KERR, J.H. Metamotivational characteristics of eating-disordered and exercise-dependent triathletes: an application of reversal theory. **Psychology of Sport and Exercise**, v.3, p.223–236, 2002.

BOWERS, A.J. Reversals, delinquency and disruption. **British Journal of Clinical Psychology**, v.25, 303-304, 1985.

BRAATHEN, E.T.; SVEBACK, S. Motivational differences among talented teenage athletes: the significance of gender, type of sport and level of excellence. **Scandinavian Journal of Medicine and Science in Sports**, v.2, n.3, p.153-159, 1992.

BROWN, T. **Confirmatory Factor Analysis for Applied Research**. New York: The Guilford Press, 2006.

CARTER, S.; DAVIES, R. Management development in a motivationally rich environment. **Industrial and Commercial Training**, v.36, n.1, p.1-13, 2004.

COGAN, N.; BROWN, R.I.F.. Metamotivational dominance, states and injuries in risk and safe sports. **Personality and Individual Differences**, v.27, p.503-518, 1999.

COOK, M. R.; GERKOVICH, M. M. The development of a Paratelic Dominance Scale. In: KERR, J. H.; MURGATROYD, S.; APTER, M. J. **Advances in reversal theory** (p. 178-188). Amsterdam: Swets & Zeitlinger, 1993.

COOK, M. R.; GERKOVICH, M. M.; O'CONNELL, K. A.; POTOCKY, M. Reversal theory constructs and cigarette availability predict lapse early in smoking cessation. **Research in Nursing and Health**, 18, 217–224, 1995.

COZBY, P. **Métodos de pesquisa em ciências do comportamento**. São Paulo: Atlas, 2003.

COX, T.; KERR, J.H. Arousal effects during tournament play in squash. **Perceptual and Motor Skills**, v.69, p.1275-1280, 1989.

CROMER, J.; TENENBAUM, G. Meta-motivational dominance and sensation-seeking effects on motor performance and perceptions of challenge and pressure. **Psychology of Sport and Exercise**, v.10, p.552–558, 2009.

CSIKSZENTMIHALYI, M. **Flow: the psychology of optimal experience**. New York: Harper Collins Publishers, 1990.

FACHEL, J.; CAMEY, S. Avaliação Psicométrica: A qualidade das medidas e o entendimento dos dados. In: CUNHA, J. (Ed.), **Psicodiagnóstico** (pp. 158-170). Porto Alegre: Artmed, 2003.

FIELD, A. **Discovering statistics using SPSS** (2ª ed.). London: Sage, 2005.

FINFGELD, D.L.; WONGVATUNYU, S.; CONN, V.S.; GRANDO, V.T.; RUSSELL, C.L. Health Belief Model and Reversal Theory: a comparative analysis. **Journal of Advanced Nursing**, v.43, n.3, p.288–297, 2003.

FONSECA, A.; BRITO, A. A questão da adaptação transcultural de instrumentos para avaliação psicológica em contextos desportivos nacionais - o caso do Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire (TEOSQ). **Psychologica**, v.39, p.95-118, 2005.

FORNELL, C.; LARCKER, D.F. Evaluating Structural Equation Models with unobservable variables and measurement error. **Journal of Marketing Research**, v.18, p.39-50, 1981.

FREIRE DA SILVA, J.S. **Modelagem de equações estruturais**: apresentação de uma metodologia. 105f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: 2006.

FUJIYAMA, H.; WILSON, G.V.; KERR, J.H.. Motivational state and emotional tone in baseball: the reciprocity between reversal theory and field research. **Revue européenne de psychologie appliquée**, v.55, p.71–83, 2005.

GARVER, M.S.; MENTZER, J.T. Logistics research methods: employing structural equation modeling to test for construct validity. **Journal of Business Logistics**, v.20, n.1, p.33-57, 1999.

GEISLER, G.; LEITH, L.M. A reversal theory perspective on the motivational state of soccer players in Canada, Germany, and Japan. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, v.1, n.1, 2007.

GERKOVICH, M. M., COOK, M. R., O'CONNELL, K. A., & POTOCKY, M. Reversal theory analysis of relapse crises following smoking cessation. **Patient Education and Counseling**, 22, 91-97, 1993.

GIRAUDEAU, C.; CHASSEIGNE, G.; APTER, M.J.; MULLET, E. Adults' lay views about intelligence: A reversal theory approach. **Personality and Individual Differences**, v.42, n.1, 169-179, 2007.

GOSLING, M.; GONÇALVES, C.A. Modelagem por equações estruturais: conceitos e aplicações. **Revista FACES de Administração**, v.2, n.2, p.83-95, 2003.

HAIR, J.; ANDERSON, TATHAM, R.; BLACK, W. **Análise multivariada de dados**. Porto Alegre: Bookman, 2005.

HAYES, B. E. **Measuring Customer Satisfaction: Survey design, use, and statistical analysis methods**. Milwaukee, Wisconsin: ASQC Quality Press, 1998.

HAYNES, S.N.; RICHARD, D.R.; KUBANY, E.S. Content validity in psychological assessment: A functional approach to concepts and methods. **Psychological Assessment**, v.7, p.238-247, 1995.

HERNÁNDEZ-NIETO, R. A. **Contributions to Statistical Analysis**. Mérida: Universidad de Los Andes, 2002.

HILL, M.; HILL, A. **Investigação por Questionário**. Lisboa: Edições Silabo, 2000.

HUDSON, J.; WALKER, N.C. Metamotivational state reversals during match play golf: an idiographic approach. **The Sport Psychologist**, v.16, n.2, p.200–217, 2002.

HYLAND, M.E.; SHERRY, R.; THACKER, C. Type A behaviour and telic dominance in middle-aged men. **Counseling Psychology Quarterly**, v.1, p.155-164., 1988.

INGLEDEW, D.K.; MARKLAND, D.; SHEPPARD, K.E.. Personality and self-determination of exercise behaviour. **Personality and Individual Differences**, v.36, p.1921–1932, 2004.

JACKSON, M.L.; SCHOMER, H.H. Subjective perceptions of success in top-class tennis players. **South African Journal for Research in Sport, Physical Education and Recreation**, v.28, n.1, p.55-67, 2006.

KAHN, J. Factor Analysis in Counseling Psychology. Research, Training, and Practice: Principles, Advances and Applications. **The Counseling Psychologist**, v.34, n.5, p.684-718, 2006.

KERR, J.H. Differences in the motivational characteristics of “professional”, “serious amateur” and “recreational” sport performers. **Perceptual and Motor Skills**, v.64, p.379-382, 1987.

KERR, J.H. Arousal-seeking in risk sports participants. **Personality and Individual Differences**, v.12, p.613-616, 1991.

KERR, J.H. An Eclectic Approach to Psychological Interventions in Sport: Reversal Theory. **The Sport Psychologist**, v.7, n.4, p.400-418, 1993.

KERR, J.H. **Motivation and emotion in sport: Reversal theory**. Hove: Psychology Press, 1997.

KERR, J.H. et al. Matches and mismatches between telic dominance and type of sport: Changes in emotions and stress pre- to post-performance. **Personality and Individual Differences** v.40, p.1557–1567, 2006.



KERR J.H. Analysis of Recent Incidents of On-Field Violence in Sport: Legal Decisions and Additional Considerations From Psychology. **Aggressive Behavior**, v.35, p.41–48, 2009.

KERR, J.H.; SVEBACK, S. Motivational aspects of preference for and participation in risk sports. **Personality and Individual Differences**, v.10, p.797-800, 1989.

KERR, J. H.; TACON, P. Psychological responses to different types of locations and activities. **Journal of Environmental Psychology**, v.19, p.287–294, 1999.

KERR, J.H.; KOCK, H. Aggression, violence, and the death of a Dutch soccer hooligan: A reversal theory explanation. **Aggressive Behavior**, v.28, p.1-10, 2002.

KERR, J.H.; MALES, J.R. The experience of losing: Qualitative study of elite lacrosse athletes and team performance at a world championship. **Psychology of Sport and Exercise**, v.11, p.394-401, 2010.

KERR, J.H.; MACKENZIE, S.H. Multiple motives for participating in adventure sports. **Psychology of Sport and Exercise**, v.13, p.649-657, 2012.

KERR, J. H.; HAYASHI, T.; MATSUMOTO, M.; MIYAMOTO, N. The influence of settings and environmental events on metamotivational state and arousal: Further tests of reversal theory on Asian samples. **Journal of Environmental Psychology**, v.22, p.361–367, 2002.

KERR, J.H.; WILSON, G.V.; SVEBAK, S.; KIRKCALDY, B.D. Matches and mismatches between telic dominance and type of sport: Changes in emotions and stress pre- to post-performance. **Personality and Individual Differences**, v.40, p.1557–1567, 2006.

LAFRENIERE, K.D. Reversal theory: An introduction. **Patient Education and Counseling**, v.22, p.63-71, 1993.

LAFRENIERE, K.D.; CRAMER, K.M. Examining reversal theory measures in relation to NEO personality dimensions and consideration of future consequences. **Personality and Individual Differences**, v.40, p.1387–1397, 2006.

LEGRAND, F.D.; BERTUCCI, W.M.; THATCHER, J. Telic dominance influences affective response to a heavy-intensity 10-min treadmill running session. **Journal of Sports Sciences**. v.27, n.10, p.1059–1067, 2009.

LEIDL, D. Motivation in sport: bridging historical and contemporary theory through a qualitative approach. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v.4, n.2, p.155-175, 2009.

- LINDNER, K.J.; KERR, J.H. Predictability of sport participation motivation frommetamotivational dominances and orientations. **Personality and Individual Differences**, v.30, p.759-773, 2001.
- LOONIS, E. et al. Validation of the French version of the Telic Dominance Scale (TDS). **Encephale**, v.26, n.3, 2000.
- LYNN, M.R. Determination and quantification of content validity. **Nursing Research**, v.35, p.382-385, 1986.
- MACKENZIE, S.H.; HODGE, K.; BOYES, M. Expanding the Flow Model in adventure activities: a reversal theory perspective. **Journal of Leisure Research**, v.43, n.4, 519-544, 2011.
- MAKRIS, I.; MULLET, E. A systematic inventory of motives for becoming an orchestra conductor: A preliminary study. **Psychology of Music**, v.37, n.1, p.443-458, 2009.
- MALES, J.R; KERR, J.H., THATCHER J., BELLEW E. Team process and players' psychological responses to failure in a national volleyball team. **Sport Psychology** v.20, p.275-294, 2006.
- MAROCO, J. **Análise Estatística com Utilização do SPSS** (3ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo, 2007.
- MAROCO, J. **Análise de Equações Estruturais: Fundamentos teóricos, Software e Aplicações**. Pêro Pinheiro: Report Number, 2010.
- MAROCO, J.; GARCIA-MARQUES, T. Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas? **Laboratório Psicologia**, v.4, p.65-90, 2006.
- MARSH, H.W.; HAU, K.T.; WEN, Z. Search of Golden Rules: Comment on Hypothesis-Testing Approaches to Setting Cutoff Values for Fit Indexes and Dangers in Overgeneralizing Hu and Bentler's (1999) Findings. **Structural Equation Modeling**, v.11, p.320-341, 2004.
- MARTINS, G.A. Sobre confiabilidade e validade. **Revista Brasileira de Gestão de Negócios**, v.8,n.20, p.1-12, 2006.
- MCDERMOTT, M. R., & APTER, M. J. The Negativism Dominance Scale. In: APTER, M.J.; KERR, J.H.; COWLES, M.P. (Eds.), **Progress in reversal theory**. Amsterdam: Elsevier, 1988.
- MEDEIROS, E.B. **Medidas psico & lógicas**: introdução à psicometria. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

MESSICK, S. Test validity and the ethics of assessment. **American Psychologist**. 35. 1012-1027, 1980.

MILLER, W. R. Addictive behaviour and the theory of psychological reversals. **Addictive Behaviours**, v.10, 177–180, 1985.

MUELLER, R. **Basic principles of structural equation modeling**: an introduction to LIS-REL and EQS. New York: Springer, 1996.

MURGATROYD, S.; RUSHTON, C.; APTER, M.; RAY, C. The development of Telic Dominance Scale. **Journal of Personality Assessment**, v.42, n.5, 1978.

MURGATROYD, S; APTER, M.J. Eclectic psychotherapy: a structural phenomenological approach. In: **Dryden Wed. Individual Psychotherapy in Britain** (APTER, M.J.). London: Harper and Row, 1984.

MURGATROYD, S., APTER, M.J.. A structural-phenomenological approach to eclectic psychotherapy. In: NORCROSS, J. (Ed.), **Casebook of eclectic psychotherapy**. New York: Brunner/Mazel, 1986.

NETEMEYER, R; BEARDEN, W.; SHARMA, S. **Scaling procedures**: Issues and applications. Thousand Oaks, CA: Sage, 2003.

NOAR, S. The Role of Structural Equation Modeling in Scale Development. **Structural Equation Modeling**, v.10, n.4, p.622-647, 2003.

NUNNALLY, J.C.; BERNSTEIN, I.H. **Psychometric theory**. New York: McGraw-Hill, 1994.

O'CONNEL, K.A.; CALHOUN, J.E. The telic/paratelic state instrument (T/PSI): validating a reversal theory measure. **Personality and Individual Differences**, v.30, p.193-204, 2001.

O'CONNELL, K.A., GERKOVICH, M.M., BOTT, M., COOK, M.R. & SHIFFMAN, S. Playfulness, arousal-seeking and rebelliousness during smoking cessation. **Personality and Individual Differences**, v.29, n.4, p.671-683, 2000.

PASQUALI, L. **Instrumentos psicológicos: Manual prático de elaboração**. Brasília: LabPAM, 1999.

PASQUALI, L. **Técnicas de Exame Psicológico - TEP**: manual. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 2001.

PASQUALI, L. **Psicometria: teoria dos testes na Psicologia e na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.

PASQUALI, L. Psicometria. **Revista da Escola de Enfermagem USP**, v.43, p.992-999, 2009.

PASQUALI, L. **Instrumentação psicológica: fundamentos e práticas**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

PERKINS, D.; WILSON, G.V.; KERR, J.H. The effects of elevated arousal and mood on maximal strength performance in athletes. **Journal of Applied Sport Psychology**, v.13, n.3, p.23-259, 2001.

POTOCKY, M.; MURGATROYD, S. What is reversal theory? In: Kerr, J.H.; MURGATROYD, S.; APTER, M.J. (Eds.), **Advances in reversal theory**. Amsterdam: Swets & Zeitlinger, 1993.

RUBIO, K. A psicologia do esporte: histórico e áreas de atuação e pesquisa. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v.19, n.3, p.60-69, 1999.

SHEPHERD, D.J.; LEE, B.; KERR, J.H.. Reversal theory: A suggested way forward for an improved understanding of interpersonal relationships in sport. **Psychology of Sport and Exercise**, v.7, p.143–157, 2006.

SHORUT, P.E.; FLEISS, J.L. Intraclass correlation: uses in assessing reliability. **Psychological Bulletin**, v.86, n.2, p.420-428, 1979.

SCHUTZ, R.; PARK, I. Some Methodological Considerations in Developmental Sport and Exercise Psychology. In: MAUREEN, W. (Ed.), **Developmental Sport and Exercise Psychology: A Lifespan Perspective**. Morgantown: Fitness Information Technology, 2004.

SUMMERS, J.; STEWART, E. The arousal performance relationship: Examining different conceptions. In S. Serpa, J. Alves, V. Ferriera, & A. Paula-Brito (Eds.), **Proceedings of the VIII World Congress of Sport Psychology** (p.229-232). Lisbon, Portugal: International Society of Sport Psychology, 1993.

SVEBAK, S.; MURGATROYD, S. Metamotivational dominance: A multimethod validation of reversal theory constructs. **Journal of Personality and Social Psychology**, v.73, p.505-512, 1985.

SVEBAK, S.; MURGATROYD, S. Metamotivational dominance: A multimethod validation of reversal theory constructs. **Journal of Personality and Social Psychology**, v.48, p.107-116, 1985.

SVEBACK, S.; KERR, J.H. The role of impulsivity in preference of sports. **Personality and Individual Differences**, v.10, n.1, p.51-58, 1989.

THATCHER, J.; KERR, J.; AMIES, K.; DAY, M. A Reversal Theory Analysis of Psychological Responses During Sports Injury Rehabilitation. **Journal of Sport Rehabilitation**, v.16, p.343-362, 2007.

THOMAS, J.R.; NELSON, J.K.; SILVERMAN, S.J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. (5ª ed.) Porto Alegre: Artmed, 2007.

VALLERAND, J. R. Vers une méthodologie de validation trans-culturelle de questionnaires psychologiques: implications pour la recherche en langue française. **Canadian Psychology**, v. 30, n.4, p.662-680, 1989.

VEALEY, R.S. Personality and sport: a comprehensive review: In: HORN, T.S. (Ed.) **Advances in Sport Psychology**. Champaign, IL: Human Kinetics, 1992.

VIANNA, H. M. Validade de construto em testes educacionais. **Educação e Seleção**, v.8, p.35-44, 1983.

WALTERS, J.; APTER, M.J.; SVEBAK, S. Colour preference, arousal and the theory of psychological reversals. **Motivation and Emotion**, v.6, p.193-215, 1982.

WORTHINGTON, R., WHITTAKER, T. Scale Development Research. A Content Analysis and Recommendations for Best Practices. **The Counseling Psychologist**, v.34, n.6, p.806-838, 2006.

# **ANEXOS**



## ANEXO 1: Telic Dominance Scale.

### Instructions:

Here are some alternative choices. If you have an open choice, which of the following alternatives would you usually prefer. Please complete **all** the items by putting a cross in the circle corresponding to your choice, making **one** choice for each numbered item. Only if you are not able to make a choice should you put a cross in the circle corresponding to 'Not sure'. Try to answer all of the items by putting a cross in one of the circles for each item, using the 'Not sure' choice as little as you can. Work quickly and do not spend too much time on any one item: it is your first reaction we want.

This is not a test of intelligence or ability and there are no right or wrong answers.

- |  |   |
|--|---|
| <p>1. Compile a short dictionary for financial reward<br/>Write a short story for fun<br/>Not sure</p>           | <p>11. Staying in one job<br/>Having many changes of job<br/>Not sure</p>   |
| <p>2. Going to evening class to improve your qualifications<br/>Going to evening class for fun<br/>Not sure</p>  | <p>12. Seldom doing things "for kicks"<br/>Often doing things "for kicks"<br/>Not sure</p>  |
| <p>3. Leisure activities which are just exciting<br/>Leisure activities which have a purpose<br/>Not sure</p>    | <p>13. Going to a party<br/>Going to a meeting<br/>Not sure</p>   |
| <p>4. Improving a sporting skill by playing a game<br/>Improving it through systematic practice<br/>Not sure</p> | <p>14. Leisure activities<br/>Work activities<br/>Not sure</p>  |
| <p>5. Spending one's life in many different places<br/>Spending most of one's life in one place<br/>Not sure</p> | <p>15. Taking holidays in many different places<br/>Taking holidays always in the same place<br/>Not sure</p>                       |
| <p>5. Spending one's life in many different places<br/>Spending most of one's life in one place<br/>Not sure</p> | <p>16. Going away on holiday for two weeks<br/>Given two weeks of free time finishing a needed improvement at home<br/>Not sure</p> |

- |  |   |
|--|---|
| 6. Work that earns promotion<br>Work that you enjoy doing<br>Not sure  | 17. Taking life seriously<br>Treating life light-heartedly<br>Not sure                              |
| 7. Planning your leisure<br>Doing things on the spur of<br>the moment<br>Not sure  | 18. Frequently trying strange<br>foods<br>Always eating familiar foods<br>Not sure                  |
| 8. Going to formal evening<br>meetings<br>Watching television for<br>entertainment<br>Not sure                                       | 19. Recounting an incident<br>accurately<br>Exaggerating for effect<br>Not sure                     |
| 9. Having your tasks set for you<br>Choosing your own activities<br>Not sure   | 20. Spending £100 having an<br>enjoyable weekend<br>Spending £100 on repaying a<br>loan<br>Not sure |
| 10. Investing money in a long<br>term insurance/pension<br>scheme<br>Buying an expensive car<br>Not sure                             | 21. Having continuity in the place<br>where you live<br>Having frequent moves of house<br>Not sure  |
| 22. Going to an art gallery to<br>enjoy the exhibits<br>To learn about the exhibits<br>Not sure                                      | 32. Playing a game<br>Organising a game<br>Not sure   |
| 23. Watching a game<br>Refereeing a game<br>Not sure   | 33. Glancing at pictures in a book<br>Reading a biography<br>Not sure                               |
| 24. Eating special things because<br>you enjoy them<br>Eating special things because<br>they are good for your<br>health<br>Not sure | 34. Winning a game easily<br>Playing a game with the scores<br>very close<br>Not sure               |
| 25. Fixing long-term life<br>ambitions<br>Living life as it comes<br>Not sure  | 35. Steady routine in life<br>Continual unexpectedness or<br>surprise<br>Not sure                   |
|  | 36. Working in the garden<br>Picking wild fruit<br>Not sure   |



26. Always trying to finish your work before you enjoy yourself  
Frequently going out for enjoyment before all your work is finished  
Not sure
27. Not needing to explain your behaviour  
Having purposes for your behaviour  
Not sure
28. Climbing a mountain to try to save someone  
Climbing a mountain for pleasure  
Not sure
29. Happy to waste time  
Always having to be busy  
Not sure
30. Taking risks  
Going through life safely  
Not sure
31. Watching a crucial match between two ordinary sides  
Watching an exhibition game with star performers  
Not sure
37. Reading for information  
Reading for fun  
Not sure
38. Arguing for fun  
Arguing with others seriously to change their opinions  
Not sure
39. Winning a game  
Playing the game for fun  
Not sure
40. Travelling a great deal in one's job  
Working in one office or workshop  
Not sure
41. Planning ahead  
Taking each day as it comes  
Not sure
42. Planning a holiday  
Being on holiday  
Not sure

# APÊNDICES



## APENDICE A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidá-lo a participar da pesquisa intitulada “**Estudo de validação para a população brasileira da escala de dominância télica (TDS)**” que faz parte do Programa de Pós-graduação Associado em Educação Física UEM/UEL e é orientada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lenamar Fiorese Vieira da Universidade Estadual de Maringá. O objetivo da pesquisa é validar para a língua portuguesa e para uma população brasileira o *Telic Dominance Scale* (TDS). Para isto a sua participação é muito importante, e ela se daria respondendo a um questionário com questões referentes a dominância de uma característica motivacional e de personalidade conhecida como característica télica nas ações diárias e dados de identificação. Gostaríamos de esclarecer que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Informamos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa, e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. Os benefícios esperados são principalmente para profissionais da área da Educação Física e Psicologia do Esporte em relação ao auxílio no planejamento de diferentes ações e estratégias para a manutenção de estados metamotivacionais adequados em praticantes de esportes, e conseqüentemente, o alcance de um bom desempenho e dos objetivos propostos. Caso você tenha mais dúvidas ou necessite maiores esclarecimentos, pode nos contatar nos endereços abaixo ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da UEM, cujo endereço consta deste documento. Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada entregue a você.

Além da assinatura nos campos específicos pelo pesquisador e por você, solicitamos que sejam rubricadas todas as folhas deste documento. Isto deve ser feito por ambos (pelo pesquisador e por você, como sujeito ou responsável pelo sujeito de pesquisa) de tal forma a garantir o acesso ao documento completo.

Eu,.....(nome por extenso do sujeito de pesquisa) declaro que fui devidamente esclarecido e concordo em participar VOLUNTARIAMENTE da pesquisa coordenada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lenamar Fiorese Vieira.

\_\_\_\_\_ Data:.....

Assinatura ou impressão datiloscópica

Eu,.....(nome do pesquisador ou do membro da equipe que aplicou o TCLE), declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto de pesquisa supra-nominado.

\_\_\_\_\_ Data:.....

Assinatura do pesquisador

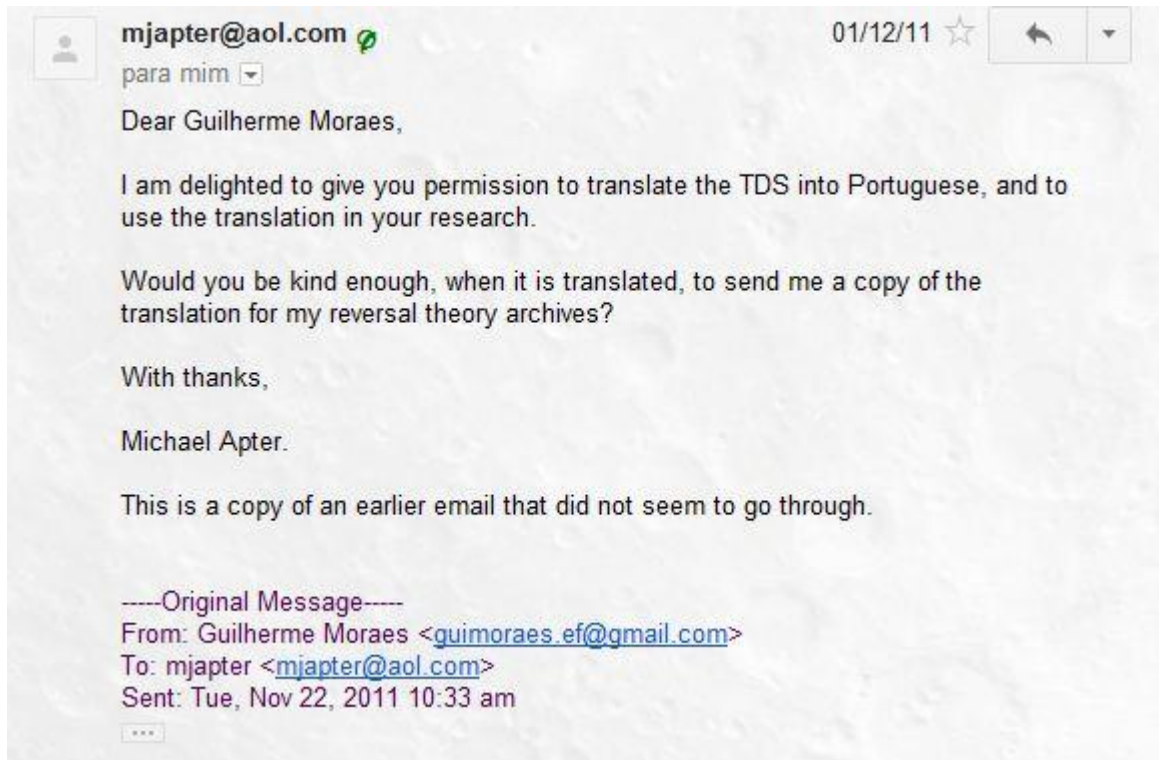
Qualquer dúvida com relação à pesquisa poderá ser esclarecida com o pesquisador, conforme o endereço abaixo:

Nome: Guilherme Moraes Balbim

Endereço: Av. Dr. Mario Clapier Urbinatti, 724, Bloco N, Apto 32. Maringá-PR

Telefone/E-mail: (44) 9964-4664/guimoraes.ef@gmail.com

Qualquer dúvida com relação aos aspectos éticos da pesquisa poderá ser esclarecida com o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (COPEP) da Universidade Estadual de Maringá – Av. Colombo, 5790. Campus Sede da UEM. Bloco da Biblioteca Central (BCE) da UEM. CEP 87020-900. Maringá-Pr. Tel: (44) 3261-4444. E-mail: [copep@uem.br](mailto:copep@uem.br)

**APÊNDICE B: E-mail de autorização do autor para realização da validação**

## APÊNDICE C: VERSÃO PARA LÍNGUA PORTUGUESA DO TDS COM 42 ITENS

### ESCALA DE DOMINÂNCIA TÉLICA

Instruções:

Aqui estão algumas escolhas alternativas. Se você tivesse liberdade de escolha, qual das alternativas seguintes você normalmente preferiria. Por favor, complete todos os itens colocando um X no círculo correspondente a sua escolha, fazendo uma escolha para cada item numerado. Somente se você não é capaz de fazer uma escolha, você deve colocar um X no círculo correspondente a “Não tenho certeza”. Tente responder todos os itens fazendo um X em um dos círculos para cada item, usando “Não tenho certeza” o menos que puder. Responda rapidamente e não gaste muito tempo em um item qualquer: é a primeira reação que queremos.

Isso não é um teste de inteligência ou habilidade e não há resposta certa ou errada.

- 1) Organizar um pequeno dicionário para recompensa financeira ( )  
 Escrever uma pequena história por diversão ( )  
 Não tenho certeza ( )
- 2) Ir para a aula à noite para melhorar as suas qualificações ( )  
 Ir a aulas à noite por diversão ( )  
 Não tenho certeza ( )
- 3) Atividades de lazer que são simplesmente excitantes ( )  
 Atividades de lazer que têm um propósito ( )  
 Não tenho certeza ( )
- 4) Melhorar uma habilidade esportiva jogando um jogo ( )  
 Melhorá-la através de uma prática sistemática ( )  
 Não tenho certeza ( )
- 5) Passar a vida em muitos lugares diferentes ( )  
 Passar a maior parte da vida em um lugar ( )  
 Não tenho certeza ( )
- 6) Trabalho que ganhe promoção ( )  
 Trabalho que você gosta de fazer ( )  
 Não tenho certeza ( )
- 7) Planejar seu lazer ( )  
 Fazer as coisas no calor do momento ( )  
 Não tenho certeza ( )
- 8) Ir a reuniões noturnas formais ( )  
 Assistir televisão por entretenimento ( )  
 Não tenho certeza ( )
- 9) Ter suas tarefas organizadas para você ( )  
 Escolher suas próprias atividades ( )  
 Não tenho certeza ( )
- 10) Investir dinheiro em um programa de previdência de longo prazo ( )  
 Comprar um carro caro ( )  
 Não tenho certeza ( )

- 11) Ficar em um trabalho ( )  
Ter muitas mudanças de trabalho ( )  
Não tenho certeza ( )
- 12) Raramente fazer as coisas “por diversão” ( )  
Frequentemente fazer as coisas “por diversão” ( )  
Não tenho certeza ( )
- 13) Ir a uma festa ( )  
Ir a uma reunião ( )  
Não tenho certeza ( )
- 14) Atividades de lazer ( )  
Atividades de trabalho ( )  
Não tenho certeza ( )
- 15) Passar os feriados em muitos lugares diferentes ( )  
Passar feriados sempre no mesmo lugar ( )  
Não tenho certeza ( )
- 16) Viajar nas férias por duas semanas ( )  
Tirar duas semanas de tempo livre para terminar uma melhoria necessária em casa ( )  
Não tenho certeza ( )
- 17) Levar a vida seriamente ( )  
Levar a vida despreocupado (a) ( )  
Não tenho certeza ( )
- 18) Provar comidas diferentes frequentemente ( )  
Sempre comer comidas familiares ( )  
Não tenho certeza ( )
- 19) Recontar um incidente com precisão ( )  
Exagerar para dar efeito ( )  
Não tenho certeza ( )
- 20) Gastar R\$100,00 em um fim de semana prazeroso ( )  
Gastar R\$100,00 para pagar uma dívida ( )  
Não tenho certeza ( )
- 21) Ter continuidade no lugar onde você mora ( )  
Ter mudanças de casa frequentes ( )  
Não tenho certeza ( )
- 22) Ir para uma galeria de arte para exposições ( )  
Aprender sobre exposições ( )  
Não tenho certeza ( )
- 23) Assistir um jogo ( )  
Arbitrar um jogo ( )  
Não tenho certeza ( )
- 24) Comer coisas especiais porque você gosta delas ( )  
Comer coisas especiais porque elas são boas para sua saúde ( )  
Não tenho certeza ( )

- 25) Definir ambições de vida a longo prazo ( )  
Viver a vida como ela vem ( )  
Não tenho certeza ( )
- 26) Sempre tentar terminar seu trabalho antes de se divertir ( )  
Sair frequentemente para se divertir antes de terminar todo seu trabalho ( )  
Não tenho certeza ( )
- 27) Não precisar explicar seu comportamento ( )  
Ter propósitos para seu comportamento ( )  
Não tenho certeza ( )
- 28) Escalar uma montanha para tentar salvar alguém ( )  
Escalar uma montanha por prazer ( )  
Não tenho certeza ( )
- 29) Feliz em desperdiçar tempo ( )  
Sempre estar ocupado ( )  
Não tenho certeza ( )
- 30) Assumir riscos ( )  
Passar a vida com segurança ( )  
Não tenho certeza ( )
- 31) Assistir um jogo crucial entre dois jogadores comuns ( )  
Assistir um jogo de exibição com astros ( )  
Não tenho certeza ( )
- 32) Jogar um jogo ( )  
Organizar um jogo ( )  
Não tenho certeza ( )
- 33) Olhar as figuras de um livro ( )  
Ler uma biografia ( )  
Não tenho certeza ( )
- 34) Vencer um jogo facilmente ( )  
Jogar um jogo com placar acirrado ( )  
Não tenho certeza ( )
- 35) Mesma rotina de vida ( )  
Imprevisibilidade ou surpresa contínua ( )  
Não tenho certeza ( )
- 36) Trabalhar em um jardim ( )  
Colher frutas silvestres ( )  
Não tenho certeza ( )
- 37) Ler por informação ( )  
Ler por diversão ( )  
Não tenho certeza ( )
- 38) Discutir por diversão ( )  
Discutir com outras pessoas seriamente para mudar suas opiniões ( )  
Não tenho certeza ( )

- 39) Vencer um jogo ( )  
Jogar um jogo por diversão ( )  
Não tenho certeza ( )
- 40) Viajar para um grande negócio no trabalho ( )  
Trabalhar em um escritório ou loja ( )  
Não tenho certeza ( )
- 41) Planejar o futuro ( )  
Passar cada dia como ele vem ( )  
Não tenho certeza ( )
- 42) Planejar as férias ( )  
Estar em férias ( )  
Não tenho certeza ( )



#### **APÊNDICE D: FICHA DE AVALIAÇÃO DE CONTEÚDO DO TELIC DOMINANCE SCALE (TDS)**

A teoria reversa apresenta como um de seus elementos principais que as necessidades psicológicas são formadas por pares opostos, ou seja, para toda necessidade psicológica existe outra que se opõe, estes chamados de estados metamotivacionais (APTER, MALLOWES, WILLIAMS, 1997). Estes estados são campos da mente que levam a pessoa a interpretar seus motivos de certa maneira em determinado tempo. Os pares téllico-paratéllico e negativismo-conformismo são os estados somáticos, os pares maestria-simpatia e autic-alloic são estados transacionais (FUJIYAMA, WILSON, KERR, 2005).

Características: Téllico é tipicamente sério e orientado à meta. Tende a envolver planejamento a frente e relacionado com o futuro. Nesse estado a pessoa geralmente tem preferência por experimentar baixos níveis de ativação. Paratéllico a pessoa tem um comportamento espontâneo, impulsivo e orientado à sensação, com preferência de altos níveis de ativação. Nesse estado, as metas ao invés de serem sérias e numa perspectiva a longo-prazo são mais voltadas ao prazer da situação.

O instrumento original utilizado, o “*Telic Dominance Scale*” (TDS) foi elaborado e validado por Murgatroyd et al. (1978). Tal questionário é composto por 42 itens que avaliam a dominância de ações téllicas. Cada item se refere a uma dimensão da dominância téllica (MURGATROYD et al., 1978): Seriedade do objetivo, Orientação ao planejamento e Evitar ativação (Quadro 1). Os itens têm três opções de resposta de preferência de uma determinada ação, sendo que cada item contém uma resposta de dominância téllica. O método de obtenção dos resultados por meio da soma de 1 ponto para os itens de dominância téllica e 0,5 ponto para quando não há certeza foram propostos pelos autores do instrumento original (MURGATROYD et al., 1978). Quanto maior o valor demonstrado em cada dimensão, maior é a dominância téllica do indivíduo.

<b>Dimensão</b>	<b>Descrição</b>
Seriedade do objetivo (SO)	Frequência com que o sujeito enxerga ele próprio como estando engajado em atividades com uma proposta primária de alcançar alguma meta além da atividade em si.
Orientação ao planejamento (OP)	Frequência com que o sujeito enxerga ele próprio como estando engajado em atividades que requerem um planejamento anterior e orientação para o futuro, ao invés de atividades que não são planejadas, espontâneas ou orientadas por “aqui e agora”.
Evitar ativação (EA)	Frequência com que o sujeito enxerga ele próprio como estando engajado em atividades que são esperadas a diminuição da ativação.

Após alguns esclarecimentos a respeito do instrumento e da teoria que o norteia, gostaria de convidá-lo a participar da validação de conteúdo do *Telic Dominance Scale*.

<b>ITENS</b>	<b>CLAREZA DE LINGUAGEM</b>	<b>PERTINÊNCIA</b>	<b>DIMENSÃO AVALIADA</b>
<b>Item 01</b> Compile a short dictionary for financial reward ( ) Write a short story for fun ( ) Not sure ( ) Organizar um pequeno dicionário para recompensa financeira ( ) Escrever uma pequena história por diversão ( ) Não tenho certeza ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( ) / ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( ) / ( )	SO / OP / EA ( ) / ( ) / ( )
<b>Item 02</b> Going to evening class to improve your qualifications ( ) Going to evening class for fun ( ) Not sure ( ) Ir para a aula à noite para melhorar as suas qualificações ( ) Ir a aulas à noite por diversão ( ) Não tenho certeza ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( ) / ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( ) / ( )	SO / OP / EA ( ) / ( ) / ( )
<b>Item 03</b> Leisure activities which are just exciting ( ) Leisure activities which have a purpose ( ) Not sure ( ) Atividades de lazer que são simplesmente excitantes ( ) Atividades de lazer que têm um propósito ( ) Não tenho certeza ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( ) / ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( ) / ( )	SO / OP / EA ( ) / ( ) / ( )
<b>Item 04</b> Improving a sport skill by playing a game ( ) Improving it through a systematic practice ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( ) / ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( ) / ( )	SO / OP / EA ( ) / ( ) / ( )

Not sure ( ) Melhorar uma habilidade esportiva jogando um jogo ( ) Melhorá-la através de uma prática sistemática ( ) Não tenho certeza ( )			
<b>Item 05</b> Spending one's life in many different places ( ) Spending most of one's life in one place ( ) Not sure ( ) Passar a vida em muitos lugares diferentes ( ) Passar a maior parte da vida em um lugar ( ) Não tenho certeza ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( ) / ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( ) / ( )	SO / OP / EA ( ) / ( ) / ( )
<b>Item 06</b> Work that earns promotion ( ) Work that you enjoy doing ( ) Not sure ( ) Trabalho que ganhe promoção ( ) Trabalho que você gosta de fazer ( ) Não tenho certeza ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( ) / ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( ) / ( )	SO / OP / EA ( ) / ( ) / ( )
<b>Item 07</b> Planning your leisure ( ) Doing things on the spur of the moment ( ) Not sure ( ) Planejar seu lazer ( ) Fazer as coisas no calor do momento ( ) Não tenho certeza ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( ) / ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( ) / ( )	SO / OP / EA ( ) / ( ) / ( )
<b>Item 08</b> Going to formal evening meetings ( ) Watching television for entertainment ( ) Not sure ( ) Ir a reuniões noturnas formais ( ) Assistir televisão por entretenimento ( ) Não tenho certeza ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( ) / ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( ) / ( )	SO / OP / EA (x) / ( ) / ( )
<b>Item 09</b> Having your tasks set for you ( ) Choosing your own activities ( ) Not sure ( ) Ter suas tarefas organizadas para você ( ) Escolher suas próprias atividades ( ) Não tenho certeza ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( ) / ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( ) / ( )	SO / OP / EA ( ) / ( ) / ( )
<b>Item 10</b> Investing money in a long term insurance/pension scheme ( ) Buying an expensive car ( ) Not sure ( ) Investir dinheiro em um programa de previdência de longo prazo ( ) Comprar um carro caro ( ) Não tenho certeza ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( ) / ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( ) / ( )	SO / OP / EA ( ) / ( ) / ( )
<b>Item 11</b>	1 / 2 / 3 / 4 / 5	1 / 2 / 3 / 4 / 5	SO / OP / EA

Staying in one job ( ) Having many changes of job ( ) Not sure ( ) Ficar em um trabalho ( ) Ter muitas mudanças de trabalho ( ) Não tenho certeza ( )	( )/( )/( )/( )/( )	( )/( )/( )/( )/( )	( )/( )/( )/( )
<b>Item 12</b> Seldom doing things "for kicks" ( ) Often doing things "for kicks" ( ) Not sure ( ) Raramente fazer as coisas "por diversão" ( ) Frequentemente fazer as coisas "por diversão" ( ) Não tenho certeza ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( )/( )/( )/( )/( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( )/( )/( )/( )/( )	SO / OP / EA ( )/( )/( )/( )
<b>Item 13</b> Going to a party ( ) Going to a meeting ( ) Not sure ( ) Ir a uma festa ( ) Ir a uma reunião ( ) Não tenho certeza ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( )/( )/( )/( )/( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( )/( )/( )/( )/( )	SO / OP / EA ( )/( )/( )/( )
<b>Item 14</b> Leisure activities ( ) Work activities ( ) Not sure ( ) Atividades de lazer ( ) Atividades de trabalho ( ) Não tenho certeza ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( )/( )/( )/( )/( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( )/( )/( )/( )/( )	SO / OP / EA ( )/( )/( )/( )
<b>Item 15</b> Taking holidays in many different places ( ) Taking holidays always in the same place ( ) Not sure ( ) Passar os feriados em muitos lugares diferentes ( ) Passar feriados sempre no mesmo lugar ( ) Não tenho certeza ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( )/( )/( )/( )/( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( )/( )/( )/( )/( )	SO / OP / EA ( )/( )/( )/( )
<b>Item 16</b> Going away on holiday for two weeks ( ) Given two weeks of free time finishing a needed improvement at home ( ) Not sure ( ) Viajar nas férias por duas semanas ( ) Tirar duas semanas de tempo livre para terminar uma melhoria necessária em casa ( ) Não tenho certeza ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( )/( )/( )/( )/( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( )/( )/( )/( )/( )	SO / OP / EA ( )/( )/( )/( )
<b>Item 17</b> Taking life seriously ( ) Treating life light-heartedly ( ) Not sure ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( )/( )/( )/( )/( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( )/( )/( )/( )/( )	SO / OP / EA ( )/( )/( )/( )

Levar a vida seriamente ( ) Levar a vida despreocupado (a) ( ) Não tenho certeza ( )			
<b>Item 18</b> Frequently trying strange foods ( ) Always eating familiar foods ( ) Not sure ( ) Provar comidas diferentes frequentemente ( ) Sempre comer comidas familiares ( ) Não tenho certeza ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( )	SO / OP / EA ( ) / ( ) / ( )
<b>Item 19</b> Recounting an incident accurately ( ) Exaggerating for effect ( ) Not sure ( ) Recontar um incidente com precisão ( ) Exagerar para dar efeito ( ) Não tenho certeza ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( )	SO / OP / EA ( ) / ( ) / ( )
<b>Item 20</b> Spending \$100,00 having an enjoyable weekend ( ) Spending \$100,00 on repaying a loan ( ) Not sure ( ) Gastar R\$100,00 em um fim de semana prazeroso ( ) Gastar R\$100,00 para pagar uma dívida ( ) Não tenho certeza ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( )	SO / OP / EA ( ) / ( ) / ( )
<b>Item 21</b> Having continuity in the place where you live ( ) Having frequent moves of house ( ) Not sure ( ) Ter continuidade no lugar onde você mora ( ) Ter mudanças de casa frequentes ( ) Não tenho certeza ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( )	SO / OP / EA ( ) / ( ) / ( )
<b>Item 22</b> Going to an art gallery to enjoy the exhibits ( ) To learn about the exhibits ( ) Not sure ( ) Ir para uma galeria de arte para exposições ( ) Aprender sobre exposições ( ) Não tenho certeza ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( )	SO / OP / EA ( ) / ( ) / ( )
<b>Item 23</b> Watching a game ( ) Refereeing a game ( ) Not sure ( ) Assistir um jogo ( ) Arbitrar um jogo ( ) Não tenho certeza ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( )	SO / OP / EA ( ) / ( ) / ( )
<b>Item 24</b> Eating special things because you enjoy them ( ) Eating special things because they are good for your health ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( )	SO / OP / EA ( ) / ( ) / ( )

Not sure ( ) Comer coisas especiais porque você gosta delas ( ) Comer coisas especiais porque elas são boas para sua saúde ( ) Não tenho certeza ( )			
<b>Item 25</b> Fixing long-term life ambitions ( ) Living life it comes ( ) Not sure ( ) Definir ambições de vida a longo prazo ( ) Viver a vida como ela vem ( ) Não tenho certeza ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( )	SO / OP / EA ( ) / ( ) / ( )
<b>Item 26</b> Always trying to finish your work before enjoy yourself ( ) Frequently going out for enjoyment before all your work is finished ( ) Not sure ( ) Sempre tentar terminar seu trabalho antes de se divertir ( ) Sair frequentemente para se divertir antes de terminar todo seu trabalho ( ) Não tenho certeza ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( )	SO / OP / EA ( ) / ( ) / ( )
<b>Item 27</b> Not needing to explain your behaviour ( ) Having purposes for your behavior ( ) Not sure ( ) Não precisar explicar seu comportamento ( ) Ter propósitos para seu comportamento ( ) Não tenho certeza ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( )	SO / OP / EA ( ) / ( ) / ( )
<b>Item 28</b> Climbing a mountain to try to save someone ( ) Climbing a mountain for pleasure ( ) Not sure ( ) Escalar uma montanha para tentar salvar alguém ( ) Escalar uma montanha por prazer ( ) Não tenho certeza ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( )	SO / OP / EA ( ) / ( ) / ( )
<b>Item 29</b> Happy to waste time ( ) Always having to be busy ( ) Not sure ( ) Feliz em desperdiçar tempo ( ) Sempre estar ocupado ( ) Não tenho certeza ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( )	SO / OP / EA ( ) / ( ) / ( )
<b>Item 30</b> Taking risks ( ) Going through life safely ( ) Not sure ( ) Assumir riscos ( ) Passar a vida com segurança ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( )	SO / OP / EA ( ) / ( ) / ( )

Não tenho certeza ( )			
<b>Item 31</b> Watching a crucial match between two ordinary sides ( ) Watching an exhibition game with star performers ( ) Not sure ( ) Assistir um jogo decisivo entre dois adversários clássicos ( ) Assistir um jogo amistoso (exibição) com astros ( ) Não tenho certeza ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( )	SO / OP / EA ( ) / ( ) / ( )
<b>Item 32</b> Playing a game ( ) Organizing a game ( ) Not sure ( ) Jogar um jogo ( ) Organizar um jogo ( ) Não tenho certeza ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( )	SO / OP / EA ( ) / ( ) / ( )
<b>Item 33</b> Glancing at pictures in a book ( ) Reading a biography ( ) Not sure ( ) Olhar as figuras de um livro ( ) Ler uma biografia ( ) Não tenho certeza ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( )	SO / OP / EA ( ) / ( ) / ( )
<b>Item 34</b> Winning a game easily ( ) Playing a game with scores very close ( ) Not sure ( ) Vencer um jogo facilmente ( ) Jogar um jogo com placar acirrado ( ) Não tenho certeza ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( )	SO / OP / EA ( ) / ( ) / ( )
<b>Item 35</b> Steady routine in life ( ) Continual unexpectedness or surprise ( ) Not sure ( ) Mesma rotina de vida ( ) Imprevisibilidade ou surpresa contínua ( ) Não tenho certeza ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( )	SO / OP / EA ( ) / ( ) / ( )
<b>Item 36</b> Working in the garden ( ) Picking wild fruits ( ) Not sure ( ) Trabalhar em um jardim ( ) Colher frutas silvestres ( ) Não tenho certeza ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( )	SO / OP / EA ( ) / ( ) / ( )
<b>Item 37</b> Reading for information ( ) Reading for fun ( ) Not sure ( ) Ler por informação ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( )	SO / OP / EA ( ) / ( ) / ( )

Ler por diversão ( ) Não tenho certeza ( )			
<b>Item 38</b> Arguing for fun ( ) Arguing with others seriously to change their opinions ( ) Not sure ( ) Discutir por diversão ( ) Discutir com outras pessoas seriamente para mudar suas opiniões ( ) Não tenho certeza ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( )	SO / OP / EA ( ) / ( ) / ( )
<b>Item 39</b> Winning a game ( ) Playing a game for fun ( ) Not sure ( ) Vencer um jogo ( ) Jogar um jogo por diversão ( ) Não tenho certeza ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( )	SO / OP / EA ( ) / ( ) / ( )
<b>Item 40</b> Traveling a great deal in one's job ( ) Working in one office or work-shop ( ) Not sure ( ) Viajar para um grande negócio no trabalho ( ) Trabalhar em um escritório ou loja ( ) Não tenho certeza ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( )	SO / OP / EA ( ) / ( ) / ( )
<b>Item 41</b> Planning ahead ( ) Taking each day as it comes ( ) Not sure ( ) Planejar o futuro ( ) Passar cada dia como ele vem ( ) Não tenho certeza ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( )	SO / OP / EA ( ) / ( ) / ( )
<b>Item 42</b> Planning a holiday ( ) Being on holiday ( ) Not sure ( ) Planejar as férias ( ) Estar em férias ( ) Não tenho certeza ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( )	1 / 2 / 3 / 4 / 5 ( ) / ( ) / ( ) / ( )	SO / OP / EA ( ) / ( ) / ( )
<b><u>DIMENSÕES DA ESCALA</u></b> SO – Seriedade do objetivo OP – Orientação ao planejamento EA – Evitar ativação			
<b>OBSERVAÇÕES E SUGESTÕES</b>			



## APNDICE E: AUTORIZAÇÃO DA SECRETARIA DE ESPORTE DO PARANÁ



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
EDUCAÇÃO FÍSICA UEM/UEL



### SECRETARIA DE ESTADO DO ESPORTE

#### TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Venho por meio deste documento, autorizar o mestrando GUILHERME MORAES BALBIM a desenvolver o projeto de pesquisa intitulado "ESTUDO DA VALIDADE E CONSISTÊNCIA INTERNA PARA A LÍNGUA PORTUGUESA ESCALA DE DOMINÂNCIA TÉLICA", na fase final dos Jogos Abertos do Paraná de 2012. Declaro para os devidos fins, que estou ciente de que o pesquisador é discente do Programa Associado de Pós-Graduação em Educação Física UEM/UEL, em nível de Mestrado, orientado pela Profª Dra. Lenamar Fiorese Vieira, e estará desenvolvendo atividades de pesquisa no âmbito desta Unidade de Ensino. Caso necessário, a qualquer momento o pesquisador poderá ter o termo de autorização cancelado, se comprovada atividades que causem algum prejuízo para esta instituição.

Curitiba, 28 de Março de 2012.

DIRETOR/COORDENADOR/SECRETÁRIO DE ESPORTES

**José Alberto de Campos**

Assistente  
Secretaria de Estado do Esporte  
Decreto nº 3.833/2012

## APÊNDICE F: AUTORIZAÇÃO DA SECRETARIA MUNICIPAL ADJUNTA DE ESPORTES DO MUNICÍPIO DE JUNDIAÍ



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
EDUCAÇÃO FÍSICA UEM/UJEL




SECRETARIA MUNICIPAL ADJUNTA DE ESPORTES DO MUNICÍPIO DE JUNDIAÍ

### TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Venho por meio deste documento, autorizar o mestrando GUILHERME MORAES BALBIM a desenvolver o projeto de pesquisa intitulado "ESTUDO DA VALIDADE E CONSISTÊNCIA INTERNA PARA A LÍNGUA PORTUGUESA DA ESCALA DE DOMINÂNCIA TÉLICA", com as equipes adultas de modalidades coletivas e individuais do município de Jundiaí. Declaro para os devidos fins, que estou ciente de que o pesquisador é discente do Programa Associado de Pós-Graduação em Educação Física UEM/UJEL, em nível de Mestrado, orientado pela Prof<sup>a</sup> Dra. Lenamar Fiorese Vieira, e estará desenvolvendo atividades de pesquisa no âmbito desta Unidade de Ensino. Caso necessário, a qualquer momento o pesquisador poderá ter o termo de autorização cancelado, se comprovada atividades que causem algum prejuízo para esta instituição.

Jundiaí, 18 de abril de 2012.

  
Prof. Alaércio Borelli  
Secretário Adjunto de Esportes  
Representante da Secretaria Municipal Adjunta de Esportes de Jundiaí

## APÊNDICE G: PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA COM SERES HUMANOS

Plataforma Brasil - Ministério da Saúde

Universidade Estadual de Maringá

### PROJETO DE PESQUISA

Título: ESTUDO DE VALIDAÇÃO PARA A POPULAÇÃO BRASILEIRA DA ESCALA DE DOMINÂNCIA TÉLICA

Área Temática:

Pesquisador: Lenamar Fiorese Vieira

Versão: 1

Instituição: Universidade Estadual de Maringá

CAAE: 04628212.9.0000.0104

### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Número do Parecer: 78593

Data da Relatoria: 20/08/2012

#### Apresentação do Projeto:

O presente projeto trata de encontrar novos instrumentos para estudos na área da Psicologia do Esporte. Como a grande maioria dos instrumentos de avaliação nessa área é composta por questionários e os mesmos são produzidos por pesquisadores internacionais, carecem serem traduzidos e validados. Nesse projeto os pesquisadores traduzirão e testarão, através de métodos pré estabelecidos, o Telic Dominance Scale (TDS). Para tanto a versão na língua portuguesa desse instrumento será obtida a partir do método de tradução cross-cultural. Participarão do estudo 7 profissionais (4 tradutores e 3 doutores em Psicologia do Esporte); e 500 atletas das modalidades coletivas futebol, futsal, voleibol, basquetebol, handebol, rúgbi e vôlei de praia e individuais atletismo, natação e xadrez de municípios participantes dos Jogos Abertos do Paraná e das equipes do município de Jundiá-SP, participantes dos Jogos Abertos do Interior. A avaliação será realizada por meio de uma pesquisa descritiva, na qual cada atleta responderá o questionário duas vezes (teste-reteste). O instrumento será avaliado quanto à validade de conteúdo (coeficiente de validade de conteúdo), consistência interna (alfa de Cronbach), correlações inter e intra-itens (coeficiente de correlação inter e intra classes) e análise fatorial exploratória e confirmatória.

#### Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Validar para a língua portuguesa e para uma população brasileira o Telic Dominance Scale (TDS).

Objetivo Secundário:

Fazer a tradução reversa e independente do Telic Dominance Scale (TDS) para a língua portuguesa; verificar a validade dos itens do TDS quanto à clareza, pertinência e dimensão teórica; avaliar a validade fatorial exploratória da Escala de Dominância Télica (EDT) para uma população brasileira; avaliar a validade fatorial confirmatória da escala de Dominância Télica (EDT) para uma população brasileira.

#### Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

O pesquisador deverá minimizar qualquer tipo de risco no estudo, principalmente no que se refere ao anonimato dos sujeitos do estudo.

Benefícios:

Os benefícios esperados são principalmente para profissionais da área da Educação Física e Psicologia do Esporte, em relação ao auxílio no planejamento de diferentes ações e estratégias para a manutenção de estados metamotivacionais adequados em praticantes de esportes, e conseqüentemente, o alcance de um bom desempenho e dos objetivos propostos.

#### Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto em questão demonstra relevância científica e mérito ético, em função dos potenciais benefícios que poderá auferir aos sujeitos envolvidos. O delineamento se mostra adequado aos

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

A folha de rosto foi apresentada e está assinada pela pesquisadora responsável e pelo Prof. Dr. Luiz Silva Santos, chefe do Depto de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá.

Foram apresentados dois formulários de autorização, assinados por seus respectivos representantes, autorizando o mestrando Guilherme Moraes Balbim, do Programa Associado de Pós Graduação em Educação Física UEM/UEM a aplicação dos questionários:

- Um da Secretaria Municipal Adjunta de Esportes do Município de Jundiá-SP,

- e outro da Secretaria de Estado do Esporte (este último, não informa de que estado - presume-se seja do PR, por se tratar dos jogos abertos do PR).

Ambos os documentos apresentam o logotipo da UEM (requerente), o que nos causa estranheza, pois documentos de autorização devem conter o logotipo do órgão cedente da mesma, juntamente com os respectivos dados sociais.

O cronograma de execução foi apresentado, prevendo uma duração total do estudo de 7 meses, iniciando-se em 30/07/2012 (data na qual o projeto ainda não foi apreciado e aprovado por esse comitê) e finalizando em 27/02/2013. Porém, em um outro documento anexado, o cronograma prevê duração de 12 meses, com coleta de dados a partir da aprovação por este comitê.

O orçamento do estudo, totalizando R\$ 1.300,00, será custeado pela própria pesquisadora.

No projeto é apresentado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) dirigido diretamente aos sujeitos da pesquisa, convidando-os para participar do projeto, com uma breve descrição do mesmo, esclarecendo que a participação é voluntária, podendo os participantes recusar-se ou desistir de participar a qualquer momento sem ônus ou prejuízo, sendo garantido o sigilo e confidencialidade e se propondo a sanar qualquer dúvida ou necessidade demonstrada. Portanto, o TCLE está em acordo com a Resolução 196/96-CNS.

**Recomendações:**

Em próximas proposições, recomenda-se que o termo de autorização componha-se de documento com tal finalidade, fazendo constar o devido detalhamento da instituição cedente. O signatário também deverá ser devidamente identificado, de modo a configurar sua autoridade administrativa.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Face ao exposto, e considerando o processo de análise ética do protocolo, à luz das normativas vigentes, e tendo em vista que as recomendações supra-arroladas não se caracterizam em óbices éticos, podendo ser adequados sem a necessidade de nova submissão, este comitê de ética em pesquisa se manifesta por aprovar o protocolo na forma em que ora se apresenta.

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Face o exposto e considerando a apreciação do protocolo à luz da normativa ética vigente, este comitê de ética em pesquisa se manifesta pela aprovação do mesmo.

## APÊNDICE H: VERSÃO PARA LÍNGUA PORTUGUESA DO TDS COM 17 ITENS

### ESCALA DE DOMINÂNCIA TÉLICA

Instruções:

Aqui estão algumas escolhas alternativas. Se você tivesse liberdade de escolha, qual das alternativas seguintes você normalmente preferiria. Por favor, complete todos os itens colocando um X no parêntese correspondente a sua escolha, fazendo uma escolha para cada item numerado. Somente se você não é capaz de fazer uma escolha, você deve colocar um X no parêntese correspondente a “Não tenho certeza”. Tente responder todos os itens fazendo um X em um dos parênteses para cada item, usando “Não tenho certeza” o menos que puder. Responda rapidamente e não gaste muito tempo em um item qualquer, é a primeira reação que queremos.

Isso não é um teste de inteligência ou habilidade e não há resposta certa ou errada.

- 1) Ir para a aula à noite para melhorar o seu conhecimento ( )  
 Ir a aulas à noite por diversão ( )  
 Não tenho certeza ( )
- 2) Melhorar uma habilidade esportiva jogando um jogo ( )  
 Melhorá-la através de treinamento ( )  
 Não tenho certeza ( )
- 3) Planejar seu lazer ( )  
 Fazer as coisas sem planejamento ( )  
 Não tenho certeza ( )
- 4) Atividades de lazer ( )  
 Atividades de trabalho ( )  
 Não tenho certeza ( )
- 5) Viajar nas férias por duas semanas ( )  
 Tirar duas semanas de tempo livre para terminar uma reforma necessária em casa ( )  
 Não tenho certeza ( )
- 6) Levar a vida seriamente ( )  
 Encarar a vida de forma despreocupado (a) ( )  
 Não tenho certeza ( )
- 7) Gastar R\$200,00 em um final de semana prazeroso ( )  
 Gastar R\$200,00 para pagar uma dívida ( )  
 Não tenho certeza ( )

- 8) Comer coisas especiais porque você gosta delas ( )  
Comer coisas especiais porque são boas para sua saúde ( )  
Não tenho certeza ( )
- 9) Definir ambições de vida a longo prazo ( )  
Viver a vida como ela é ( )  
Não tenho certeza ( )
- 10) Sempre tentar terminar seu trabalho antes de se divertir ( )  
Sair frequentemente para se divertir antes de terminar todo seu trabalho ( )  
Não tenho certeza ( )
- 11) Feliz em desperdiçar tempo ( )  
Sempre estar ocupado ( )  
Não tenho certeza ( )
- 12) Olhar as figuras de um livro ( )  
Ler uma biografia ( )  
Não tenho certeza ( )
- 13) Ler por informação ( )  
Ler por diversão ( )  
Não tenho certeza ( )
- 14) Questionar por diversão ( )  
Questionar outras pessoas seriamente para mudar suas opiniões ( )  
Não tenho certeza ( )
- 15) Vencer um jogo ( )  
Jogar um jogo por diversão ( )  
Não tenho certeza ( )
- 16) Planejar o futuro ( )  
Passar cada dia como ele é ( )  
Não tenho certeza ( )
- 17) Planejar as férias ( )  
Estar em férias ( )  
Não tenho certeza ( )

Obrigado pela colaboração!

Dimensões	Descrição	Itens
Seriidade do Objetivo (SO)	Frequência com que o sujeito enxerga ele próprio como estando engajado em atividades com uma proposta primária de alcançar alguma meta além da atividade em si.	4 <sup>b</sup> , 5 <sup>b</sup> , 6 <sup>a</sup> , 8 <sup>b</sup> , 11 <sup>b</sup> , 12 <sup>b</sup> , 13 <sup>a</sup> , 14 <sup>b</sup> , 15 <sup>a</sup>
Orientação ao planejamento (OP)	Frequência com que o sujeito enxerga ele próprio como estando engajado em atividades que requerem um planejamento anterior e orientação para o futuro, ao invés de atividades que não são planejadas, espontâneas ou orientadas por “aqui e agora”.	1 <sup>a</sup> , 2 <sup>b</sup> , 3 <sup>a</sup> , 7 <sup>b</sup> , 9 <sup>a</sup> , 10 <sup>a</sup> , 16 <sup>a</sup> , 17 <sup>a</sup>

a) Opção de resposta télica “a”; b) Opção de resposta télica “b”.